Todd G. Buchholz

Novas idéias de economistas mortos

Tradução de
LUIZ GUILHERME B. CHAVES
REGINA BHERING



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2000

II

A SEGUNDA VINDA DE ADAM SMITH

Quando Ronald Reagan ganhou a eleição presidencial de 1980, os conservadores exultaram. Em coquetéis e reuniões eles se congratulavam uns com os outros e aguardavam a prosperidade sob a "Reaganomics". Eles também perceberam que estavam usando a mesma gravata que caracterizava o perfil de Adam Smith.

Por que políticos e ativistas que se vangloriavam do seu patriotismo estavam ostentando o perfil de um escocês do século XVIII? Por que não Theodore Roosevelt, Thomas Jefferson ou mesmo Barry Goldwater? Adam Smith poderia realmente ser mais relevante para a crise econômica contemporânea do que milhares de economistas e líderes políticos que se seguiram?

Adam Smith acreditava que as suas idéias seriam relevantes para sempre. Esse era um traço comum aos intelectuais do século XVIII. Uma época verdadeiramente revolucionária. O fermento político começou a borbulhar na França e na América. Na época em que Adam Smith escreveu a sua maior obra, *A riqueza das nações*, comerciantes estavam negociando dentro das ilhas britânicas e através dos sete mares, a população estava se expandindo, os negociantes estavam organizando pequenas fábricas e os sistemas bancários estavam se espalhando pela Grã-Bretanha e pelo continente euro-

peu. Mas a revolução mais profunda e poderosa do Iluminismo foi provocada por pensadores que buscavam novas explicações para o mundo que os cercava. Não admira que Smith tenha proclamado uma vez em suas conferências: "O homem é um animal ansioso."[1]

Desde a Idade Média até aproximadamente a época de Colombo, os teólogos tinham dominado o pensamento intelectual na Europa. Os mais velhos na Igreja interpretavam os fenômenos naturais de acordo com a doutrina religiosa. Mas no século que levava ao nascimento de Smith, mais e mais pessoas começaram a seguir os audazes caminhos de Francis Bacon e Nicolau Copérnico, procurando explicações racionais para os acontecimentos naturais. Finalmente, os cientistas surgiram independentes das regras da Igreja, aplicando o "método científico" para as leis da natureza independente de conclusões controversas.

Galileu Galilei atacava o clichê religioso de que Deus deu ao homem apenas dois livros, a Bíblia e a natureza. Afirmando que a linguagem do livro da natureza era matemática, Galileu provou por meio da matemática e da experimentação, sem a ajuda das sagradas escrituras, a sua lei da queda dos corpos. Galileu sabia que estava pisando em terreno traiçoeiro e tentou evitar a condenação. Temeroso quando, em 1632, os seus experimentos com o telescópio confirmaram a heresia de Copérnico de que a Terra girava em torno do Sol, ele dedicou as suas descobertas ao papa. Ele estava certo a respeito da Terra. E estava certo em temer a cólera da Igreja, pois conseqüentemente um tribunal o condenou.

Perto do final do seu *Discurso do método* (1637), René Descartes prenunciou a explosão do pensamento no século XVIII argumentando que através da ciência prática os homens podiam ser os "mestres e possuidores da natureza".

A figura eminente no Iluminismo, entretanto, era Isaac Newton. Ele seguia as pesquisas científicas de Galileu, procurando além dos textos religiosos por respostas, que revelou na sua teoria da gravidade, nas leis do movimento físico e na invenção do cálculo. Newton parecia retratar Deus como um motor-chave apenas no início dos

tempos, e responsável pelo mundo atual como o é um proprietário de uma loja de penhores depois que um relógio empenhado deixa a loja. O filósofo alemão Leibniz achava que Newton blasfemava ao descrever Deus como um tosco relojoeiro.

Adam Smith nasceu em meio a esse movimento. Assim como Galileu e Newton, Smith procurava as relações de causa e efeito. Mas em vez de focalizar os planetas ele focalizava as pessoas.

Nascido em 1723, Smith cresceu com a mãe em Kircaldy, um pequeno porto localizado do outro lado do estuário de Forth a partir de Edimburgo. Seu pai, um controlador aduaneiro, tinha morrido alguns meses antes do seu nascimento. Smith, por sua vez, nunca se casou.

Embora não ficasse aparente pelas gravatas de Adam Smith usadas em Washington, Smith era um escocês de aparência esquisita. Ele tinha um grande nariz, olhos salientes, lábio inferior proeminente, um espasmo nervoso e um defeito de articulação. Smith uma vez reconheceu as suas características pouco comuns, dizendo: "Eu não sou formoso em nada, exceto nos meus livros."

Bom aluno, Smith entrou para a Universidade de Glasgow aos catorze anos e mais tarde aceitou uma bolsa de estudos para o Balliol College, em Oxford. Assim como muitos outros estudantes universitários de sua época, Smith pretendia estudar teologia e entrar para o sacerdócio. Assim como muitos estudantes universitários de qualquer época, Smith reclamava dos seus professores. Ele denunciou os conferencistas: "Na Universidade de Oxford, a maior parte dos professores públicos tem, por todos esses anos, desistido totalmente até mesmo da pretensão de ensinar."[2] Mais sério ainda, Smith excedeu-se na censura acadêmica e queixou-se a amigos de que funcionários da universidade tinham confiscado o seu exemplar da obra prenunciadora de David Hume, *Tratado da natureza humana*. Embora lhe fosse permitido ler todos os antigos gregos e clássicos latinos, Smith era proibido de ler uma das obras mais poderosas da sua própria época.

Apesar das restrições acadêmicas, Smith foi tão influenciado

pelo ceticismo de David Hume (*A Theory of Human Nature* tem o subtítulo de "An Attempt to introduce the experimental method of Reasoning into moral subjects") que se recusou a continuar se preparando para o sacerdócio. Em vez disso, retornou a Kircaldy, onde mais tarde passou a proferir conferências públicas sobre retórica e legislação.

Em 1748, Smith retornou para a Universidade de Glasgow para lecionar lógica. No ano seguinte ele ocupou a cadeira de filosofia moral deixada vaga pelo seu antigo professor Frances Hutcheson. Um "radical do campus", Hutcheson tinha provocado os administradores ao se recusar a lecionar em latim. O presbítero então processou-o por difundir as seguintes doutrinas "falsas e perigosas":

1. O padrão de aferição do bem moral é a promoção da felicidade aos outros.
2. É possível conhecer o bem e o mal sem conhecer Deus.

Como veremos, Smith tinha absorvido muitas das perigosas declarações de Hutcheson. Hutcheson representava nobremente a liberdade acadêmica diante do dogma reinante. Ao contrário de Galileu, Hutcheson não tentou evitar a censura dedicando os seus ensinamentos ao papa, o que, de qualquer modo, não teria feito muito bem à Escócia protestante.

É interessante observar que as idéias de Smith são geralmente associadas hoje em dia com políticos conservadores, e ainda assim, por serem as suas raízes intelectuais bastante radicais, alguns conservadores contemporâneos sentem-se pouco à vontade em relação a Smith. Outros, entretanto, procuram desesperadamente colocar as suas teorias capitalistas no mesmo altar em que estão Deus, mamãe, a torta de maçã e a democracia.

Longe de seguir o estilo sonolento dos lentes de Oxford que tinha atacado, o Smith professor rapidamente ganhou reputação pelas preleções lúcidas e pela preocupação com os seus alunos. Embora ele lecionasse, orientasse e mantivesse discussões informais, Smith também encontrava tempo para trabalhar como tesoureiro da universidade e mais tarde como decano da faculdade.

Smith nunca lecionou num curso de economia. Na verdade, Smith nunca freqüentou um curso de economia. Ninguém o fazia. Até o século XIX, os acadêmicos consideravam a economia um ramo da filosofia. Somente em 1903 a Universidade de Cambridge estabeleceu um programa de economia separado das "ciências morais". No entanto, Smith introduziu os seus pensamentos preliminares sobre economia nas preleções sobre jurisprudência. As seguintes notas, tomadas por um estudante, assinalam a gênese da sua análise-chave sobre o trabalho mais tarde elaborado na sua obra *A riqueza das nações*:

> "A divisão do trabalho é a maior causa do aumento da opulência pública, que é sempre proporcional à atividade do povo, e não à quantidade de ouro e prata, como se imagina absurdamente."[3]

Até agora nós temos discutido a educação de Smith e a sua aparência, mas temos evitado a argúcia da sua personalidade. É um assunto delicado. Sigmund Freud observou que as pessoas têm uma tendência a apregoar o *status* dos seus antepassados. Ele chamava isso de o "romance familiar". Economistas em formação podem ficar desapontados ao descobrir que o seu antepassado não era tão inteligente quanto Newton, nem tão espirituoso quanto Voltaire, e nem tão escandaloso quanto Byron. Na verdade, apesar da tendência ao "romance familiar", os historiadores da economia admitem que Smith era um tanto trapalhão.

Economistas profissionais têm agora ciência de muitas histórias sobre Smith agir de modo distraído. Não obstante, essas lendas podem ainda divertir o estudante iniciante.

Um dia, enquanto o excelentíssimo Charles Townshend estava em Glasgow, Smith o levou para um passeio num curtume. Enquanto fazia rapsódias aos méritos do livre comércio, Smith

caminhou diretamente para um poço enorme e nauseabundo cheio de uma substância pegajosa. Depois que os trabalhadores o tiraram lá de dentro, o despiram e jogaram um cobertor sobre ele, Smith queixou-se de que nunca conseguia manter a sua vida em ordem.

Em outra ocasião, Smith saiu da cama e começou a andar. E a andar. Vinte e cinco quilômetros depois o som do sino de uma igreja o despertou. O economista mais famoso daquela época foi encontrado correndo de volta para casa, com a camisola balançando ao vento.

Smith, o filósofo

Mesmo antes de Smith ter escrito *A riqueza das nações*, ele ganhou fama em 1759 com o seu livro sobre comportamento ético, *Teoria dos sentimentos morais*. Quando as vendas estouraram, ele se tornou conhecido como "Smith, o filósofo". *Teoria dos sentimentos morais* seguiu a tradição do Iluminismo. Assim como os cientistas procuravam a origem do sistema solar, Smith procurava a origem da aprovação ou desaprovação moral.

Como pode um homem que está fundamentalmente interessado em si mesmo fazer julgamentos morais que satisfaçam outras pessoas? Afinal, cada pessoa se situa no centro do seu próprio sistema, assim como o Sol se situa no centro dos planetas. O Sol se importa com o que os planetas menores pensam? Smith lutou com esse paradoxo, se perguntando por que, se as pessoas são egoístas, cada cidade não se parece com o estado vicioso da natureza que o teórico político Thomas Hobbes retratou no *Leviatã*. Hobbes argumentava que a vida do homem é "solitária, pobre, sórdida, grosseira e curta" até que surge o governo.

Finalmente, Smith engendrou uma resposta inteligente. Quando as pessoas se confrontam com escolhas morais, disse ele, elas imaginam um "espectador imparcial" que pondera cuidadosamente e

as aconselha. Em vez de simplesmente seguir o seu interesse próprio, elas aceitam o conselho do observador imaginário. Dessa maneira, as pessoas decidem com base na concordância, não no egoísmo.

Muitos críticos difamam os modernos economistas por adotar apenas motivos egoístas, por se preocupar apenas com custos e benefícios e por ignorar o lado mais nobre do homem. O economista é, declaram eles, um anão moral. O ataque pode se aplicar a alguns — mas não a Adam Smith. Não apenas conhecendo a simpatia e o sentimento, ele devotou todo o seu livro a essas emoções. Além disso, ele chamou a atenção para muitos conceitos desenvolvidos pela psicanálise freudiana mais de um século mais tarde. O conceito freudiano do "superego", a consciência que impede os seres humanos de praticarem determinados atos e os faz sentirem-se culpados quando eles não a escutam, não está tão distante do conselheiro que Smith descreve.

A reputação de Smith alçou vôo enquanto o seu livro se difundia na Grã-Bretanha e no continente europeu. Estudantes ricos, cujos pais ouviram falar das realizações do escocês, deixavam as suas escolas na França, Suíça e Moscou para se inscrever em Glasgow. Pode-se imaginar Smith no século XX aparecendo nos *talk shows* do rádio e da televisão fazendo propaganda do seu livro. Devido à sua distração crônica, ele podia ter sido um convidado interessante, principalmente aparecendo na televisão tarde da noite na sua camisola. Smith certamente não estava satisfeito em permanecer trancado numa torre de marfim. Em Glasgow ele se juntava a estudantes universitários, encontrando-se com banqueiros, negociantes e políticos. No Clube de Economia Política ele tentava descobrir como os homens de negócios realmente operavam. Como nós veremos, ele aprendeu a não confiar nos motivos dos comerciantes.

Para a França e os fisiocratas

Logo, até mesmo a cosmopolita Glasgow começou a entediar Smith, e ele renunciou ao seu cargo de professor em 1764 para tornar-se o preceptor do filho do último duque de Buccleuch. A mãe do menino, condessa de Dalkeith, tinha acabado de se casar com o admirador de Smith, Charles Townshend, que mais tarde surgiu como ministro do Tesouro e abriu seu caminho em direção aos livros de história quando os seus impostos animaram alguns colonos do outro lado do Atlântico a fazer um bule de chá do porto de Boston. Esse emprego de preceptor envolvia viagens pela Europa, ajudando o menino a desenvolver um polonês correto, assistindo a tolices em profusão e aceitando 300 libras por ano mais despesas e uma pensão de 300 libras por ano (aproximadamente duas vezes a sua renda anterior). Smith consultou o seu conselheiro imparcial, que aprovou com simpatia. Forçado pela oferta a deixar Glasgow no meio do período, Smith procurou reembolsar os honorários que ele tinha recebido dos seus devotados alunos. Eles recusaram.

A primeira e mais tediosa parada da viagem foi em Toulouse, na França. O desagrado de Smith relembra o antigo traço de *vaudeville* sobre passar uma semana no Brooklyn uma noite. Smith teria ficado mais feliz com uma semana no Brooklyn, pois pelo menos eles falam uma espécie de inglês lá, enquanto Smith quase não falava francês. Em vez de uma semana eles ficaram um ano e meio. Samuel Johnson disse uma vez que nada deixa a mente de um homem tão maravilhosamente concentrada do que saber que ele deve ser enforcado em quinze dias. Toulouse não era um completo cadafalso, mas inspirou Smith a se concentrar e escrever sobre economia. Numa carta bastante humilde para Hume, ele relatou: "Eu comecei a escrever um livro para passar o tempo."[4]

Depois do sul da França, a comitiva foi para Genebra, onde Smith encontrou-se com Voltaire, e finalmente para Paris. Paris estava fervilhando de criatividade artística e intelectual. Smith aproveitou o teatro, conheceu personalidades estimulantes, incluindo

Benjamin Franklin, e descobriu uma vibrante escola de economia conhecida como fisiocracia. Fundada por François Quesnay, um médico da corte de Luís XV com amigos no alto escalão e uma opinião elevada a respeito de si mesmo, os fisiocratas apresentavam algumas idéias bastante simples numa linguagem inescrutável e um gráfico misterioso chamado de *Tableau economique*. Quesnay reuniu discípulos obsequiosos que o chamavam de mestre, pai, "o Confúcio da Europa", e o "Sócrates moderno".[5] Os fisiocratas levaram vigorosamente adiante a procura do Iluminismo pelas leis da natureza, mas eles não acreditavam que o homem podia controlar inteiramente a natureza — somente que as pessoas poderiam prosperar se compreendessem as suas leis. Na verdade, fisiocracia significa "governo da natureza".

O *Tableau economique* ilustra brilhantemente o pensamento fisiocrático. Da mesma maneira que médicos como Claude Bernard começaram a dissecar o corpo humano e mapear a circulação do sangue, Quesnay mapeava a circulação da renda na economia. Em vez de mãos, pés, braços e pernas, Quesnay via o corpo político como três classes naturalmente interdependentes: fazendeiros, artesãos e proprietários (proprietários de terras e outros soberanos). Infelizmente, ele crivou tanto o gráfico com ziguezagues que somente ele parecia compreendê-lo. Quesnay admitia que até mesmo o seu principal discípulo, Mirabeau, o velho, estava muito "atolado no ziguezague".[6] Apesar disso, num estilo bajulador, Mirabeau louvava o quadro como uma invenção tão extraordinária quanto a da escrita.

Os fisiocratas argumentavam energicamente em relação a dois pontos: primeiro, que a riqueza surgia da produção, não da aquisição do ouro e da prata, como pensavam os mercantilistas; segundo, que apenas o empreendimento da agricultura produzia riqueza, enquanto os comerciantes, fabricantes e outros trabalhadores não o faziam. Num exame de economia eles estariam 50 por cento corretos. Eles afirmavam corretamente que uma nação que produz bens é mais rica do que uma nação que simplesmente acumula

reservas de metais preciosos, mas eles perdem pontos argumentando que a manufatura, o comércio e os serviços são "estéreis", improdutivos e meros transferidores de riqueza. Sem ziguezaguear através do modelo, podemos observar que os fisiocratas defendiam políticas para tornar a agricultura, o único setor produtivo, ainda mais produtivo. Por exemplo, eles exigiam que o governo livrasse a economia de restrições comerciais, que mantinham o valor dos arrendamentos artificialmente baixos e desencorajavam os investimentos em terras. Mais tarde, eles propuseram impostos aos proprietários de terras, não para puni-los, mas porque somente eles tinham condições de pagar, pois eram os únicos que possuíam um setor "produtivo" da economia. Em suma, os fisiocratas acolhiam entusiasticamente o conceito da propriedade privada e do ganho privado, mas viam responsabilidades concomitantes para os proprietários. Afinal, diziam aqueles, isso é apenas "natural".

Adam Smith escutou atentamente os franceses. A análise deles confirmava algumas de suas idéias, mas ele não aceitava suas afirmações sobre os setores produtivos e estéreis. Nem Hume aceitava, e pediu a um amigo que "bradasse contra eles, e os esmagasse, e os reduzisse a pó e cinzas".[7] Talvez a consciência imparcial de Smith o impedisse de desejar a pulverização. A fisiocracia é, admitia Smith, "com todas as suas imperfeições", talvez "a maior aproximação da verdade que já foi publicada a respeito de economia política". Mas, acrescentava ele com alguma condescendência, ela é "um sistema que nunca causou e provavelmente nunca causará nenhum dano em qualquer parte do mundo".[8] Dessa forma, ele afagava gentilmente as perucas empoadas dos fisiocratas, que deram ao mundo uma doutrina inócua.

Em 1766, sobreveio o pesar quando o filho mais novo e doente do duque morreu em Paris. A excursão de Smith terminou, e ele retornou a Kircaldy, passando por Londres. Durante os dez anos seguintes Smith trabalhou no seu livro, viajou para o Clube Literário em Londres para discutir idéias e erguer copos com Edward Gibbon e Edmund Burke, e trocar vulgaridades sórdidas com Samuel

Johnson e James Boswell. Apesar da virulência de Johnson, Smith recebia análises entusiasmadas dos interlocutores sempre que ele visitava Paris.

A riqueza das nações

Finalmente, em março de 1776, *A riqueza das nações*, aquele livro que Smith escreveu para passar o tempo, foi publicado. O herói de Smith, Hume, louvou-o enfaticamente, mas advertiu que a popularidade apenas viria com o tempo. Pela primeira vez Smith se rejubilou com um erro de Hume. Um sucesso instantâneo, a primeira edição esgotou-se em seis meses.

Mas é um bom livro? Não é apenas um bom livro, mas um grande livro. Com o orgulho excessivo que incitava os deuses a abater os trágicos heróis gregos, Smith encarou confiantemente o mundo e lançou novecentas páginas de análise, profecia, fato e fábula — a maioria clara, fascinante e que tinha como objetivo ajudar o leitor a compreender. *A riqueza das nações* introduz os leitores no mundo da filosofia, da política e dos negócios com um arguto, cético e ainda assim fundamentalmente otimista Smith como guia. Logo que explode a Revolução Industrial, Smith assinala confiantemente cada participante, do fazendeiro ao frade e do negociante ao transportador, dando com mestria o sentido da sublevação social. Além disso, Smith aborda a política econômica sem a tendenciosidade de um determinado partido ou classe. Ninguém poderia acusá-lo de bajulação ou insinceridade. Embora finalmente endosse a ascensão do burguês, ele adverte a sociedade para que não sucumba inocentemente às lisonjas do burguês. De uma certa forma, a publicação de *A riqueza das nações* produziu uma declaração de independência para os economistas.

O título completo revela a chave da obra-prima de Smith: *Indagações sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*. Observemos que Smith se concentra numa meta em particular: des-

cobrir leis causais que expliquem como conquistar a riqueza. Só por si, o título já o coloca na tradição do Iluminismo. O texto confirma a suspeita explicando as leis que dirigem os "agentes econômicos" e delineando as implicações dessas leis comportamentais para a sociedade. "Agentes econômicos" pode soar um pouco técnico, mas Smith quer dizer simplesmente pessoas, pois todo mundo em algum momento do dia é um agente econômico. E assim como não poderia haver o *Hamlet* sem o príncipe, Smith não poderia construir a economia sem entender as pessoas. Nisso ele segue a orientação de Maquiavel e Hobbes, cada um dos quais via os homens como eles eram, não como deviam ser. Hobbes falava da vida como "apenas o movimento de um membro (...). Pois o que é o coração senão uma *mola* e os *nervos* senão muitos cordões; e as *juntas* senão muitas *rodas* dando movimento ao corpo inteiro (...)?" (grifos de Hobbes).[9] O homem é observável e sujeito a pecar.

As importantes tendências ou "propensões" naturais que Smith descobre na natureza humana formam a base da sua análise e o fundamento da economia clássica. Todos os seres humanos querem viver melhor do que vivem. Smith descobre um "desejo de melhorar a nossa condição, um desejo que, embora geralmente calmo e desapaixonado, vem conosco do útero, e nunca nos abandona até que nós vamos para o túmulo". Entre o útero e o túmulo "existe um instante escasso e talvez único no qual qualquer homem está tão perfeita e completamente satisfeito com a sua situação, que não tem nenhum desejo de alteração ou melhoria de nenhum tipo".[10] Em segundo lugar, Smith assinala "uma certa propensão na natureza humana (...) para negociar, permutar e trocar uma coisa por outra (...) isso é comum a todos os homens".[11]

Para aumentar a riqueza das nações, Smith argumenta que a sociedade deveria explorar essas tendências naturais. O governo não deveria reprimir as pessoas egoístas, pois o egoísmo é uma rica fonte natural. As pessoas seriam idiotas e as nações ficariam empobrecidas se elas dependessem de caridade e altruísmo. Smith afirma que o homem quase constantemente necessita de ajuda

dos outros, mas é esperar em vão "contar com ela apenas pela sua benevolência. Será mais provável ter êxito se ele puder lhes mostrar que isso será para o seu próprio benefício". Na passagem mais citada na história do pensamento econômico, Smith proclama: "Não é pela benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que nós contamos com o nosso jantar, mas pela consideração do seu próprio interesse."[12] Mesmo aqueles que gostam de abater gado, fabricar cerveja ou fazer pães não gostariam de fazer isso todo dia se eles não fossem recompensados. Smith nunca sugere que eles são motivados apenas por seu egoísmo; ele simplesmente afirma que o interesse próprio motiva de maneira mais poderosa e consistente do que a gentileza, o altruísmo ou o martírio. Colocado de maneira sucinta: a sociedade não pode confiar o seu futuro a motivos nobres, mas deve usar os motivos mais fortes da melhor maneira possível.

Mas se todos atacam em frente na sua própria direção, por que a sociedade não se parece com uma anarquia, algo assim como uma interseção complexa de uma rodovia com sinais de trânsito quebrados? Não deveríamos ouvir um estrondo assustador quando egoísmos se chocam? Se as estradas não podem estar seguras sem uma autoridade de tráfego que designe quem pode se mover, pode uma comunidade sobreviver sem uma autoridade central de planejamento para decidir quem produz e o que é produzido?

Sim. Não somente sobreviverá, como ainda prosperará muito mais do que qualquer comunidade com planejamento central. E, mais surpreendente, ela superará tanto em produção quanto em harmonia social qualquer sistema econômico baseado em altruísmo. Smith tinha estudado astronomia e abraçou a idéia de uma harmonia natural dos planetas, mesmo se cada planeta se move em sua própria órbita. As pessoas, pensava ele, podiam se mover por diferentes caminhos e ainda assim se harmonizar e ajudar um ao outro — mas não intencionalmente. Nessa afirmação clássica, Smith declara que, se todos procurarem promover o seu próprio interesse, a sociedade prospera como um todo: "Ele (...) nem pretende promover o

interesse público, nem sabe quanto ele o está promovendo (...) visa apenas ao seu próprio ganho, e está nisso, como em muitos outros casos, guiado por uma mão invisível para promover um fim que não era parte da sua intenção."[13] Essa "mão invisível" torna-se o símbolo transparente da ciência econômica de Adam Smith.

Entretanto Smith não assentava o seu argumento em nenhum fenômeno. A mão invisível simplesmente simbolizava o verdadeiro orquestrador da harmonia social, o livre mercado. Friedrich A. Hayek, um dos mais vigorosos proponentes do livre mercado deste século, tinha dito que, se o sistema de mercado não tivesse surgido naturalmente, ele teria sido proclamado a maior invenção na história humana. Pois uma competição de mercado faz com que uma pessoa egoísta acorde pela manhã, olhe para a terra lá fora e produza a partir da sua matéria-prima não aquilo que ela quer, mas aquilo que os outros querem. Não nas quantidades que prefere, mas nas quantidades que os seus vizinhos preferem. Não pelo preço que sonha em cobrar, mas a um preço que reflita em quanto os seus vizinhos avaliam aquilo que ela fez.

O funcionamento do livre mercado

Comecemos com o nosso vizinho egoísta John como um exemplo. Ao contrário de Adam Smith, John acorda na sua própria cama, e não na praça da cidade. Enquanto lê o jornal, John admira a graciosa escultura de madeira de um abutre que está pendurada acima da sua mesa de jantar, como se estivesse pronta para investir sobre os restos de comida da mesa. John realmente gostou de esculpir o abutre. Uma idéia lhe ocorre: por que não esculpir mais abutres e vendê-los? Afinal, a madeira com tratamento especial importada da Tasmânia custaria apenas US$50 por abutre, e ele pode esculpir um por semana. Ele decide vender os abutres a US$200 cada, porque grandes lucros poderiam torná-lo rico e proporcionar-lhe as coisas com as quais ele sonha, como carros enormes e

férias devassas em Acapulco. O mais importante, porém, é que ele adora esculpir.

Ele começa a trabalhar e aluga uma loja, convidando os vizinhos e os críticos de arte locais para uma inauguração de gala. Eles riem. Ele chora. Eles acham as esculturas de abutre horríveis. Ele chora ainda mais. Ninguém compra. Finalmente a sua mãe oferece $49 por uma delas. Ele desiste — e abandona o negócio. A mão invisível ergue os polegares em sinal de aprovação. Por quê?

Em vez de produzir alguma coisa que os seus vizinhos quisessem, John produziu aquilo que ele queria. Em vez de cobrar um preço que eles concordassem em pagar, John cobrou uma soma exorbitante. Mas, no caso de John, ninguém lhe pagaria tanto quanto lhe custou para produzir os abutres. John não tinha que cobrar mais do que lhe tinha custado? Não. A resposta não é cobrar mais, mas não produzir! Por que deveria a mão invisível aprovar a saída de John dos negócios? Para fazer as esculturas, John usou recursos escassos. A terra nos dá apenas uma certa quantidade para que nós trabalhemos. Se John usou a valiosa madeira da Tasmânia, ninguém mais pôde usar. A mão invisível força as pessoas a desistir se elas não produzem algo mais valioso do que aquilo com o que elas começaram. John pegou uma madeira que valia US$50, esculpiu-a e deu ao mundo abutres que valiam menos. As sociedades não podem suportar desperdiçar recursos subtraindo do seu valor. As pessoas que usam a madeira para produzir violinos Stradivarius ou muletas para os deficientes aumentam o valor desses recursos e enriquecem a sociedade. Elas merecem aplausos da mão invisível. John merecia um soco.

John retorna à prancheta de trabalho. Serve-se de uma xícara de chá, amaldiçoa o abutre que está acima da sua mesa de jantar e dá um soco na mesa. O chá pula para fora da xícara por sobre a mesa. Agora ele amaldiçoa a si mesmo por derramar o chá na mesa nova que ele tinha feito há apenas um mês. A inspiração ataca novamente. Por que não, pergunta ele, construir mesas e vendê-las? Um pouco mais esperto dessa vez, ele encontra uma serraria que lhe for-

necerá madeira ao custo de US$100 por mesa. Esculpir, planejar e ajustar levará cerca de duas semanas por mesa. O seu tempo, imagina ele, vale US$200 por semana, com base no seu antigo trabalho como carpinteiro. Computando as ferramentas, o aluguel e outros detalhes, ele calcula o custo total por mesa de aproximadamente US$575. John procura pelas vitrines outras mesas de jantar similares e descobre que ele poderia vender as mesas por US$585. Não somente ele será capaz de pagar a si mesmo US$200 por semana, mas também obterá um lucro.

A mão invisível finalmente ergue os polegares para John em sinal de aprovação. Ele tomou recursos escassos e produziu alguma coisa mais valiosa do que aquilo com o que ele tinha começado — não de acordo com os seus próprios gostos, mas de acordo com o gosto da sociedade.

Até agora nós vimos a mão invisível encorajar e desencorajar a produção. Mas Adam Smith também nos mostra como o mercado regula os preços. Lembremos que os personagens de Smith são egoístas. Por que John não eleva os preços das suas mesas acima de US$585 para aumentar os lucros? Ele não pode. Se John elevar os seus preços, os lucros cairão, porque as pessoas simplesmente passarão direto pela sua loja e comprarão de concorrentes que cobrem menos. Naturalmente, todos os fabricantes de móveis poderiam se reunir e concordar em aumentar os preços. Mas mesmo que eles conseguissem concordar, outras pessoas egoístas veriam os altos lucros do negócio de mobília e abririam lojas. Tais empresários poderiam obter grandes lucros vendendo por preços mais baixos e roubando negócios do cartel.

Preços e lucros sinalizam aos empresários o que produzir e que preço cobrar. Altos preços e altos lucros soam como alarme nos ouvidos dos empresários, gritando para que eles comecem a produzir um determinado bem. Lucros baixos ou prejuízos agarram o empresário pelo colarinho e o sacodem impiedosamente até que ele pare de produzir.

Mas preços e lucros não são meras abstrações. O que realmente significa quando os lucros estão altos? Significa que as pessoas precisam ou querem um produto. Se os consumidores decidem que gostam mais de aparelhos de CD do que de toca-discos, a demanda pelos CDs aumentará e os produtores poderão cobrar mais. Mas os fabricantes de toca-discos reagirão aos sinais produzindo menos toca-discos e mais aparelhos de CD; os trabalhadores serão desviados de uma fábrica para outra; e o preço voltará ao normal. Durante a última década os preços de computadores e aparelhos de CD caíram não apenas porque baixaram os custos, mas também porque muitos fabricantes de alta tecnologia entraram na competição pelos lucros. A longo prazo nenhuma indústria deveria obter mais do que um lucro normal. O livre mercado induz automaticamente aos Johns egoístas a satisfazerem aos estranhos. Nenhum planejamento central precisa ser chamado, nenhum capataz precisa coagir.

Divisão de trabalho

Adam Smith cumpriu o prometido mostrando como a mão invisível regula produção, preço e lucro. Mas o alegre escocês também prometeu nos ensinar o que aumenta a riqueza das nações. Se ele fracassa ao responder a essa questão, ele não marca mais pontos que os fisiocratas. Felizmente, ele vence novamente com uma simples resposta de três palavras: divisão de trabalho. Smith argumentou a sua questão lógica e empiricamente. O empírico surge quando ele descreve uma fábrica de alfinetes, mais uma vez numa das mais famosas passagens do pensamento econômico. Mark Twain dizia que os clássicos são livros que todo mundo possui, mas que ninguém se dá ao trabalho de ler. Mais triste ainda, os clássicos muitas vezes se tornam clichês bastante aborrecidos, e nós podemos perder a força e o impacto que eles tinham quando apareceram originalmente. Imagine o poder inicial da seguinte passagem, pois ela surgiu antes das fábricas se tornarem comuns e quando grupos de

apenas três ou quatro pessoas produziam a maior parte das mercadorias do mundo:

> Um trabalhador não instruído para (...) o ofício do fabricante de alfinetes (...) poderia dificilmente, talvez, com a sua maior habilidade, fazer um alfinete por dia, e certamente não poderia fazer vinte. Mas da maneira que o seu negócio é agora conduzido, não apenas o trabalho todo é um ofício peculiar, mas é dividido numa quantidade de ramificações, das quais a maior parte se constitui de ofícios peculiares. Um homem tira o arame, outro o endireita, outro o corta, um quarto o aponta, um quinto faz o polimento na parte de cima para receber a cabeça; fazer a cabeça requer duas ou três operações distintas; colocá-la é um ofício peculiar, clarear os alfinetes é outro; é até mesmo um ofício próprio colocá-los no papel; e o importante negócio de fazer um alfinete é, dessa forma, dividido em cerca de dezoito operações distintas, as quais, em algumas fábricas, são efetuadas por mãos distintas (...) eu vi uma pequena fábrica desse tipo onde apenas dez homens estavam empregados, e onde (...) cada pessoa [produzia em média] quatro mil e oitocentos alfinetes por dia. Mas se todos eles tivessem trabalhado separada e independentemente, e sem que nenhum deles tenha sido instruído nesse ofício específico, eles certamente não poderiam cada um deles fazer vinte, talvez nenhum alfinete por dia.[14]

Simplesmente pela especialização e divisão das tarefas, a produção de um dia pode explodir em 400.000 por cento! Como Smith pode explicar isso? Nós estamos a ponto de ser apresentados ao pé invisível ou outro fantasma imparcial que realmente trabalha por nós enquanto nós dormimos? Para ser justo com Smith, ele nunca prometeu um salto de 400.000 por cento em todas as situações. Mas anunciou três maneiras pelas quais a divisão de trabalho eleva a produção: primeiro, cada trabalhador desenvolve mais habilidade e destreza na sua tarefa em particular. Segundo, os trabalhadores perdem menos tempo mudando de uma tarefa para outra. Isso faz sentido, principalmente se a mudança de tarefas força a uma mudança de uniformes, ferramentas, ou localização. Finalmente, trabalhadores especializados mais provavelmente inventarão uma maquinaria que os ajude com as tarefas em particular nas quais eles se concentram diariamente. Smith acreditava que os trabalhadores, mais do que os engenheiros, muitas vezes impelem invenções:

> Uma grande parte dessas máquinas que são usadas nessas fábricas nas quais o trabalho é mais subdividido foram originalmente invenções de trabalhadores comuns que, sendo cada um deles empregado em alguma operação simples, naturalmente voltavam os seus pensamentos na direção de descobrir métodos mais fáceis e rápidos de desempenhá-la. Quem quer que costumasse visitar tais fábricas deve ter visto freqüentemente máquinas muito boas, que foram invenções de tais trabalhadores.[15]

Repare que, enquanto Smith começa por louvar a divisão de trabalho pela sua produtividade elevada, ele termina creditando à divisão de trabalho o avanço tecnológico.

Da metade da década de 1970 em diante, consultores empresariais, economistas e escritores de livros de negócios estudaram a indústria japonesa à procura do segredo por trás do seu sucesso. De algumas maneiras, os locais de trabalho japoneses pareciam menos divididos e menos smithianos, empregando círculos de trabalho em vez de linhas de montagem. No entanto os empresários japoneses afirmam que os seus trabalhadores inventam e inovam muito mais do que os seus colegas americanos. A glorificação dos métodos japoneses inspirou alguma emulação e algumas fábulas, como a fábula dos executivos, um japonês, um francês e um americano, todos sentenciados à morte. O executor concede um último pedido. O francês pede: "Eu gostaria de uma garrafa de Cabernet Sauvignon e um banquete onde houvesse *escargot*, faisão e *crème brulée.*" O japonês responde: "Eu gostaria de dar uma palestra sobre os méritos do gerenciamento empresarial japonês." Finalmente, o americano faz o seu último pedido: "Por favor, poderia me matar antes da palestra sobre gerenciamento japonês?"

Para despertar a eficiência, os trabalhos deveriam ser divididos por tarefa, alegava Smith. Mas advertia igualmente que a divisão de trabalho leva a uma divergência quanto aos níveis salariais para tarefas diferentes. As hipóteses complexas de Smith para índices salariais impedem uma discussão clara e concisa. Mas ele deu aos teóricos da economia bases poderosas para explicar por que um grupo é mais bem pago que outro:

1. Um trabalho pode acarretar condições desagradáveis, e assim poucos aceitam um emprego a não ser que os salários o compensem ("diferenciais compensadores"). Um lavador de janelas no alto do Empire State Building recebe mais do que uma mulher que lava um balcão de fórmica de uma lanchonete. É claro que o lavador de janelas também tem uma melhor vista.
2. Alguns trabalhos requerem treinamento especial. Estenógrafos de tribunal ganham mais do que oficiais de justiça.
3. Um trabalho irregular ou inseguro paga mais. Trabalhadores de construção recebem mais por hora do que outros trabalhadores treinados da mesma forma, porque as condições climáticas os impedem de trabalhar o mesmo número de horas.
4 Quando são requeridos altos graus de confiança, os salários sobem. Pelo fato de os leigos não poderem avaliar um diamante, eles se sentem mais seguros comprando numa loja cara mas confiável, como a Tiffany's, do que numa loja que dá descontos.
5. Quando a probabilidade de sucesso é baixa, a compensação pelo sucesso será alta. Advogados de ações civis muitas vezes aceitam casos numa contingência; ou seja, eles são pagos apenas se vencerem. Mas se vencem podem ganhar mais ainda do que os estenógrafos. Smith não acreditava que todos os agentes econômicos apresentavam uma racionalidade perfeita. Ele suspeitava que as pessoas em profissões arriscadas superestimavam as suas chances de sucesso e, conseqüentemente, terminavam com rendimentos mais baixos do que o que esperavam.

Divisão de trabalho entre cidades e países

Smith jamais garantiu que a divisão de trabalho por si só traga riqueza a uma nação, é claro. O livre comércio entre fabricantes, fornecedores, municípios e cidades também é necessário. De que servem 10 mil alfinetes se eles não podem ser comercializados por causa de restrições ou altos custos de transporte? O fabricante pode da mesma maneira fazer 20 ou talvez nenhum. Além disso, a divisão de trabalho pode ocorrer entre cidades, não apenas entre trabalhadores numa fábrica. Determinadas cidades podem se especializar, assim como podem determinados indivíduos. Boise pode produzir trigo, enquanto Boston produz computadores. A questão é, a riqueza de uma nação cresce se os mercados se expandem; isto é, se mais e mais áreas são ligadas a rotas de comércio.

Veja os Estados Unidos em 1750. As rotas de comércio através da costa leste entregavam mercadorias de modo relativamente desembaraçado de Baltimore para Boston, embora povoados a oeste da Pensilvânia tivessem de se arranjar. Um povoado auto-suficiente é análogo a um trabalhador de uma fábrica de alfinetes que precisa cortar, entortar, fixar e entregar por si mesmo. Nos Estados Unidos, quando as rotas de transporte por rios e por terra se desenvolveram e os custos de distribuição diminuíram, mais e mais cidades puderam entrar num mercado comum, elevando a riqueza das comunidades individuais e da nação como um todo. Na verdade, à medida que a indústria naval construía navios mais seguros e desenvolvia uma melhor capacidade de navegação, eram derrubados os custos de navegação através do Atlântico, o que revigorou as colônias e a Grã-Bretanha durante o século XVIII. Até mesmo a derrota de piratas contribuiu para a riqueza das nações.

A autoconfiança emersoniana pode ser parte da alma americana, mas a carteira de dinheiro dos americanos engordou apesar disso.

Enquanto pleiteava o livre comércio, Smith insistia em que a Inglaterra ganharia com o comércio se pudesse comprar uma mer-

cadoria de outro país por menos do que o custo de produzir essa mercadoria na Inglaterra. Os ingleses podem não gostar dos franceses, mas se uma garrafa de vinho branco francês custa 2 libras a Inglaterra será insensata se produzir vinho. A França tem uma "vantagem absoluta" quanto ao vinho. Naturalmente, se o vinho francês custa duas vezes mais do que o vinho inglês, a Inglaterra será insensata se comprar o vinho francês. A questão de Smith está bem considerada, pois por que deveria a Inglaterra desperdiçar recursos escassos que poderiam ser utilizados para produzir lã a um custo mais baixo do que na França, em vez de produzir uvas a um custo mais alto? De acordo com Smith, os países deveriam importar apenas aqueles produtos nos quais outro país tivesse vantagem absoluta. (Tenha em mente o argumento de Smith, pois David Ricardo mostra um verdadeiro brilhantismo quando o reformula e persuade quase todos os economistas depois disso de que o comércio pode enriquecer uma nação, mesmo quando nenhum outro país produza por um custo menor.)

Usando o seu sobretudo como exemplo, Adam Smith citou todos os trabalhadores diversos e geograficamente divididos que juntos tornaram possível a ele se manter aquecido: pastores de ovelhas, classificadores de lã, cardadores de lã, tingidores, fiandeiros, tecelões, comerciantes e marinheiros (supondo, com acerto, que os elementos do seu casaco fossem importados). O mais surpreendente, nenhum desses trabalhadores tinha que conhecer algum dos outros, conhecer Smith, ou saber por que Smith queria um casaco. Tudo o que eles precisavam saber era que o salário para pastorear ou tingir era o suficiente para fazer com que o seu trabalho valesse a pena; ou seja, alguém queria pagar a eles por contribuírem para o produto final. Hayek tomaria posteriormente o argumento de Smith num importante artigo, assinalando a dispersão de informação como um dos maiores obstáculos à sociedade. Nenhum planejamento central poderia reunir toda a informação necessária para decidir se a sociedade deveria produzir um casaco para Adam Smith; e, mesmo que ele tivesse toda a informação, poderia mudar. Mas o

sistema de preço de mercado diz aos indivíduos tudo o que eles precisam saber. Hayek utiliza o exemplo do estanho na seguinte passagem:

> Imagine que em algum lugar no mundo uma nova oportunidade para o uso do (...) estanho tenha surgido, ou que uma das fontes de suprimento de estanho tenha sido eliminada. Não tem importância para os nossos propósitos — e é muito significativo que não tenha importância — qual dessas duas causas tornou o estanho mais escasso. Tudo o que os usuários do estanho precisam saber é que parte do estanho que eles costumavam consumir agora é empregado de maneira mais lucrativa em outro lugar, e que conseqüentemente eles precisam economizar estanho. Não é necessário para a grande maioria deles saber até mesmo onde surgiu a necessidade mais urgente (...) se apenas alguns deles conhecerem diretamente a nova demanda, e desviarem para lá os recursos, e se as pessoas que estiverem cientes da nova lacuna assim criada por sua vez a preencherem com outros recursos ainda, o efeito se espalhará rapidamente por todo o sistema econômico e influenciará não apenas todos os usos do estanho, mas também aqueles dos seus substitutos, e dos substitutos desses substitutos, o suprimento de todas as coisas feitas de estanho, e seus substitutos, e assim por diante, e tudo isso sem que a grande maioria dos meios que efetuam essas substituições saiba algo a respeito da causa original dessas mudanças.

O filósofo Alfred North Whitehead exalta admiravelmente essa questão: "É um lugar-comum profundamente errôneo, repetido por todos os cadernos de exercícios e por pessoas eminentes quando estão fazendo discursos, que nós deveríamos cultivar o hábito de pensar no que estamos fazendo. A questão é exatamente o contrário. A civilização avança ampliando números de operações importantes que nós podemos realizar sem pensar a respeito delas."[16] Através de símbolos e sinais que não compreendemos, nós tiramos proveito do conhecimento dos outros.

Hayek também aplica esse argumento da "ignorância" para atacar

a esperança utópica de uma economia baseada no completo altruísmo. Um indivíduo é o maior especialista do mundo naquilo que ele quer; ninguém mais sabe melhor; ninguém mais pode julgar melhor os efeitos das escolhas alternativas relativas à conquista do que ele quer. Assim, as pessoas deveriam procurar satisfazer aos seus próprios interesses. Se todos procurassem fazer "o bem público", eles precisariam saber tanto sobre todos os outros quanto sabem sobre si mesmos. Jill, uma virtuosa mulher, pode amar Jack, a quem ela nunca encontrou, mas como sabe ela o que ele quer e o quanto ele valoriza o que ele quer? Suponhamos que Jill e Jack sejam ambos altruístas. Jill está vendendo a sua casa. Como ama Jack, Jill quer lhe vender a casa por apenas US$100,000. Como Jack ama Jill, ele não ousará pagar tão pouco. Ele oferece US$200,000. Ela recusa e se oferece para aceitar US$110,000. Insultado por ela recusar o seu presente, Jack insiste em US$210,000. Nós não sabemos onde isso vai acabar, que é exatamente a questão de Hayek. Não surge nenhum sinal do mercado, e a sociedade perde a capacidade de destinar recursos escassos porque ninguém admite por quanto eles avaliam a casa. Como coloca Adam Smith: "Ao buscar a realização de seus próprios interesses ele freqüentemente promove o interesse da sociedade mais efetivamente do que quando realmente pretende promovê-lo. Eu nunca soube de algum bem significativo feito por aqueles dados a negociar pelo bem público."[17]

Milton Friedman segue a tradição Smith/Hayek. Ao pegar um exemplar do seu livro *Free to Choose*, pode-se ver um retrato de Friedman na capa segurando um lápis na mão — não como um símbolo do seu trabalho como escritor, mas como um símbolo da ciência econômica em Adam Smith. Friedman argumenta que nenhuma pessoa sozinha, nem mesmo um ganhador do prêmio Nobel, poderia fazer um lápis. Com grafite do Sri Lanka, um apagador feito de óleo de colza da Indonésia e cloreto sulfúrico, madeira do Oregon, e montado em Wilkes-Barre, Pensilvânia, o lápis que custa apenas 10 centavos é um produto do mercado internacional.

Um tema para o homem comum

Embora Smith constantemente louvasse o livre mercado e as causas dos comerciantes, ele não era uma arma da burguesia. *A riqueza das nações* eriça com a crítica dos comerciantes. Nem é uma petição para os ricos. Smith louvava vigorosamente o livre comércio e a divisão de trabalho porque estava convencido de que eles ajudavam ainda mais o homem comum do que o príncipe:

> Sem a assistência e a cooperação de milhares, a pessoa mais insignificante num país civilizado não poderia ser provida (...). Comparada, na verdade, com o luxo mais extravagante dos grandes, a sua acomodação deve sem dúvida parecer extremamente simples e fácil; e no entanto pode ser verdade, talvez, que a acomodação de um príncipe europeu não exceda sempre tanto à de um camponês laborioso e frugal, assim como a acomodação do último exceda à de um rei africano, o senhor absoluto das vidas e da liberdade de dez mil selvagens nus.[18]

Assim como fazem os seus seguidores, Smith sugere com otimismo que sob um sistema de mercado até mesmo o pobre e o politicamente impotente podem prosperar. Ao contrário, sob um sistema de direção centralizada, o poder político determina a posição social: apenas os amigos do rei e dos senhores podem enriquecer. Mais uma vez, Milton Friedman desenvolve a questão de Smith na sua obra *Capitalismo e liberdade*, argumentando que o sistema de mercado reduz a efetiva discriminação racial ou étnica, porque os consumidores compram de quem quer que tenha o melhor preço, não de quem oferece a súplica ou o aspecto mais conveniente; e, por outro lado, ele salienta que sob um sistema socialista um membro de um grupo minoritário deve obter a benevolência política de um planejador para poder progredir.[19]

As crenças de Friedman permanecem controversas, e os críticos apresentaram muitos contra-exemplos, sugerindo, por exemplo, que os executivos promovam trabalhadores de minorias ape-

nas se eles atingirem altos níveis em variáveis "flexíveis" tais como "capacidade de liderança" e "personalidade". Além disso, os críticos insistem que o poder econômico pode se traduzir em poder político através de contribuições de campanha, deixando os economicamente pobres sem uma voz política. Friedman aceita o último ponto, mas o arremessa de volta aos seus críticos sustentando um governo menor que esteja impedido de interferir na maioria dos eventos econômicos. Os debates se agitam, e a literatura se expande.

Embora Smith estivesse confiante de que tinha exposto os segredos de uma riqueza maior, ele não foi levado a estabelecer um catecismo infalível. Ele admitiu prontamente algumas falhas no trabalho dividido, e novamente se mostrou sensível a mais do que custos e benefícios. Lembre-se que o seu primeiro amor foi a filosofia moral. Acreditando firmemente na influência das condições físicas na mente humana, Smith temia que a linha de montagem pudesse roubar dos trabalhadores a sua inteligência e espírito: "O homem cuja vida inteira é gasta na realização de algumas operações simples, das quais os efeitos também são, talvez, sempre os mesmos (...) não tem oportunidade de aplicar o seu conhecimento, ou de exercitar a sua imaginação para descobrir expedientes que removam dificuldades (...). Ele, naturalmente, dessa forma perde o hábito de tal exercício, e geralmente se torna tão estúpido e ignorante quanto é possível uma criatura humana tornar-se." Num dos seus momentos paternalistas, Smith recomendou a educação pública como um remédio para a apatia do povo, porque trabalhadores instruídos têm mais probabilidades de inventar e de exercitar as suas mentes enquanto realizam tarefas físicas. Smith disse: "Com um gasto muito pequeno o poder público pode facilitar, pode encorajar e pode até impor sobre a quase totalidade do povo a necessidade de adquirir essas partes mais essenciais da educação."[20]

Nesse ponto, vamos sintetizar *A riqueza das nações*. Adam Smith via o trabalho como o principal motor do desenvolvimento econômico, se acelerando quando: (1) a oferta de trabalho aumentava, (2) trabalho era subdividido, ou (3) a qualidade do trabalho melhorava através de novas máquinas. Enquanto novas idéias para investimentos e invenções lucrativas continuavam a brotar das imaginações e a livre troca era permitida, o crescimento econômico iria adiante. E, mais importante, o público em geral poderia usufruir um padrão de vida mais alto. O economista ganhador do prêmio Nobel Paul Samuelson, cujas divergências com Milton Friedman enchem volumes, reexaminou as teorias de crescimento de Adam Smith usando modernas técnicas matemáticas, descobrindo que se "as invenções continuam a reaparecer (...) as taxas de lucro e os índices do salário real rendem em média acima dos seus níveis de subsistência". Samuelson anunciou "a feliz descoberta de que Adam Smith vence com bandeiras desfraldadas uma moderna autópsia".[21]

Políticas e prática

Adam Smith não era um teórico numa torre de marfim. Ele queria que o mundo seguisse os seus preceitos, e se encontrou ansiosamente com políticos e com aqueles que têm as chaves do poder. Ele vibrou quando o primeiro-ministro Pitt aceitou o seu conselho ou quando o primeiro-ministro Fox o citou. Ele teria perdoado Fox por citar passagens famosas sem ter lido nenhuma das suas obras.

O presidente Harry Truman uma vez implorou por um economista maneta. Por quê? Ele estava "cansado como o diabo" de economistas que diziam "por um lado, nós podíamos fazer (...) mas por outro lado talvez". Adam Smith tinha duas mãos, mas ele apontava confiantemente o dedo para as melhores políticas que o governo devesse seguir. Ele advertia os legisladores de que interesses especiais fariam uma firme pressão contra aquelas medidas que aumentam a riqueza das nações. A sua advertência deveria

soar ainda nos parlamentos e congressos pelo mundo. A abordagem do livre mercado de Smith para a ciência econômica não o condena ao otimismo ingênuo do Dr. Pangloss de Voltaire, que vive "no melhor dos mundos possíveis" apesar de todas as evidências que o cercavam. Por outro lado, ele não era, como William Safire colocou tão aliteradamente (pelos lábios de Spiro Agnew), um "nababo tagarela do negativismo". Em vez disso, reconhecia os obstáculos e mostrava como evitá-los. Vejamos vários assuntos relativos à política.

Restrições ao comércio interno. Relembremos o sistema de mercado competitivo descrito anteriormente, onde o acesso a uma indústria força a queda de preços e lucros ao nível do custo de produção acrescido de um retorno normal sobre o investimento. Smith viu que algumas vezes os comerciantes obtinham lucros exorbitantes. Por que o seu modelo não funcionava? Smith descreveu dois cenários diferentes que explicam lucros excessivos.

No primeiro caso, os empresários não podem entrar na indústria extraordinariamente lucrativa simplesmente por causa de fenômenos naturais. Por exemplo, somente a terra próxima a Jerez, na Espanha, pode produzir as uvas adequadas à fabricação do *sherry*. Ingleses empreendedores não podem produzir videiras para o *sherry* em volta do palácio de Buckingham, mesmo se a família real se propusesse a pisar as uvas com os seus próprios pés reais. Assim, os proprietários de terras em Jerez podem usufruir altos lucros. Naturalmente, os empresários podiam tentar persuadir as pessoas a beber porto em vez de *sherry*, o que suprimiria os lucros exorbitantes.

O segundo caso que Smith assinalou é mais pernicioso. Lucros anormais podem persistir quando pequenos grupos de comerciantes fazem pactos para manter os preços altos. "Pessoas do mesmo ramo de negócios freqüentemente se reúnem, mesmo por prazer e divertimento, mas a conversa termina numa conspiração contra o público, ou em alguma diversão para elevar preços", escreveu ele.[22] Segundo Smith, pactos demoníacos entre comerciantes geralmente não são suficientemente fortes por si sós. Assim, os comerciantes induzem o governo a fazer o trabalho do diabo. Conspirações geralmente não evitarão o acesso ao mercado a menos que o governo apóie o cartel. Smith enviava salva de tiros a muitas restrições contraditórias que limitavam o comércio e a divisão de trabalho para benefício de grupos identificáveis. Leis de aprendizado e corporações sufocavam particularmente a concorrência. Smith descreveu um resultado insensato: um fabricante de carruagens legalmente não podia fazer rodas para as suas carruagens, mas um fabricante de rodas podia fazer carruagens para colocar sobre as quatro rodas que ele havia feito! Se os fabricantes de rodas podiam proibir a concorrência através da lei, eles podiam cobrar preços altos. Além do Estatuto da Aprendizagem, Smith também desmerecia a Lei de Assistência Social inglesa. Para obter amparo, os cidadãos tinham que preencher requisitos de residência, o que significava que eles não podiam mudar facilmente de um setor para outro ou de uma cidade para outra quando mudava a demanda por diferentes tipos de trabalhadores. Smith açoitava perversamente os monopólios concedidos pelo governo, os quais por "manter o mercado permanentemente sem estoque suficiente, por nunca suprir completamente a demanda apropriada, vendem as suas mercadorias muito abaixo do preço natural, e elevam os seus (...) salários e lucros".[23]

E como esse medo de conspiração de Smith foi abordado neste lado do Atlântico? Desde a época de Theodore Roosevelt de dissolução de cartéis, os Estados Unidos têm tido uma maior preocupação a respeito dos monopólios e oligopólios (um pequeno grupo de empresas que juntas dominam um setor) do que com normas de aprendizagem, que nunca foram tão comuns na América quanto eram na Europa. Economistas e políticos americanos temiam que grandes empresas pudessem proteger a si mesmas da concorrência e assim acumular altos lucros. Por isso, ao longo dos anos o governo arrastou para os tribunais milhares de empresas, que

espernearam e gritaram por meio dos seus advogados, e acionou-as por fixação de preços e competição restritiva de acordo com a Lei Antitruste de Sherman e a Lei Clayton. Posteriormente, o Departamento de Justiça tentou com freqüência impedir a fusão de empresas. Durante a década de 1970, alguns economistas e professores de direito, freqüentemente os ex-estudantes da Universidade de Chicago, os lentes Milton Friedman, George Stigler e Richard Posner, argumentaram que enquanto a fixação de preços era ruim a "grandeza" através das fusões podia não ser, pois a grandeza não impede necessariamente o ingresso e pode, na verdade, favorecer a eficiência.

Além disso, muitos eruditos contemporâneos sustentam que os antiquados destruidores de cartéis vêem o mercado de modo bastante limitado. A competição no século XX inclui empresas estrangeiras, não apenas nacionais. Como prova, eles podem assinalar as falências da General Motors na década de 1980 em oposição à vitória da Hyundai, um carro coreano que em meses de desembarque em terras americanas passou diretamente por Detroit e deixou marcas dos seus pneus nos balanços da GM. No mercado de computadores, investidores de garagem que formavam empresas que tinham nomes de frutas desafiaram a IBM e os hipopótamos de Honeywell. Ironicamente, a Apple Computer começou na Grã-Bretanha como uma humilde importação americana e tornou-se uma líder poderosa imitada por novatas ainda mais humildes como a Apricot Computers.

Sob a influência dos economistas da "Escola de Chicago", a administração Reagan impediu um número bem menor de fusões do que os seus predecessores, pelo que recebeu uma crítica mais feroz. Em vez disso, atacou instâncias de fixação de preços. Críticos da Escola de Chicago afirmavam que a fixação de preços é meramente um sintoma de grandeza, e que as fusões que a administração Reagan permitia logo gerariam cartéis. Como dizem os eleitores, "os eleitos ainda não estão no poder".

A maior ironia já está aparente, no entanto. Durante uma grande

parte do século XX muitos eminentes economistas, tais como Joan Robinson, Edward Chamberlin e John Kenneth Galbraith proclamaram que o mundo simples de Adam Smith de concorrência perfeita tornou-se menos relevante à medida que os anos passavam e as empresas cresciam. Entretanto muitos economistas modernos insistem que por causa da competição internacional a visão de Adam Smith torna-se mais radiante e relevante a cada dia![24]

Restrições ao comércio internacional. "Aquilo que é prudência na conduta de cada família em particular pode ser loucura na de um grande reino", escreveu Smith.[25] Tendo provado a teoria da vantagem absoluta, ele destruiu sem piedade os comerciantes que faziam pressão por ou governos que se rendiam a demandas de proteção de produtores estrangeiros. Através de tarifas ou contribuições, o governo força os consumidores a subsidiar os comerciantes, porque os consumidores pagam preços mais altos que o necessário. Sem a concorrência estrangeira, os comerciantes internos elevam seus preços e lucros. As forças que lutam contra o livre comércio se parecem "com um exército permanente muito desenvolvido (...) formidável para o governo, e em muitas ocasiões intimidam a legislatura". Smith lamentava que funcionários do governo que se opunham ao livre comércio fossem recompensados com uma publicidade aduladora, enquanto aqueles que se batiam pelo interesse público recebiam insultos e maus-tratos infamantes.[26]

Analogias contemporâneas abundam, mas o aperfeiçoamento de Ricardo à teoria de Smith sugere que adiemos a discussão. Contudo, se aceitarmos a teoria básica de Smith, será que ele permite quaisquer exceções ao livre comércio? Sim, mas não muitas. Ele ponderava e rejeitava o argumento da "indústria infantil", que pede tarifas "temporárias" apenas para os primeiros anos de desenvolvimento. Alexander Hamilton adotou o argumento infantil nos Estados Unidos alguns anos mais tarde, e o Japão criaria uma indús-

tria infantil de semicondutores duzentos anos mais tarde. Smith duvidava que o governo pudesse um dia congregar a vontade política para remover os subsídios uma vez que a indústria amadurecesse. A indústria aprenderia a gritar e chorar como um bebê apesar do seu apetite de adulto. Ou, numa nova versão do argumento, a indústria irá ofegar e gracejar como um cidadão de empresa senil pedindo ajuda contra a concorrência. A indústria do aço nos Estados Unidos clamou por proteção em ambos os terrenos, primeiro como um velho caduco e mais tarde como uma criança renascida. Mas a proteção ao aço pode ser particularmente perniciosa, porque faz subir os preços de tudo, desde lava-louças a caminhões basculante, e prejudica a exportação americana de maquinaria.

Smith nutria pouca simpatia por tarifas e represálias contra o protecionismo de outro país, pois uma tarifa de retaliação apenas suprimiria mais riqueza potencial do mundo. Naturalmente, uma represália bem-sucedida que persuada o transgressor original a tabelar novamente o preço no nível mais baixo é tautologicamente boa. Mas como saber *a priori* se a tarifa de retaliação incitará ou não uma terceira tarifa? A Grande Depressão da década de 1930 certamente se aprofundou porque os países instituíram altas tarifas em parte como retaliação aos outros. Smith afirmou falsamente: "Julgar se tais retaliações estão propensas a produzir um tal efeito talvez não pertença tanto à ciência de um legislador (...) quanto à habilidade daquele insidioso e astuto animal, vulgarmente chamado de estadista ou político."[27] Apesar de os Estados Unidos protegerem claramente determinados setores, políticos e economistas citam freqüentemente o Japão como um violador flagrante do livre comércio.

Duas técnicas de represália merecem menção. Como o Japão, segundo se afirma, protege através dos seus regulamentos inescrutáveis, o economista de Harvard Henry Rosovsky sugeriu singularmente que os artigos importados japoneses entrassem nos Estados Unidos passando pelos fiscais aduaneiros em Boise, no

Idaho. Rosovsky reforçaria o corpo de funcionários e estenderia o seu horário de trabalho de nove às cinco, e abriria toda segunda-feira, nos meses cujos nomes terminassem em "r". Num outro caso, John Connally, ex-governador do Texas, afirmava durante a campanha para a indicação presidencialista republicana em 1980 que medidas firmes eram necessárias. Ele sugeriu vulgarmente bloquear as exportações japonesas para os Estados Unidos, e dizer a eles para "escutar os seus Sonys e sentar nos seus Toyotas nas docas de Yokohama". Connally, que gastou milhões na sua campanha, recebeu mais ou menos o mesmo número de votos nos Estados Unidos que ele teria recebido em Yokohama.

Apenas ocasionalmente a lógica do livre comércio de Adam Smith cedia a solicitações protecionistas. Por exemplo, ele admitia tarifas para contrabalançar uma taxação interna sobre um produto nacional. Ele também se submetia a alegações de tarifas por razões de defesa nacional reconhecendo que a segurança da Grã-Bretanha exigia uma saudável indústria de construção naval. Entretanto, ele sustentava que tal proteção tolhia o "crescimento da opulência".

Se o governo não deve proteger as suas indústrias, regulamentar o trabalho, ou distribuir privilégios aos comerciantes, o que ele deveria fazer? Quando Smith soltaria os grilhões na mão visível do governo? Smith definia claramente a função adequada ao governo: em primeiro lugar, garantindo a defesa nacional; em segundo lugar, administrando a justiça através de um sistema judiciário; em terceiro lugar, mantendo instituições e recursos públicos tais como estradas, canais, pontes, sistemas educacionais e a dignidade do soberano.

A segunda vinda

A maioria dos usuários da gravata de Adam Smith em 1980 acreditava num governo nacional limitado, poucos programas de

assistência social, menos regulamentação de preços por parte do governo, menos intervenção federal e ajuda nos negócios do governo local; o livre mercado forneceria a maior parte do que os cidadãos requerem da vida. Quando Ronald Reagan assumiu o cargo em 1981, o seu principal assessor econômico supostamente teria brincado: "Não fique apenas aí parado. Desregulamente alguma coisa!" Embora uma tendência na direção da desregulamentação tenha começado durante a administração Carter com a Airline Deregulation Act de 1978, Reagan acelerou o passo, deixando os preços do gás natural, do petróleo e da aviação com a direção da mão invisível, enquanto abandonava as diretrizes de Carter relativas a salários e preços.

Apesar das vitórias iniciais de Reagan, o esforço desregulamentatório vacilou quando os poderosos interesses marítimos, de transporte e da construção começaram a combater a administração. Em 1983, a administração dispersou a Força-Tarefa para Serviço Social Regulamentado, presidida pelo então vice-presidente Bush. Após o primeiro mandato Reagan, as forças de desregulamentação encontraram mais com o que se animar em Moscou do que em Washington.

Andy Warhol disse que no futuro todo mundo seria famoso por quinze minutos. Adam Smith tem sido famoso por mais de dois séculos. Como nós nos lembramos dele? Na época mais revolucionária da civilização ocidental, quando o tumulto da rebelião social, revolução intelectual e o explosivo crescimento econômico desafiavam os homens inferiores, Adam Smith colocou ordem no mundo. Ele não inventou o mercado; nem inventou a economia. Mas ele ensinou ao mundo a respeito do mercado e da economia. Durante quase setenta e cinco anos, *A riqueza das nações* forneceu a maior parte do que os economistas sabiam.

Duzentos anos depois de *A riqueza das nações*, as idéias de Smith foram ressuscitadas e exaltadas. Mas o que aconteceu a Smith? Ele viveu feliz eternamente depois. Verdadeiramente. Ironicamente. Verdadeiramente, porque ele conviveu com os homens mais famosos da sua época, viu o seu livro traduzido para quase todas as línguas européias, recebeu honrarias pela Grã-Bretanha e pela Europa continental e observou funcionários do governo tomarem notas assiduamente onde quer que ele falasse. Ironicamente, porque ele passou os treze anos anteriores à sua morte em 1790 trabalhando para o governo como comissário alfandegário de Sua Majestade. Ele era indulgente e desse modo ajudou a aumentar a riqueza das nações.

III

MALTHUS:
Profeta do Juízo Final e da Explosão Populacional

Certa vez, em 1908, o Chicago Cubs enfrentou o New York Giants num jogo decisivo pelo campeonato da liga nacional. Numa jogada dramática ao final do nono turno, o substituto da primeira base do Giants, um jogador jovem e competente, falhou inadvertidamente ao alcançar a segunda base, o que gerou os devidos protestos e a determinação de que houvesse nova jogada. Os Cubs prosseguiram até ganhar a partida única de desempate pelo campeonato.

O nome do jovem era Fred Merkle, mas desse momento em diante, até morrer, ele foi perseguido por um novo nome, Merkle "Cabeça-dura". Apesar dos esforços destemidos e nobres que se seguiram, ele nunca se livrou desse epíteto.

Todos hoje em dia parecem conhecer Sigmund Freud, os atos falhos freudianos, e símbolos sexuais. Qualquer pessoa instruída que negue conhecer Freud deve estar reprimindo isso.

Thomas Robert Malthus nunca jogou beisebol e nunca procurou um psicanalista. Entretanto seu nome tornou-se tão famoso quanto o de Freud e a sua infâmia tão imerecida quanto a de Merkle

Cabeça-dura. Byron, que provavelmente precisava mais de um psicanalista do que Malthus, fez poesia sobre ele, e crianças cantavam rimas debochando dele. Décadas após a sua morte, Marx o atacou perversamente. Um século após a sua morte, Keynes glorificou Malthus e predisse que no bicentenário da sua morte "Nós o celebraremos com a mesma consideração". Mas a mesma em relação a quê?

Que crime pérfido perpetrou Malthus que levou até mesmo os poetas românticos como Coleridge a lamentar: "Veja esta poderosa nação, suas normas e seus homens sábios dando ouvidos a... Malthus! É lamentável, lamentável"?

Em 1798 Malthus roubou os sonhos românticos das pessoas que olhavam para o século XIX com uma fé utópica. Ele foi submetido a julgamento nos jornais e considerado culpado de predizer que uma superpopulação produziria um futuro não de entusiasmo, mas de rupturas e decadência social. Às vésperas de um novo século, Malthus era o supremo "desmancha-prazeres". Ou pelo menos a sua teoria era.

Nascido em 13 de fevereiro de 1766, em Rookery, na vivenda de campo do seu excêntrico pai, Daniel, Malthus, com apenas três semanas, conheceu as suas duas "fadas madrinhas", David Hume e Jean-Jacques Rousseau, a quem Daniel Malthus idolatrava. Robert, como o menino foi chamado, dava sinais de grande inteligência ainda com pouca idade e logo recebeu professores particulares. Ele cresceu tornando-se alto e elegante, e em 1784 entrou para o Jesus College, em Cambridge, onde, enquanto estudava para o sacerdócio, também lia matemática e filosofia. Assim como Adam Smith, Malthus se impressionou com Newton e leu cuidadosamente a sua obra *Philosophias Naturalis Principia Mathematica*. Apesar dos seus sérios interesses intelectuais e aspirações a ordens religiosas, Malthus era um popular e espirituoso estudante de Cambridge, pronto a adotar uma expressão ou uma voz jocosa. Malthus usava o seu cabelo claro em anéis que desciam pelo pescoço, enquanto a maioria dos outros usava rabichos. Ele

deve ter sido um criador de tendências, pois dez anos mais tarde quase todos os estudantes novatos usavam os cabelos em anéis. E, o mais escandaloso, enquanto a maioria dos estudantes empoava de branco o cabelo, Malthus algumas vezes usava rosa. Um *punk* precoce, talvez.

Antes da graduação em 1788, o mestre do Jesus College advertiu Malthus de que um problema de articulação resultante de uma fenda palatina prejudicaria as suas chances de progredir dentro da Igreja. Isso apesar de Malthus receber prêmios de oração em grego, latim e inglês em Cambridge! Malthus descartou o conselho, entrou para o sacerdócio de qualquer forma e o praticou por um breve período numa igreja em Okewood, retornando ao Jesus College como adjunto em 1793. Embora nunca mais tenha se comprometido em tempo integral com o clero, os economistas ainda se referem a ele como pastor Malthus, talvez porque a imagem de pessimismo puritano se coadune melhor com a sua teoria populacional do que a de um leigo alegre e brincalhão. Recordemos a definição que H. L. Mencken nos dá de um puritano: uma pessoa que sente um medo obsedante de que alguém, em algum lugar, em algum momento, possa estar se divertindo. Psicologicamente, talvez nos sintamos mais à vontade rejeitando Malthus e suas advertências se o imaginarmos como um puritano.

Estourando as Bolhas da Utopia

As marés da revolução rolavam altas e bravias quando Malthus retornou ao Jesus College. Em 1793, os revolucionários guilhotinaram Luís XVI, e a República francesa declarou guerra à Inglaterra. Apesar da época angustiante, alguns escritores e pregadores anunciavam que as altas marés finalmente trariam uma época mais calma e idílica do que o homem tinha conhecido desde o Éden. Rousseau anteriormente tinha escrito prosa utópica, sugerindo que o homem havia nascido feliz e livre, mas era corrompido pela socie-

dade. Voltaire sofismou que o hipernaturalismo de Rousseau tinha feito surgir um desejo de andar de quatro ao ler a sua obra. Mas Malthus resistia à visão da utopia. Em particular, ele se rebelava contra William Godwin, um sacerdote, panfletário e autor em 1793 da obra *Enquiry Concerning the Principles of Political Justice, and Its Influence on General Virtue and Happiness*. Godwin muito simplesmente acreditava que "o homem é aperfeiçoável ou, em outras palavras, suscetível de perpétuo aprimoramento". (Sua filha, Mary Shelley, autora de *Frankenstein*, deve ter discordado!) E porque "a verdade é onipotente", o homem podia se transformar numa criatura mais adequada à felicidade e à harmonia do que o seu vizinho: "Todo homem procurará, com afável ardor, o bem para tudo."[1] Seguindo a afirmação de Rousseau de que a história da sociedade civil era a história da doença humana, Godwin considerava a extinção do governo, de tribunais, crime, guerra, melancolia e angústia como a perfeição consumada do homem. Mesmo a morte e o sono podiam ser submetidos: "Geração não sucederá geração (...). Antes que a morte possa ser banida, nós devemos banir a imagem do sono, da morte. O sono é uma das enfermidades mais conspícuas da estrutura humana. É (...) um estado irregular e destemperado da faculdade."[2] Visões similares de bombons dançavam na cabeça de M. Condorcet, um filósofo e matemático francês, cuja obra *Esboço de um panorama histórico dos progressos do espírito humano* foi publicada em 1794. Condorcet mostrava um otimismo surpreendente para um fugitivo de Robespierre que logo seria pego e posto a dormir permanentemente.

O mais incômodo para Malthus é que Godwin e o arquidiácono William Paley argumentavam que uma população que crescia era um bom sinal, pois significava mais felicidade total. Paley afirmava que uma queda da população era o pior mal de que um Estado podia sofrer. Ao final do século XVIII, alguns eruditos providos de bocados de informações desacreditadas estimavam que a população tinha crescido muito devagar durante os últimos cem anos, enquanto outros até mesmo sustentavam que a população tinha caído vertiginosamente. Como uma poderosa força de trabalho apoiava o crescimento econômico, o primeiro-ministro William Pitt apresentou um projeto de lei que aumentava os pagamentos de assistência aos necessitados para casais com filhos, um precursor dos atuais programas de salário-família.

Como era esperado, Daniel Malthus anuiu concordando alegremente com a coalizão Godwin-Paley-póstumo-Rousseau. Mas enquanto o pai concordava, o filho balançava a cabeça. Eles conversavam e caminhavam nos bosques: cada um tentava persuadir o outro da conclusão que a razão requeria. Finalmente Robert, frustrado com seu adversário de olhar vago e quixotesco, lançou no papel num furor *An Essay on the Principle of Population as It Affects the Future Improvement of Society, with Remarks on the Speculations of M. Godwin, M. Condorcet, and Other Writers*. O pai, agora com olhar vago sobre a proeza intelectual de seu filho, tomou providências para a publicação anônima do ensaio.

A teoria assustadora

Poucos ensaios já tiveram tamanho impacto. Imagine a Terra encolhendo a uma velocidade frenética. A cada vinte e cinco anos ela se divide ao meio, uma metade permanecendo em órbita, a outra girando em direção ao Sol, pegando fogo, e explodindo. As pessoas precisam se precipitar e se atropelar em direção à metade que sobrevive, carregando consigo filhos, avós e quaisquer posses sagradas que elas possam carregar. Pior ainda, elas não sabem que metade da Terra sobreviverá. A profecia de Malthus é ligeiramente diferente, apesar de apenas um pouco menos assustadora. Em vez do globo se partindo e queimando, Malthus descreve a população aumentando e se espalhando a uma velocidade explosiva, enquanto os suprimentos de alimentos apenas cresciam gradualmente. Usando informações dos Estados Unidos fornecidas por Benjamin Franklin, Malthus declarou que a população tende a duplicar a cada

vinte e cinco anos. Naturalmente, podia duplicar ainda mais rápido. Na verdade, Malthus escolhe exemplos relativamente conservadores. Franklin relatava que algumas cidades duplicam em apenas quinze anos! Apesar de não ter informações seguras de Franklin em relação a suprimento de alimentos, Malthus concluiu que o crescimento da produção nunca podia acompanhar o crescimento da população. A população incontida cresce numa razão geométrica, alegava Malthus, enquanto os alimentos crescem simplesmente numa razão aritmética.

O que significam essas razões? Uma razão geométrica (ou taxa exponencial) significa que um número se multiplica continuamente por uma constante, digamos, duplicação perpétua. Uma razão geométrica simplesmente acrescenta uma constante. Malthus dá um bom exemplo: se a população atual é de um bilhão, os seres humanos aumentariam em 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, enquanto os alimentos cresceriam em 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9. Considerando que cada pessoa tivesse um cesto de alimentos no início, duzentos anos depois 256 pessoas teriam que dividir nove cestos. Apenas cem anos depois disso, 4.096 pessoas teriam que dividir 13 cestos!

Razões geométricas podem ser extremamente poderosas, surpreendentes e enganadoras. Alguns exemplos podem ajudar. Se Scott quer tomar emprestada a televisão de Dennis para assistir ao Super Bowl de futebol em 21 de janeiro e promete pagar 1 *penny* em 1º de janeiro e duplicar isso a cada dia até que o jogo comece, seria melhor que Scott fosse muito rico ou que Dennis fosse idiota o suficiente para aceitar o jogo de Monopólio. Scott iria dever a Dennis US$10,485.76 no início da partida! As taxas de juros compostos nos bancos também ilustram as proporções geométricas.[3] Lembre-se da história do holandês que comprou a ilha de Manhattan dos índios por cerca de US$24. Se os índios tivessem colocado o dinheiro numa conta a juros compostos, os seus herdeiros poderiam hoje comprar de volta a ilha, incluindo o Empire State Building, o World Trade Center e todas as "melhorias" desde o século XVII.

Juros compostos também podem enganar, como nós podemos ver num exemplo mais recente. Em 1981, o Congresso aprovou um projeto de lei permitindo Contas Individuais de Aposentadoria, essencialmente admitindo que as pessoas guardassem até US$2,000 por ano num fundo que não seria tributado até a aposentadoria. Imediatamente apareceram anúncios em jornais afirmando que uma pessoa de vinte e cinco anos poderia facilmente se aposentar com mais de US$1 milhão apenas poupando US$2,000 por ano. Gráficos mostravam notas de dólar alcançando a estratosfera, lançadas pela magia do juro composto. Mas as letras miúdas contavam a história verdadeira. Os bancos assumiam uma taxa de juros de 12 por cento pelos próximos quarenta anos, mas não diziam ao leitor que, se as taxas de juros chegassem em média a 12 por cento por quarenta anos, a inflação provavelmente iria grassar por quarenta anos, fazendo sumir a maior parte do ganho. Imagine o *yuppie* frugal, despencado sobre a sua escrivaninha por quarenta anos com pouco contato com o mundo exterior. No ano de 2021, ele finalmente se aposenta. Com o anúncio amarelado de 1981 na mão trêmula, ele telefona ao seu banqueiro para providenciar o carro blindado para pegar o seu tesouro. O banqueiro explica que quase US$10 milhões e mais um liquidificador esperam por ele. O *yuppie* chora de alegria, apoiando-se na sua máquina de fazer macarrão. Ele ouve um clique. A telefonista interrompe: "Por favor deposite US$400.000 para outro minuto."

As conclusões de *Ensaio sobre o princípio da população* não eram totalmente novas para Malthus ou para os outros, já que Franklin e *sir* James Stewart tinham previamente publicado ensaios pressagiosos. O próprio Malthus tinha adiantado os seus temores dois anos antes num ensaio que procurava sem sucesso por um editor: "Eu não posso concordar com o arquidiácono Paley, que diz que o nível de felicidade em qualquer país é mais bem medido pelo número de pessoas (...) a população efetiva pode ser apenas um sinal da felicidade que pertence ao passado." Mesmo sem originalidade, a tese malthusiana, baseada em frases expres-

sivas e imagens surpreendentes, ostentava um novo virtuosismo na arte da persuasão. Malthus capturou a teoria e com ela a atenção da Grã-Bretanha.

Se a Terra continuasse se dividindo, nós veríamos um tropel frenético. Mas o que realmente acontece quando as bocas excedem as colheres de comida? Muito antes do crescimento geométrico se elevar nos gráficos, duas espécies de obstáculos bloqueiam o avanço: interrupções "positivas" e interrupções "preventivas". Com "positivas" Malthus claramente não queria dizer otimistas. Ele queria dizer interrupções que elevam a taxa de mortalidade. Quais são as forças positivas que podem nos "salvar" de índices geométricos? Guerra, fome e pragas. A peste negra espreita em cada beco pronta para nos resgatar. A mortalidade infantil nos libera da superpopulação. E a fome nos assombra sempre:

> A fome parece ser o último, o mais pavoroso recurso da natureza. O poder da população é tão superior ao poder da terra de produzir subsistência para o homem que a morte prematura deve de uma forma ou de outra visitar a raça humana. Os vícios da humanidade são agentes ativos e capazes do despovoamento. Eles são os precursores do grande exército de destruição; e muitas vezes terminam o pavoroso trabalho eles mesmos. Mas se eles falhassem nessa guerra de extermínio, períodos de enfermidade, epidemia, pestilência e pragas avançariam em terríveis tropas e varreriam milhares e milhões. O sucesso ainda estaria incompleto; a fome gigantesca e inevitável avança furtivamente pela retaguarda, e com um golpe poderoso arrasa a população com o alimento do mundo.[4]

Interrupções preventivas, que fazem descer a taxa de natalidade, pareciam menos graves, mas também menos prováveis. Se pelo menos as pessoas refreassem a sua paixão e adiassem o casamento, estariam em melhor situação, sugeria Malthus. Afinal, ter filhos faz abaixar o padrão de vida de uma família. Mas Malthus via aqui pouca esperança, pois ele estava pregando para os convertidos. As classes média e alta que lessem o seu ensaio adotariam o seu argumento. Mas que chance ele teria de persuadir as classes baixas, que sempre parecem mais frutíferas e multiplicativas, a desistir do casamento ou de filhos, principalmente quando a Lei de Assistência Social encoraja os casais a terem filhos? Malthus retratava um ciclo recorrente no qual o crescimento da população controlada por interrupções naturais graves manteria os salários num nível de mera subsistência. Se os salários subissem, os trabalhadores teriam mais filhos, levando à escassez de alimentos e a um inevitável declínio do padrão de vida.

Numa esplêndida atenuação da verdade, Malthus admite que esse cenário tem um "matiz de melancolia". (Pode alguém chamar de preto um matiz?) Posteriormente, Malthus lamenta que "evitar a recorrência da miséria está, infelizmente, além do poder dos homens". Apesar disso, ele tenta manter um sorriso eloqüente. A vida é "uma benção independente de um estado futuro (...) e nós temos todas as razões para pensar que não existe mais mal no mundo do que o absolutamente necessário".[5] Deus, não Malthus, mostra a armadilha malthusiana, esperando que a humanidade mostre compaixão e virtude.

A força do panfleto anônimo foi uma praga nas casas de Paley e Godwin, dizimando os seus seguidores e deixando que suas teorias parecessem como se a fome intelectual tivesse atingido a Utopia. Paley virou-se e seguiu os seus apóstatas. Godwin contra-atacou, mas no terreno de Malthus, suspendendo as suas miragens utópicas e argumentando que a repressão moral podia evitar o desastre. A vitória essencial para Malthus, entretanto, era derrotar o primeiro-ministro Pitt. Embora, em 1796, Pitt tivesse defendido de maneira eloqüente no Parlamento o auxílio aos pobres, somente quatro anos depois ele adotou a tese de Malthus e retirou o seu apoio a um novo projeto de lei. Pitt agora discute a posição de Malthus de que, como o auxílio aos pobres apenas os encorajava a ter filhos, isso antecipava o momento das "interrupções positivas" para devastar o populacho. Suprimir o auxílio aos pobres do livro-razão público seria na verdade um "paliativo", au-

mentando os incentivos ao trabalho e diminuindo os apelos por suprimentos de alimentos.

Malthus não pode ser rebaixado a um cruel inimigo dos pobres. O *Ensaio* ecoa com afirmações indulgentes de que os pobres sofrem mais quando grassam as interrupções positivas. Como Keynes mais tarde insistiu, um amor pela verdade e um perspicaz espírito público levaram Malthus às suas conclusões. Mas como devem ter sido fortes os músculos da garganta de Pitt para engolir as suas próprias palavras de 1796: "Façamos do auxílio uma questão de direito e de honra (...). Isso tornará uma família grande uma benção e não uma maldição; e isso traçará uma linha exata de distinção entre aqueles que garantem o seu próprio futuro com o seu trabalho e aqueles que, depois de enriquecerem o seu país com uma quantidade de filhos, apelam por assistência para poder sustentá-los." [6]

Mesmo com o apoio de Pitt, Malthus permaneceu cético em relação ao futuro. Mulheres bonitas e vinho despertavam irresistivelmente os homens para os prazeres carnais. E como muitos pregadores sabiam bem, as palavras muitas vezes são impotentes quando os ouvintes não o são.

Quando a nação apregoou o seu temor, Malthus começou a se sentir desconfortável em relação ao leve método científico que ele havia usado. Afinal, ele tinha baseado as suas destrutivas conclusões universais em pedaços fragmentados de informações de uma ex-colônia. Além disso, ele se sentia desconfortável com o pessimismo quase fatalista dos seus livros. Uma edição revisada do *Ensaio* parecia apropriada. Malthus iniciou um estudo exaustivo, viajando para a Suécia, Noruega, Finlândia, Rússia e até mesmo França e Suíça durante a paz de 1802 com a Inglaterra. Ele examinou registros e leis civis, descobrindo que a Áustria e a Bavária ainda conservavam editos dos séculos XVII e XVIII proibindo os pobres de se casar. Em 1801, a Grã-Bretanha publicou o seu primeiro censo pormenorizado, surpreendendo Malthus, ainda que reforçasse o seu argumento. De acordo com o estudo, durante o final do século XVII,

a população aumentou drasticamente, ao passo que a maioria anteriormente acreditava que o crescimento tinha sido muito lento. Cerca de cem anos antes, em 1696, o estatístico pioneiro Gregory King tinha predito erroneamente que a população não iria duplicar por seiscentos anos.

Em 1803, Malthus apresentou uma nova edição, completa, com novo título: *An Essay on the Principle of Population or a View of its Past and Present Effects on Human Happiness, with an Inquiry into Our Prospects Respecting the Future Removal or Mitigation of the Evils Wich It Occasions*. Godwin e Condorcet saíram da marquise. Foram reduzidas as discussões de profecia utópica. Tudo o mais no livro foi expandido, se não em proporções geométricas, pelo menos em termos de extensão, profundidade e peso. Malthus ilustrava questões teóricas com intermináveis anedotas e exemplos da África, Sibéria, Turquia, Pérsia, Tibete, China e novamente dos Estados Unidos, desta vez incluindo os índios americanos. Ninguém podia acusá-lo de não ser empírico. Em tom, a segunda edição soa ligeiramente menos calamitosa, dando esperanças de que a classe trabalhadora pudesse mudar os seus hábitos e mostrar "restrição moral" diante da multiplicação. Naturalmente, alterar atitudes leva tempo. O tom mais temperado também afetou a discussão sobre a Lei de Assistência. Em vez de riscá-la imediatamente, Malthus propôs "sua abolição *gradual* e *muito gradual*" para que ninguém vivo atualmente ou nascido dentro de dois anos seja prejudicado [grifos de Malthus],[7] e o auxílio apenas seria retirado dos fisicamente capazes. Para fornecer suprimentos de alimentos, Malthus também alegou restrições em relação a importação e exportação de alimentos. As restrições iriam elevar os preços na Inglaterra e conseqüentemente incentivar a produção interna. Embora fosse em geral um partidário do livre comércio, Malthus propôs uma exceção em relação aos alimentos. Nós examinaremos os seus argumentos relativos ao comércio quando discutirmos David Ricardo.

Com a nova edição, escritores e políticos respeitáveis admiti-

ram a força da lógica de Malthus. Análises nos principais jornais e revistas louvavam Malthus (cujo nome agora aparecia na obra anteriormente anônima) pela sua perspicácia e diligência, se não pela sua concisão. Menos de dois anos depois, a *Monthly Magazine* anunciou a preparação de uma terceira edição, que surgiu em 1806, seguida de uma quarta edição no ano seguinte. Naturalmente, a controvérsia aflorava a cada nova edição. Inimigos intelectuais atacavam ainda mais maldosa e vulgarmente a segunda edição do que a primeira, já que eles agora tinham um alvo (e não mais um autor anônimo) para os seus ataques. O poeta Robert Southey escreveu a um amigo: "Malthus é tanto um favorito junto a *British Critic* quanto com os outros desocupados da poluição mensal. Eu teria grande prazer em dar uma mão em algum ataque regular sobre esse nocivo palerma (...) nós podemos em algumas noites demoli-lo com eficácia."[8] Dificilmente um soneto. A virulência dos versos soltos de Southey excedia até mesmo aos de Coleridge, cujos motivos para atacar Malthus provinham do Jesus College, quando Malthus votou a favor da expulsão de Coleridge por partir para se juntar ao exército sem permissão. Apesar da virulência, Malthus ganhou pontos com os economistas, surgindo logo como um líder da profissão. James Mill, David Ricardo e mais tarde John Stuart Mill e Alfred Marshall aceitaram o *Ensaio*, embora algumas vezes ignorassem as suas implicações nos seus próprios escritos.

Logo depois do surgimento da segunda edição, Malthus colocou de lado a restrição moral e aos trinta e oito anos casou-se com Harriet Eckersall. Como o casamento violava os princípios de uma Congregação do Jesus College, Malthus renunciou e em 1805 aceitou um lugar no Haileybury College, a escola de treinamento da Companhia das Índias Orientais, que administrava a Índia para o governo britânico. Nomeado professor de história geral, política, comércio e finanças, Malthus tornou-se o primeiro professor de economia política na Inglaterra. Assim, podemos considerar Malthus, apesar da sua ordenação eclesiástica, o primeiro economista profissional. (A propósito, discípulos de Adam Smith atacaram a Companhia das Índias Orientais como um monopólio pernicioso, enquanto seguidores do utilitarista Jeremy Bentham defendiam a Companhia, argumentando que novos participantes nos negócios da Índia iriam explorar os nativos.)

Em Haileybury, Malthus provou mais uma vez que o homem que descrevia pragas e crises miseráveis gostava de se divertir. Um amigo descreveu o seu estado de espírito como geralmente brincalhão, como se pronto a se engajar em todas as buscas e prazeres dos jovens como para encorajá-los em seus estudos. Dentro de três anos o próprio Malthus tinha três filhos pequenos para brincar. Os críticos adoravam zombar da multiplicação da sua própria prole, e embora os Malthus tivessem apenas três, de alguma forma as edições de 1958 e 1967 do *Ensaio* da Everyman Library lhe imputavam mais oito — todos mulheres!

Realmente sincero?

Malthus produziu milhares de discípulos, muitos dos quais explodiram nas décadas de 1960 e 1970, intercedendo pela relevância atual das profecias do seu mestre. Antes de examinar a literatura recente, vamos examinar com uma percepção tardia as predições de Malthus. O simples fato é que elas eram más. A população não continua a se expandir geometricamente. Os suprimentos de alimentos não avançam timidamente. A miséria pode ter visitado os pobres, mas não pelas razões de Malthus. Pelo contrário, na Grã-Bretanha e no continente europeu, onde Malthus concentrou a sua atenção, as pessoas comiam melhor, viviam mais e demonstravam mais "comedimento" do que Malthus jamais esperou.

Malthus perdeu algumas das tendências mais importantes da história, assim como alguns piques estatísticos. No lado trivial, ele se esqueceu de perguntar a Benjamin Franklin se os números do crescimento populacional distinguiam os imigrantes dos america-

nos natos. Em outras palavras, ao amontoar as informações de Franklin, Malthus na verdade reconhecia que mães de descendência inglesa em vilas remotas estavam tendo crianças holandesas que chegavam de Nova York de barco. Como ele via os números ascendentes, ele declarou as mães inglesas extremamente férteis — certamente um sistema de parto sem dor, mesmo sendo um método estatístico imperfeito. Mais crucial, Malthus não via os avanços na medicina, na revolução da agricultura, os quais torceriam as suas projeções como puxa-puxa em insólitas formas geométricas, não tendências geométricas firmes.

Enquanto Daniel Malthus passeava nos bosques com Jean-Jacques Rousseau e contemplava a perfeição do homem, os fazendeiros do século XVIII estavam aperfeiçoando métodos poderosos de expandir a produção. No início do século XVIII, a produtividade da agricultura européia não era maior do que a de vinte séculos antes. Mas de 1700 a 1800 a produção por trabalhador duplicou na Inglaterra. Na França, apesar dos efeitos da revolução e da guerra, a produção cresceu em aproximadamente 25 por cento entre a época do nascimento de Malthus e a primeira edição do *Ensaio*. Várias inovações foram responsáveis pelo salto, incluindo rotação de culturas, seleção de sementes, ferramentas melhores e a utilização de cavalos em vez de bois, reduzindo o tempo de arar a terra em perto de 50 por cento. Em 1750, o progresso rápido permitiu à Inglaterra não apenas alimentar os seus cidadãos, mas exportar 13 por cento adicionais em cereais e trigo. Se um país avança na agricultura, mais cidadãos podem trabalhar em áreas urbanas ou não cultiváveis. Enquanto 75 por cento dos ingleses trabalhavam na agricultura em 1690, em 1840 eram apenas 25 por cento.[9] Nos Estados Unidos hoje apenas uma pequena percentagem da população é necessária para alimentar toda a América e exportar milhões de toneladas de alimento para o exterior. Longe de limitar o crescimento da população, expandir os suprimentos de alimentos permitia mais paternidade.

Excepcionalmente, entretanto, um padrão de vida mais alto não levava a uma espiral malthusiana de natalidade. Examinando estatísticas populacionais, Malthus não via que um aumento da população podia originar-se numa diminuição da taxa de mortalidade. De 1740 em diante, as taxas de mortalidade declinaram na Europa como resultado da melhoria da dieta, que foi possível pela revolução na agricultura e da melhoria da saúde e do tratamento médico. Até o século XVIII, os médicos provavelmente matavam mais do que curavam; uma operação numa boneca vudu feita por um feiticeiro era provavelmente mais eficiente do que uma cirurgia feita por um médico "de ventosas" utilizando um bisturi. No século XVII a expectativa de vida na ocasião do nascimento era de aproximadamente trinta anos, subindo para quarenta anos em 1850, cinqüenta anos em 1900, e, bem acima dos setenta anos hoje em dia.[10] Por causa da revolução na agricultura, as grandes flutuações nas colheitas diminuíram, e, com exceção da Irlanda na década de 1740, a fome desapareceu da Europa ocidental. A última grande escassez de alimentos na Grã-Bretanha aconteceu aproximadamente um século antes do aparecimento do *Ensaio*.

Mas por que a população não ascende de maneira estável? Os economistas apontam quatro estágios na "transição demográfica". Nas sociedades pré-industriais as altas taxas de mortalidade compensam as altas taxas de natalidade, assegurando a estabilidade da população. No segundo estágio, no início do desenvolvimento industrial, a saúde melhor diminui as taxas de mortalidade, então as taxas de natalidade parecem excessivas, e a população acelera a sua subida. Como Malthus recolheu as suas informações nessa época, ele não viu e provavelmente não poderia ter visto o que viria a seguir. No terceiro estágio, a urbanização e a educação persuadem muitos a ter menos filhos. Assim, a taxa de mortalidade continua caindo, mas a taxa de natalidade também, o que nivela a curva populacional. Finalmente, numa sociedade madura, com um bem-sucedido controle de natalidade e muitas vezes

ambos os cônjuges trabalhando, os casais parecem desejar entre um e três filhos, e a população se estabiliza. Karl Marx disse uma vez que sempre que o trem da história faz uma curva, todos os intelectuais caem dele. Malthus não previu os estágios três e quatro. Quando os números saíram de seu quadro gráfico, Malthus caiu do trem.

Podemos culpá-lo? Afinal, ele tinha poucos fatos sólidos com os quais trabalhar. Na verdade, os argumentos que ele refutou eram tão grandiosos e fantásticos que os seus esforços pareciam cuidadosamente detalhados em comparação. Se nós aplicarmos os seus próprios critérios, como foi mais tarde estabelecido nos seus *Principles of Political Economy*, entretanto, ele é culpado: "A principal causa do erro, e das diferenças que prevalecem atualmente entre os escritores científicos de economia política, me parece ser uma tentativa precipitada de simplificar e generalizar (...) [e não de] experimentar suficientemente as suas teorias através de uma referência a essa experiência ampliada e abrangente que, numa questão tão complicada, só pode estabelecer sua verdade e utilidade."[11] Dada a sua omissão em relação a uma revolução na agricultura e análise muito superficial relativa à razão pela qual os números populacionais crescem, ele simplificou e generalizou demais para escapar a um veredicto de culpado.

A mais importante lição moral dos erros de Malthus é esta: nunca, nunca extrapole dos dados passados sem ressalvas em negrito, sublinhadas, em letra maiúscula e a devida modéstia. Se Ésquilo vivesse no mundo moderno, ele escreveria uma tragédia sobre um nobre pesquisador punido pelos deuses por extrapolação imodesta. Se Ésquilo quisesse protagonistas modernos, ele poderia procurar pelos discípulos de Malthus, que, como Cassandra, choravam pelo juízo final que viria (sendo que a diferença é que Cassandra estava certa).

O dia do Juízo Final adiado?

Impelidos por preocupações sobre poluição, população e a alta dos preços da energia, alguns grupos nos anos 1970 tentaram mapear o futuro do mundo. Novamente, tristes verdades eram ditas: admitindo as tendências gerais, os recursos diminuiriam; a indústria poluiria os recursos que não diminuíam; a produção entraria em colapso; e a população riscaria antigos suprimentos de alimentos. Quem dizia essas verdades? Um dos estudos mais assustadores foi compilado pelo Clube de Roma, um grupo de acadêmicos europeus, e apresentado num livro campeão de vendas, *The Limits to Growth*.[12] Usando técnicas avançadas de computação, o Clube de Roma extrapolava as tendências e predizia o desastre dentro de cem anos a não ser que fossem tomadas medidas preventivas mais severas do que as que Malthus havia sugerido. As medidas preventivas: interromper imediatamente o crescimento econômico, interromper a expansão populacional e reciclar os recursos. As previsões eram tão chocantes que o Clube as reavaliou e publicou concisamente um estudo mais otimista. Um economista descreveu o Clube como "o computador que deu alarme falso". No entanto, o relato original ganhou publicidade. Em 1973, Robert McNamara, então presidente do Banco Mundial, comparou a "explosão populacional" à ameaça de guerra nuclear. Em 1974, Robert Heilbroner publicou *An Inquiry into the Human Prospect*, na qual ele mostrava não haver absolutamente nenhuma esperança para a humanidade no mundo moderno. Projetando tendências industriais, ele concluiu que os recursos não podiam ser mantidos com a demanda industrial. E mesmo que pudessem, todos nós rebentaríamos em chamas numa atmosfera mais quente. Talvez mudar para um estilo de vida mais monástico fosse prudente, sugeriu ele. Até agora a maioria das pessoas respondeu à sugestão com o conselho do magnata do cinema Samuel Goldwin: "Não contem comigo."

Em 1980, em resposta a uma antiga requisição do presidente Jimmy Carter, o Departamento de Estado e o Conselho de Qualidade Ambiental lançaram o *Global 2000 Report*. Embora muito mais otimista e razoável do que o Clube de Roma, o relatório proclamava: "Se as tendências atuais continuarem, o mundo no ano 2000 será mais populoso, mais poluído, menos estável ecologicamente e mais vulnerável à ruptura do que o mundo em que vivemos agora (...). Impedindo os avanços revolucionários da tecnologia, a vida para a maioria das pessoas na terra será mais precária no ano 2000 do que é agora (...) a não ser que as nações do mundo ajam decisivamente para mudar as atuais tendências."[13] O *Washington Post* aprovou, escrevendo que "as projeções do relatório enganaram-se claramente no lado do otimismo".

Ainda assim, a maioria dos economistas continua cética em relação a esses relatórios. Aqueles que criaram os modelos estabeleceram o mesmo tipo de premissas pessimistas e estáticas que Malthus usava. Alguns puseram nos modelos a marca "PIPO": pessimismo *in*, pessimismo *out*. Uma premissa-chave violava um princípio central da economia — isto é, os preços avisam aos agentes quando conservar ou economizar. Recordemos a nossa discussão anterior em Adam Smith sobre o exemplo de Hayek do estanho. Se a demanda pelo estanho aumentasse, o preço subiria, as pessoas tentariam usar menos estanho e os empresários seriam impelidos a procurar substitutos para o estanho ou suprimentos adicionais de estanho. Segundo o relatório original do Clube, se a demanda crescesse nada aconteceria, com a exceção que o mundo ficaria sem estanho. Sim, para alguns produtos pode haver um suprimento fixo, sem substitutos, e uma demanda crescente que não seja responsável por preços mais altos. Mas essas certamente são exceções. O ganhador do prêmio Nobel Wassily Leontief estudou o assunto para os Estados Unidos em 1977 e relatou: "Os recursos mundiais conhecidos de minerais metálicos e combustíveis fósseis são geralmente suficientes para suprir as necessidades mundiais pelas décadas ainda remanescentes deste século (...) para apoiar o desenvolvimento econômico mundial a taxas relativamente altas. Mas (...) esses recursos provavelmente tornar-se-ão mais caros."[14]

Os modelos do dia do juízo final também pressupõem que a tecnologia não pode ultrapassar a demanda de recursos. Ao mesmo tempo que a tecnologia não pode ser o seguro deus *ex machina* do teatro grego ou a cavalaria dos *westerns* de Hollywood, nós também não podemos ser muito depreciativos. Por exemplo, os modelos condenam os automóveis por causa da poluição e por pressagiar um fim para os combustíveis fósseis tais como o petróleo. De acordo com os modelos, petróleo e automóveis, embora cruciais para a sociedade moderna, são destrutíveis. Mas o que eles substituíram durante este século? O cavalo para transporte e a madeira para a energia. Perto do Central Park em Nova York, apenas algumas poucas carruagens puxadas por cavalos funcionam hoje em dia. Ainda assim o odor pode ser penetrante. Imagine o mau cheiro e as doenças espalhadas um século atrás pelas cidades onde os cavalos reinavam absolutos como meio de transporte! A madeira pode ser mais renovável que o petróleo, mas os combustíveis fósseis provaram ser mais baratos. A mudança foi promovida pelos preços, não por um modelo que pressagiava. A questão é que estimativas a longo prazo relativas a recursos econômicos e tecnologia requerem dons divinos, não formação em ciência econômica.

Isso quer dizer que os economistas devem ficar sorrindo como tolos e deixar que a mão invisível tome conta da poluição e da fome nos países menos desenvolvidos? Não. Nós discutiremos a poluição mais pormenorizadamente mais tarde, mas por enquanto os economistas devem admitir que a população muitas vezes indica uma brecha no modelo simples de Adam Smith. Pense na poluição como um custo de se fazer negócios. Mas como a fumaça difere do custo da mão-de-obra ou do custo da maquinaria ou do

aluguel? A empresa paga por esses outros custos. Eles são "internos" ao seu funcionamento. Mas a empresa não paga pela poluição. É um efeito externo que a sociedade paga respirando um ar poluído. O resultado? O fabricante produz mais mercadorias do que ele deveria, porque o custo da produção parece mais barato do que realmente é. Para conseguir a quantidade ideal de produção, o fabricante devia ser forçado a absorver os custos usuais mais o custo da poluição para a sociedade. Taxas sobre a poluição são freqüentemente sugeridas por economistas para que isso seja alcançado.

A armadilha malthusiana parece mais pertinente nos países menos desenvolvidos, onde a melhor qualidade dos serviços de saúde reduz as taxas de mortalidade, mas as taxas de natalidade continuam em níveis altos. Mas, a despeito do pessimismo, os números de fertilidade em muitos países pobres declinaram nos últimos vinte anos como resultado de campanhas educacionais, controle de natalidade subsidiado e a natural "transição demográfica" que acompanha o desenvolvimento econômico. No Brasil alguns cientistas sociais creditam ao comportamento da classe média apresentado na televisão uma formidável queda na taxa de natalidade, que confundiu as estimativas da década de 1970. Por outro lado, o esforço de reduzir as taxas de natalidade é controverso em algumas sociedades. Na China a política do governo para reduzir a taxa de natalidade parece ser extremamente severa, e em outros países as políticas de controle de natalidade desafiam a tradição e os preceitos religiosos. No entanto, declínios dramáticos foram registrados no Sri Lanka, China, Indonésia e em vários estados da Índia. Cingapura viu a taxa de natalidade das etnias chinesas despencar tão rápido que se preocupa em relação a uma subpopulação. Depois de vinte anos do *slogan* "Dois é o Bastante", autoridades de Cingapura declararam recentemente: "Tenha três — ou mais, se você pode sustentá-los!"

Ao mesmo tempo, os países pobres estão aumentando a sua

produção agrícola. A China e a Índia constituem mais de 40 por cento da população mundial e a maior parte da sua população pobre. No entanto, durante os últimos dez anos esses dois países tornaram-se auto-suficientes na agricultura. Em 1978, a China começou a reestruturar o setor agrícola, passando das unidades de produção com controle centralizado para forças de mercado descentralizadas. Finalmente podendo flutuar, os preços tornaram-se indicações para os agentes da economia na China, e a produção saltou para a frente.

No lado mais cruelmente irreverente, entretanto, os países africanos encontraram um sucesso enganoso tanto em diminuir a população quanto em aumentar a produção. Embora os bebês nasçam num índice mais lento do que em 1950, a taxa de crescimento da população em geral é mais alta porque a expectativa de vida cresceu drasticamente. O fantasma de Malthus parece franzir as sobrancelhas para países como a Etiópia, onde a seca e a guerra agem como interrupções positivas. No entanto, esses países devastados têm o potencial para alimentar as suas populações. Economistas apontam dois problemas essenciais. Primeiro, os países pobres não têm condições de poupar e investir em novas tecnologias porque a receita é baixa. E a receita é baixa porque as técnicas de produção são ineficientes. Assim eles são pegos num círculo vicioso, que o auxílio externo tenta romper. Segundo e muito mais importante, muitos governos com raízes políticas instáveis aplacam os consumidores urbanos mantendo baixos os preços dos alimentos. Mas preços artificialmente baixos reduzem o investimento dos agricultores e tolhem o desenvolvimento de nova produção. Como resultado, os consumidores vêem contentes as etiquetas com preços baixos, mas olham tristemente para cima e vêem prateleiras vazias.

Os países do Terceiro Mundo muitas vezes resolvem o problema fortalecendo as suas moedas correntes, o que encoraja as importações e desencoraja as suas exportações. Durante a última

década, muitos estudiosos reexaminaram a questão básica sobre se o crescimento da população prejudica os países do Terceiro Mundo e concluíram que para alguns países, principalmente aqueles com bastante terra cultivável, o rápido crescimento da população pode não ser destrutivo. Uma população mais densa pode baixar os custos do transporte de mercadorias para os clientes e estimular a demanda interna por mercadorias. O Banco Mundial sugere que a maioria dos países desenvolvidos pode absorver até 2 por cento de crescimento sem um declínio do padrão de vida.[15] Enquanto os países africanos chegam a aumentos anuais de 3 por cento em média, os países asiáticos e latino-americanos chegam a cerca de 2 por cento. Certamente, há motivo de esperança. Mas a esperança se baseia em grande parte em se os governos irão estabelecer políticas econômicas produtivas que encorajem o comércio entre os adultos e a educação entre as crianças.

Seus últimos dias

Malthus ficaria surpreso ao descobrir que o mundo está em boa forma o suficiente para discutir a sua tese durante 150 anos após o seu falecimento.

Malthus passou os últimos trinta anos da sua vida em Haileybury e Londres em estreita camaradagem com os poderosos e os íntimos dos poderosos. Durante o mandato de Samuel Johnson, ele foi "sociável" e tornou-se um membro do King of Clubs e do Political Economy Club. Ele preparou diversos livros e panfletos, sendo que o mais notável foi a sua obra *Principles of Political Economy*. Mais importante, em tom amigável mas vigoroso ele debateu com David Ricardo sobre política de comércio e a questão das crises econômicas, que nós discutiremos depois.

Mesmo até a sua morte em 1834, Malthus sentiu-se obrigado a negar que fosse um inimigo da humanidade. Conferencistas e autores ainda o retratam quando muito como um pároco severo e

na pior das hipóteses como um duende apropriado para o Halloween. No entanto os seus críticos, pensava ele, colocavam as máscaras alegres que prejudicavam a sua visão — impedindo-os de ver que a luz no fim do túnel era um trem que vinha na direção deles.

IV

DAVID RICARDO E O APELO PELO LIVRE COMÉRCIO

David Ricardo nunca freqüentou uma faculdade. Mas ele esmiuçou a teoria econômica com mais competência do que qualquer acadêmico. Ele nunca estudou formalmente os mercados financeiros. No entanto ele ganhou milhões de libras no mercado de ações. Sua mente poderosa e seu conhecimento prático dominavam de tal maneira os adversários intelectuais que ele podia vencer debates veementes e então desprezar o argumento rival, dizendo que apenas um professor de universidade seria tolo o bastante para acreditar naquilo.

Um professor de universidade era "tolo" o bastante para discordar de Ricardo. Seu nome era Thomas Robert Malthus. Mas os críticos tinham caluniado Malthus tão maldosamente que ele na verdade apreciava os ataques ponderados de Ricardo. Depois de Shelley e Coleridge, os tiros de tocaia de Ricardo deviam se parecer mais com uma serenata. E pelo menos Ricardo concordava com o seu princípio das populações.

A relação entre Ricardo e Malthus começou na imprensa, quando cada um publicou ensaios sobre moeda corrente e edições oficiais criticando o outro. Malthus finalmente mandou uma carta a Ricardo em 1811, sugerindo que, desde que "nós estamos *fundamentalmente*

do mesmo lado da questão, podemos suplantar a necessidade de uma longa controvérsia impressa (...) por uma amigável discussão em particular". Mais ou menos ao mesmo tempo Ricardo estava compondo a mesma nota. Eles se encontraram alguns dias depois e esse foi o início de uma amizade para a vida toda. Antes da morte de Ricardo em 1823, ele escreveu a Malthus, afirmando que, apesar das numerosas disputas, "eu não poderia gostar mais de você do que eu gosto se você concordasse comigo em opinião". Apenas três pessoas dividiram o testamento de Ricardo, e Malthus foi uma delas. Mais tarde Malthus anunciou: "Eu nunca amei tanto alguém que não fosse da minha própria família."

Malthus nunca conheceu ninguém que estivesse tão fora da sua "família" quanto Ricardo. Enquanto Malthus vinha de uma antiga família inglesa e tinha se ordenado na Igreja Anglicana, Ricardo tinha nascido filho de um imigrante judeu em 1772. Abraham Ricardo era um dos doze "Irmãos Judeus" que tinham permissão de trabalhar como corretores de ações em Londres. Enquanto Malthus recebeu orientação e instrução em Cambridge, Ricardo foi trabalhar com o pai aos catorze anos e começou a aprender sistemas financeiros e estratégias intrincadas sobre a profissão, por assim dizer. E ele aprendeu bem. Com vinte e poucos anos, o homem com o toque de Midas tinha estabelecido o seu próprio negócio e acumulou uma fortuna através de ações, títulos e investimentos em bens imóveis. O único dinheiro que Malthus jamais ganhou através de um investimento, foi Ricardo que fez para ele. Um exemplo básico da argúcia contrastante dos dois ocorreu durante o reinado de Napoleão. Ricardo tinha comprado algumas ações do governo britânico para ele e para Malthus, mas após a proclamação de uma nova constituição francesa Malthus ficou nervoso, temendo que uma boa reviravolta dos acontecimentos a favor do líder francês pudesse prejudicar as ações. Num tom tão tímido que mostrava que Malthus estaria melhor num bingo de igreja do que no mercado de ações, ele pediu a Ricardo que vendesse as ações, a não ser que "seja ou errado ou inconveniente para você, e o que quer que possa ocorrer

(...) eu serei sempre sensível à sua gentileza, e sem disposição de me impacientar". Ricardo vendeu as ações de Malthus mas manteve as suas por mais algum tempo, ganhando quase o dobro do prêmio de Malthus.[1]

Apesar da riqueza cercar Ricardo, ele não leu *A riqueza das nações* antes dos vinte e sete anos e mesmo assim por "acidente". Durante umas férias maçantes na estação inglesa de Bath, o futuro líder da ciência econômica clássica viajou pela maior obra do seu fundador. Lembremos que Adam Smith começou *A riqueza das nações* durante uma estadia maçante na França. Como a ciência econômica parece dever mais ao tédio do que qualquer outra disciplina, talvez os estudantes não devessem reclamar se os seus professores ocasionalmente retribuem o favor ou celebram a fundação.

Em 1809, Ricardo debutou como um escritor de economia — com artigos de jornais e panfletos sobre moeda corrente e inflação — para delírio dos críticos. Com a recomendação de James Mill, economista político e pai do filósofo John Stuart Mill, Ricardo entrou para a sociedade intelectual de Londres, tornando-se posteriormente um membro do Political Economy Club, de Malthus, e do King of Clubs (um clube social). Um esplêndido narrador e anfitrião, Ricardo impressionou especialmente à romancista Maria Edgeworth, que contou ter tido "uma conversa muito agradável, tanto em assuntos profundos quanto em assuntos superficiais. O Sr. Ricardo, de uma maneira muito serena, tem uma contínua vivacidade mental, e sempre começa um novo jogo de conversação. Eu nunca argumentei ou discuti uma questão com ninguém que argumente mais honestamente ou menos pela vitória e mais pela verdade".[2]

O filho de um imigrante logo se tornou o modelo do cavalheiro inglês, inteligente para a revolução industrial e desenvolto na sala de visitas. Intimidado por James Mill, em 1817 Ricardo finalmente escreveu um tratado, *Princípios de economia política e da imposição fiscal*, fornecendo um comentário completo sobre Adam Smith,

assim como edições contemporâneas. Dois anos depois, e novamente com a recomendação de Mill, Ricardo ganhou uma cadeira na Câmara dos Comuns, onde a sua voz aguda soou a favor das liberdades políticas e do livre comércio.

Uma teoria intrincada porém brilhante

Não sabemos quantos membros do Parlamento realmente entendiam Ricardo, principalmente suas idéias a respeito do comércio. Não porque suas idéias fossem nebulosas ou porque ele não soubesse se expressar, mas talvez porque Ricardo tentasse argumentar a respeito do princípio mais complexo e racional da ciência econômica. Uma vez o presidente Gerald Ford fez um discurso na televisão sobre o déficit do orçamento federal usando uma lista como auxílio visual, tudo ensaiado cuidadosamente para que ele não fizesse gestos manuais embaraçosos. Nenhum presidente atual tentaria fazer o que Ricardo tentou fazer. Infelizmente, o princípio desconcertante é a chave para a compreensão econômica atual. Um insolente cientista natural uma vez pediu a um famoso economista para citar uma regra econômica que não fosse óbvia ou sem importância. A Lei das Vantagens Comparativas de Ricardo foi a resposta imediata. Lamentavelmente, poucos políticos na época ou agora conseguem seguir a análise. Como resultado, quotas, tarifas e guerras comerciais perturbam a história econômica mundial.

Antes de examinar o princípio, vejamos por que Ricardo se preocupava em explicá-lo. Assim como na visão de Adam Smith, os homens de negócios adoram gritar a favor da livre empresa nas reuniões do Rotary Club, entretanto cochicham pedidos de favores nos ouvidos dos políticos na colina do Capitólio. Na época de Ricardo, proprietários de terras cochichavam e acenavam as suas riquezas no Parlamento, protegendo-se da importação de cereais depois das guerras napoleônicas. O preço do cereal havia subido

muito durante as guerras, em parte como resultado do embargo de Napoleão, e os proprietários de terras temiam uma súbita queda no início da paz. No outro lado do corredor sentava-se a burguesia emergente, os novos homens de negócios da Revolução Industrial. Como a burguesia empregava trabalhadores, eles preferiam que os alimentos tivessem preços baixos, pois desse modo não seriam forçados a pagar salários mais altos. Os proprietários de terras venceram a guerra de influências, e em 1815 o Parlamento aprovou uma lei que proibia importações de cereais abaixo de um determinado preço, virtualmente concedendo um monopólio aos fazendeiros. Os dicionários britânicos definem "*corn*" (milho) como cereal assim como aveia, centeio, trigo e cevada. Assim, as leis foram chamadas de "Corn Laws" (Leis dos Cereais).

Ricardo via dois futuros para a Grã-Bretanha: primeiro, como insular, uma ilha protecionista levantando barricadas contra mercadorias estrangeiras. Segundo, como um comerciante voltado para o exterior, agindo como a "oficina do mundo". A escolha era crítica. Pois, se a Grã-Bretanha escolhesse o primeiro, a economia autoconfiante logo se tornaria decrépita. Nós primeiro aprenderemos por que Ricardo preferia a política de portas abertas e então examinaremos a intrincada questão do "estado estacionário" de Ricardo.

Lembremo-nos do modelo de vantagem absoluta de Adam Smith. Imagine-o adotando a sua teoria e insultando os franceses ao dizer: "Nós não gostamos deles. Eles comem sapos. E eu tive uma estada bem maçante em Toulouse. Mas se eles podem fabricar vinho mais barato do que nós, devíamos brindar a eles e beber o seu vinho. Se eles não conseguem fabricar um vinho mais barato, vamos apenas escarnecer deles através do Canal da Mancha." Uma afirmação lógica, intuitivamente correta.

Para entender a resposta de Ricardo, imagine a antiga série da televisão "Gilligan's Island". Sem sorte, irremediavelmente sem jeito, Gilligan é lançado à praia juntamente com o capitão competente e seguro de si. Duas tarefas devem ser feitas — pescar e construir

um abrigo —, imagine que o capitão possa pegar um peixe para o jantar em 10 horas e construir uma cabana de folhas em 20, e que Gilligan geralmente se atrapalha e leva 15 horas para pegar o peixe e 45 horas para construir uma cabana. Segundo a lógica de Adam Smith, o capitão devia ficar o mais longe possível de Gilligan, construindo e pescando por si mesmo, já que ele executa as tarefas melhor que Gilligan. Mas economistas ainda estremecem com reverência quando Ricardo mostra que o capitão deveria dividir os trabalhos com Gilligan!

Calculemos primeiro quantos peixes e cabanas eles poderiam construir por si próprios, passando metade do tempo pescando e a outra metade construindo. Imagine que durante um ano, o capitão trabalhará um total de 2.000 horas, e o seu ajudante mais jovem foi mandado trabalhar 3.600. Se o capitão leva 1.000 horas pescando, ele acumulará 100 jantares de peixe; e em 1.000 horas de construção ele terá produzido 50 cabanas. As 1.800 horas de pescaria de Gilligan trarão 120 jantares; e 1.800 horas construindo cabanas produzirão 40 cabanas. Assim o número total de jantares na ilha é de 220, comidos no conforto de 90 cabanas.

O que acontece se eles se especializarem? Se o capitão gastar todo o seu tempo com as cabanas, ele construirá 100; se Gilligan se concentrar na pesca, ele retornará com 240 jantares de peixes. Assim, a ilha teve a sua produção aumentada dramaticamente apenas com a especialização, embora Gilligan fosse muito menos competente em ambas as tarefas!

Imagine Ricardo respondendo ao hipotético insulto de Adam Smith aos franceses dizendo: "Eu não gosto dos franceses tanto quanto Adam Smith. Mas eu não escarneço deles somente porque eles não conseguem produzir nada tão barato quanto nós conseguimos. Eu negociaria com eles apesar da sua inferioridade."

A próxima questão-chave é: como nós sabemos no que nos especializar? Retornemos à ilha. Como o capitão leva duas vezes mais tempo erguendo uma cabana do que pescando o jantar, ele desiste

de dois jantares a cada vez que constrói uma cabana. Mas Gilligan, que leva três vezes mais tempo construindo uma cabana do que pescando o jantar, desiste de três jantares a cada vez que constrói uma cabana. Como construir cabanas é um sacrifício menor para o capitão, ele deveria construir cabanas. Ricardo mostrava que as pessoas e os países deveriam se especializar naquilo que os levasse a desistir de menos. Essa é a sua "vantagem comparativa". E o sacrifício que eles fazem por não produzir um bem é o seu "custo de oportunidade". Assim, a especialização é determinada por quem tiver o mais baixo custo de oportunidade.[3]

A questão da análise de Ricardo: o livre comércio torna possível para as famílias consumirem mais mercadorias *indiferentes* a se os parceiros de comércio são mais ou menos avançados economicamente. A questão principal da posição de Ricardo em relação às Leis dos Cereais: se os fazendeiros franceses estão dispostos a nos alimentar por menos do que nos "custaria" alimentar-nos a nós mesmos, vamos comer os alimentos franceses e gastar o nosso tempo fazendo alguma outra coisa.

A batalha contra os protecionistas

Se Papai Noel começar a fazer o transporte aéreo de bolos, biscoitos e roupas com as renas, deveríamos atirar Rudolph para fora do céu pelo fato de assarmos bolos e biscoitos e costurarmos por conta própria? O problema com o qual Ricardo e todos os partidários do livre comércio defrontam é que os confeiteiros e os alfaiates prefeririam que o governo intercedesse e destruísse Rudolph. Eles gritariam que os empregos dependem de assarmos para nós mesmos. Mas eles esquecem dos benefícios para os consumidores pelo país todo, especialmente para as classes mais pobres, para quem a comida mais barata significa uma vida substancialmente melhor. Na época em que Ricardo escreveu e argumentou diante do Parlamento, os trabalhadores gastavam quase metade dos seus

salários em pães fabricados com cereais. Bloquear a importação de cereais mais baratos afetava adversamente os trabalhadores e os seus empregadores. Além do mais, os protecionistas esquecem que empregos são criados vendendo mercadorias e serviços para outros países. Não é de admirar que Ricardo tenha se tornado um inimigo da classe alta por declarar que o "interesse dos proprietários de terras está sempre em oposição ao interesse de qualquer outra classe na comunidade".

Apesar da força do seu intelecto e do seu argumento, Ricardo não conseguiu persuadir o Parlamento a ceder. As Leis dos Cereais persistiram até 1846. Ricardo, no entanto, persuadiu gerações subseqüentes de economistas de que a proteção é quase sempre ruim para uma economia como um todo, embora seja boa para um grupo em particular. As pessoas às vezes insultam os economistas por discordarem freqüentemente a respeito de prescrições políticas. George Bernard Shaw predisse: "Se todos os economistas fossem deitados ao comprido, eles chegariam a uma conclusão." Entretanto, várias vezes durante o século XX, milhares de economistas assinaram petições implorando ao governo dos Estados Unidos para não bloquear as importações. Todas as vezes que a economia interna parece estagnada, alguns políticos tentam aplacar os eleitores ameaçando economias externas. Os Estados Unidos impuseram as suas tarifas mais altas deste século quando ele e o mundo mais precisavam do livre mercado, durante a Grande Depressão. Quando as economias se viram para o interior, elas quase sempre declinam. Não existe espiral para dentro e para cima em economia.

Durante a década de 1980 os fabricantes de automóveis japoneses começaram "voluntariamente" a restringir as exportações para os Estados Unidos para evitar medidas ainda mais severas do Congresso. Como o suprimento de carros japoneses era limitado, os seus preços subiram, e os fabricantes americanos puderam cobrar mais pelos seus próprios carros. Economistas estimaram que consumidores americanos perderam 350 milhões de dólares

como resultado no primeiro ano, e os preços dos carros subiram quase US$3,000 nos primeiros três anos das restrições. Mesmo se, no máximo, 10 mil empregos fossem "poupados", a economia americana poderia ter pago a cada trabalhador US$35,000 por ano apenas para ficar sentado em casa. Em vez disso, poucos consumidores podiam comprar carros e aqueles que compravam ficavam com poucos dólares para comprar outros bens, reduzindo os empregos em outros setores. "Fabricantes de carros nacionais podiam cortar e provavelmente cortariam preços, mas o governo lhes ofereceu o consumidor americano numa bandeja, e eles não puderam resistir a trinchá-los", acusou Robert Crandall do Brookings Institution.[4]

Durante o ano de 1989, os lobistas da indústria automotiva suplicaram ao Departamento do Tesouro para classificar minivans importadas e veículos utilitários/esportivos como caminhões. Se o Tesouro tivesse cedido à pressão, as tarifas sobre tais veículos teriam subido dez vezes mais.

Abraham Lincoln expõe um argumento protecionista vigorosamente: "Eu não sei muito sobre a tarifa, mas sei que se comprar um casaco na América, tenho o casaco e a América tem o dinheiro — se comprar um casaco na Inglaterra, tenho o casaco e a Inglaterra tem o dinheiro." Ele estava certo — ele não sabia muita coisa a respeito da tarifa. Assim como os mercantilistas, Lincoln não entendia que um país é rico se ele consome muitos bens e serviços, não se ele estoca pilhas de moeda corrente em metal ou em papel com retratos de presidentes nelas. Se Lincoln compra o casaco londrino que ele prefere, ele troca alguns dólares por libras inglesas. Assim alguém em Londres agora possui dólares. Os londrinos não abrem mão de libras apenas para colocar como papel de parede nos seus apartamentos cédulas de papel-moeda norte-americano. O londrino irá ou (1) comprar um produto americano ou (2) negociar dólares por libras. Se ele comprar um produto americano, Lincoln fica feliz porque ele preferiu o casaco londrino, e o londrino fica feliz porque gostou da mercadoria americana.

Se despachar os seus dólares, despachará para alguém mais que quer comprar produtos americanos.[5]

E se pudéssemos encher um milhão de barcos a remo com dinheiro americano em troca de um transatlântico cheio de mercadorias inglesas? Então o Tesouro poderia imprimir bilhões de notas de cinco dólares. De acordo com a lógica de Lincoln, obteríamos lindos suéteres, bules e ternos de *tweed*, enquanto os britânicos ficariam com papel! Embora Lincoln não entendesse isso, seria um ótimo negócio! Mas a piada é sobre nós. Lincoln não entendia que os britânicos aceitam dólares *porque* eles podem comprar mercadorias americanas e ativos financeiros com eles. O dinheiro pode não fazer o mundo girar, mas certamente gira pelo mundo. Fazê-lo parar impede as mercadorias de viajar de onde elas são produzidas com um custo menor para onde elas são desejadas mais profundamente.

O problema não é se os casacos serão produzidos nos Estados Unidos ou não. É se nós usaremos os nossos recursos valiosos para produzir bens a um custo de oportunidade mais alto ou mais baixo. Permitindo o comércio, as nações obrigam os seus cidadãos a desviar recursos dos setores de baixa produtividade e em direção a setores de alta produtividade. Se as nações desviam, seus habitantes podem usufruir mais produtos com menos sacrifício.

Mudanças causam sofrimento, no entanto, aos trabalhadores e proprietários de setores de baixa produtividade. Mas a proteção muitas vezes custa muito também aos consumidores, e o governo faria o possível para compensar diretamente os trabalhadores substituídos e pagar para que sejam novamente treinados. Proteger o emprego de um metalúrgico custava mais de US$100,000, enquanto "poupar" o emprego de um sapateiro custava US$77,000 no início dos anos 1980.[6] Mais adiante, a lógica da proteção aponta na direção da estagnação econômica. A maioria das indústrias e invenções que elevaram o nosso padrão de vida tiraram outros dos seus empregos. Alguns anos atrás, a Xerox produziu um anúncio de televi-

são retratando um monge trabalhando como escriba num mosteiro, copiando cuidadosamente páginas de documentos e preces. Um dia o seu superior lhe dá um grosso pergaminho para transcrever. O oprimido monge então anda vivamente empertigado até um canto onde está uma nova copiadora, que faz o trabalho em segundos. Olhando jubilosamente em direção ao Céu, ele proclama "um milagre". Pode-se imaginar como um comitê de ação política bem organizado exigiria proteção? Imagine milhares de monges marchando em Washington. Quantos monges poderiam ser substituídos por copiadoras eletrônicas?

O livre mercado não é um mercado indolor. A mão invisível não nos protege da maneira que uma mãe protege o seu filho. Se as pessoas preferem mais estabilidade, talvez elas devessem optar por proteção. Mas os benefícios do crescimento econômico e do progresso geralmente não vêm para aqueles que se encolhem nos cantos enquanto o seu governo protege os portos dos gregos trazendo presentes e mercadorias.

O mundo não admira os economistas pelo seu senso de humor. Mas a colocação em destaque da sátira da ciência social veio do panfletário econômico francês Frédéric Bastiat durante a década de 1840, quando a França aumentou as taxas de importação:

> Dos Fabricantes de Velas, Lamparinas, Lanternas, Castiçais, Luminárias de Rua, Espevitadores e Apagadores, e dos Produtores de Petróleo, Sebo, Resina, Álcool, e em Geral Tudo que esteja Relacionado com Iluminação, Para os Ilustres Membros da Câmara dos Deputados.
>
> Senhores:
>
> ... Nós estamos sofrendo a desastrosa competição de um rival estrangeiro que aparentemente trabalha sob condições tão superiores às nossas para a produção de iluminação, que está *inundando* o *mercado interno* com ela a um preço incrivelmente baixo (...). Esse rival (...) não é outro senão o sol (...)
>
> Nós lhes pedimos ser condescendentes a ponto de aprovar uma

lei exigindo o fechamento de todas as janelas, trapeiras, clarabóias, venezianas internas e externas, cortinas, batentes, olhos-de-boi, postigos e anteparos; em resumo, todas as aberturas, buracos, frestas e fendas (...).

Se for fechado tanto quanto possível todo acesso à luz natural e dessa forma criada uma necessidade pela luz artificial, que indústria na França não ficará extremamente encorajada?

Se a França consumir mais sebo, terá que haver mais gado bovino e ovino (...).

É o mesmo caso no que diz respeito à navegação.[7]

Mais seriamente para a nossa época, a análise de Ricardo implica que o protecionismo pelas nações ricas condena os países menos desenvolvidos à estagnação. Parece contraditório oferecer milhões de dólares em auxílio externo e empréstimos, e ao mesmo tempo colocar obstáculos diante dos recebedores. Por exemplo, o Congresso americano, sob pressão dos produtores internos de açúcar, frustrou os programas de desenvolvimento de muitos países do Caribe. As cotas de importação reduziram de cerca de 6 milhões de toneladas de açúcar em 1977 para menos de 800 mil toneladas em 1987, o nível mais baixo em um século. Deveria nos surpreender o fato de que muitos fazendeiros ao sul da fronteira acharam a coca uma produção mais lucrativa e a furtiva indústria de drogas americana um parceiro comercial mais favorável?

Algumas vezes ajuda imaginar os argumentos protecionistas numa escala reduzida. Um homem rico seria prejudicado ao negociar com um homem pobre? J. Paul Getty teria feito os seus próprios sapatos em vez de comprá-los? Se não, por que os Estados Unidos seriam prejudicados por comprar sapatos da Malásia? A nação seria mais rica se todas as pessoas fossem auto-suficientes? Se todas as vizinhanças fossem auto-suficientes? Os municípios individuais deveriam erguer fronteiras comerciais? Poucos responderiam "sim" e naturalmente a Constituição o impediria. Mas por que uma nação deveria enriquecer repelindo mercadorias produzidas com um custo menor no exterior?

Depois da Segunda Guerra Mundial, muitos países entraram para o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), uma organização designada para promover o livre comércio. Posteriormente ocorreram negociações de comércio internacional, reduzindo as barreiras tarifárias mundiais. No entanto a ameaça de severos esforços isolacionistas persiste, e os próximos anos parecem precários sob esse ponto de vista.

A explicação de Ricardo e a nossa discussão não provam que as tarifas estão sempre erradas. Simplesmente mostram que as tarifas tendem a contrair o crescimento econômico e que, conseqüentemente, a maioria das demandas por proteção encobertas sob termos de auxílio ao consumidor, aumentando o número de empregos ou favorecendo a economia, são suspeitas. Entretanto, um país poderia utilizar prudentemente uma política protecionista com objetivos de defesa nacional ou para assegurar estabilidade política numa época de intensa incerteza.

Uma bifurcação no futuro

Anteriormente assinalamos que Ricardo via dois futuros para a Grã-Bretanha: um brilhante futuro como um negociador voltado para o exterior e um sombrio como um isolacionista. Através da vantagem comparativa, Ricardo previu a Inglaterra emergindo como a oficina do mundo. E declarou alegremente diante do Parlamento que "esse seria o país mais feliz do mundo, e o seu progresso na prosperidade estaria além dos poderes de concepção da imaginação, se conseguisse se livrar de dois grandes males — a dívida nacional e as Leis dos Cereais". Longe de predizer o juízo final, Ricardo conduzia a sua audiência em direção ao progresso nacional: "O homem vai da juventude à idade adulta, e então declina, e morre; mas esse não é o progresso das nações. Quando chegam a um estado do maior vigor, o seu avanço futuro pode ser na verdade interrompido, mas a sua tendência natural é continuar

por muito tempo, manter inalterada a sua riqueza, e a sua população."[8]

Apesar de tais entusiasmos em relação ao comércio, alguns autores retratam persistentemente Ricardo como um analista pessimista, tão sombrio porém mais inteligente do que aquele outro duende, Malthus. Na verdade, Ricardo passou muito tempo analisando um deprimente futuro isolacionista. Mas não podemos esquecer que esse futuro foi usado como um realce para o primeiro caminho com o objetivo de atemorizar os políticos em relação a políticas não intervencionistas.

Qual era o segundo caminho? Comecemos com a seqüência de passos antes de iniciar uma análise. Aceitando os princípios de Malthus relativos à população, Ricardo via que (1) o aumento da população leva a uma maior demanda de alimentos, (2) que leva a expandir a agricultura para terras menos férteis, (3) que leva a custos mais altos na agricultura, (4) que leva a preços mais altos para os alimentos, (5) que leva a pagar mais aos trabalhadores, (6) que leva a lucros menores para os empresários, (7) que leva a pagamentos mais altos àqueles que possuem as melhores terras.

Para compreender o jogo de planejamento de Ricardo, nós devemos abrir o programa e identificar os jogadores. Em primeiro lugar e em quantidade mais abundante estão os trabalhadores. De acordo com os princípios malthusianos, eles se multiplicam quando os salários sobem, o que em contrapartida reduz os seus salários. Assim, durante o curso de um longo jogo, os pagamentos estarão num nível alto o suficiente para sustentá-los, de acordo com os costumes e expectativas do momento. Ricardo não os condena a se privar da subsistência biológica, surrupiando restos de comida e cambaleando em farrapos:

> Não é para ser entendido que o preço natural da mão-de-obra, estimado mesmo em alimentos e itens essenciais, é absolutamente fixo e constante. Varia em épocas diferentes no mesmo país, e difere muito materialmente em diferentes países. Depende essencialmente dos hábitos e costumes do povo. Um trabalhador inglês consideraria os seus salários sob o seu índice natural, e demasiadamente insuficientes para sustentar uma família, se eles não lhe permitem comprar outro alimento que não seja batatas, e viver numa habitação em nada melhor do que uma cabana enlameada.[9]

Em segundo lugar, nós temos os fazendeiros arrendatários. Mas note que eles *não* possuem a terra que cultivam. Ricardo os retrata como capitalistas que alugam a terra, contratam trabalhadores e recebem lucros. Em vez de possuir as ferramentas numa fábrica, o fazendeiro possui os arados. Ricardo concorda com Adam Smith em que os capitalistas/fazendeiros têm um "desejo incessante" de seguir os sinais do mercado e desviar recursos e investimentos para os projetos mais lucrativos. Assim, eles desempenham tarefas muito importantes para a sociedade, mas não necessariamente porque gostem da sociedade.

Em terceiro lugar, e com mais poder, Ricardo descreve os ricos proprietários de terras, que arrendam as terras para os fazendeiros. Eles vivem uma vida de ócio, e ainda assim no final conseguem fazer mais fortuna do que os outros jogadores.

Ricardo readaptou as convenções econômicas e a definição de "arrendamento". Lembremos do debate sobre as Leis dos Cereais. Alguns afirmavam que o cereal custa mais porque os proprietários de terras estavam cobrando mais dos fazendeiros pelo aluguel da terra. Ricardo discordava, argumentando que o preço subia por causa da escassez nas épocas de guerra, o que seduzia os empresários para a indústria da agricultura. Quando entravam, os proprietários de terras encontravam mais capitalistas batendo nas suas portas e elevando as ofertas sobre o preço do aluguel da terra. Assim, os arrendamentos eram altos porque o preço do cereal estava alto, não o contrário. Quando os bloqueios fossem derrubados, o preço do cereal também seria, e os proprietários de terras teriam que cobrar aluguéis mais baratos. Em termos econômicos modernos, o

desejo pelo aluguel da terra é uma "demanda derivada", determinada pela oferta e demanda de cereal.

Ricardo em seguida argumentou que os proprietários de terras podem cobrar aluguel somente se houver uma demanda pela sua propriedade. Algumas dessas suas propriedades serão mais férteis que outras, e os níveis dos aluguéis serão estabelecidos com base nessa diferença em fertilidade. Se Al possui um pedaço de terra que produz 1.000 toneladas de cereal, e Joan possui um pedaço de terra contíguo que produz apenas 500 toneladas, Al poderá cobrar um índice mais alto a um fazendeiro capitalista.

Os aluguéis sobem porque nem toda terra é criada igual:

> Quando, no progresso da sociedade, terra de segundo grau de fertilidade é tomada para cultivo, o aluguel imediatamente começa em relação àquela de primeira qualidade, e a quantia daquele aluguel dependerá da diferença da qualidade dessas duas porções de terra. Quando a terra de terceira qualidade é tomada para cultivo, o aluguel imediatamente sobe em relação à segunda, e é regulado como antes pelas diferenças na sua capacidade produtiva. Ao mesmo tempo, o restante de primeira qualidade subirá.[10]

Se Ricardo estiver certo, os aluguéis emergem à medida que as populações crescem. Quando poucas pessoas necessitam de alimento, elas podem produzir o suficiente cultivando apenas a melhor terra. À medida que as bocas se multiplicam, os fazendeiros começam a cultivar a terra abaixo da melhor. Pelo fato de a terra de segundo nível de qualidade produzir menos, o proprietário da terra melhor agora pode cobrar aluguel. Os salários e um lucro normal sobre a segunda terra determinarão o preço do cereal. E como os custos são mais baixos na terra melhor, existe um excedente. O proprietário da terra fica com o excedente.

Por que a visão de Ricardo incita olhares carrancudos e medrosos? De acordo com ela, o caminho do crescimento econômico terminava num fosso, literal e figurativamente. Durante algum tempo os capitalistas puderam expandir a produção industrial e até mesmo pagar salários mais altos aos trabalhadores. Mas logo os felizes trabalhadores criariam mais trabalhadores, reduzindo os salários. Como a Inglaterra poderia alimentar as multidões famintas? Cultivando mais terras. Mas lembremos que as terras adicionais seriam menos produtivas e custava mais cultivá-las, já que os fazendeiros começaram a explorar a terra mais rica primeiro.

O preço do cereal subiria. Mas o capitalista não teria lucro, porque ele precisa pagar mais aos trabalhadores para que eles possam sobreviver. Se os recursos devem "ser divididos entre o fazendeiro e o trabalhador, quanto maior for a proporção para o último, menos ficará para o primeiro".[11] Além do mais, os proprietários que possuem as melhores terras cobram aluguéis mais altos quando os fazendeiros começam a cultivar a terra inferior. Quem ganha? Os proprietários de terras. Quem perde? Os capitalistas. Quem fica na mesma? Os trabalhadores, embora no fim a fome pudesse assolar quando os fazendeiros exaurem as terras. Ricardo chama a situação sombria de o "estado estacionário". Literalmente, a fome força a sociedade a cultivar até mesmo fossos. De modo figurado, os capitalistas e trabalhadores são deixados a agitar os braços e a gritar por socorro de dentro de um fosso.

Por que Ricardo diverge tão fortemente do sonho feliz de Adam Smith? Smith de maneira geral imagina que a agricultura não declinará em produtividade e que a indústria se tornará continuamente mais produtiva. Em termos atuais, Smith vê rendimentos constantes para a agricultura e rendimentos crescentes para a indústria, o que permite que todas as partes prosperem. Ricardo descreve rendimentos constantes para a indústria e rendimentos decrescentes para a agricultura. Naturalmente, Ricardo mantém alguma esperança de que a tecnologia resgate periodicamente a economia. A tendência da queda dos lucros "é felizmente contrabalançada a intervalos repetidos pelos melhoramentos na maquinaria, relacionadas com a produção de bens essenciais, assim como pelas descobertas na ciência da agricultura que permite abrir

mão de uma parcela do trabalho anteriormente requerido e, assim, reduzir o preço das necessidades básicas do trabalhador".[12] Ainda assim, não podemos depender seguramente da tecnologia para nos salvar sempre.

Mas lembremos de *A Christmas Carol,* de Dickens. O fantasma conta a história do horrível futuro Natal, contaminado pela fome, o medo e o desespero. Scrooge pergunta timidamente: É assim que o Natal deve ser? Com o horrível clangor das correntes e uma respiração sibilante e assombrada, o fantasma deixa o amanhã por conta de Scrooge.

Ricardo não é o duende que alguns descrevem, mas mais como o fantasma de *A Christmas Carol*, advertindo a Inglaterra de que as políticas insulares e gananciosas trarão tempos ainda mais difíceis e vorazes, enquanto uma posição comercial aberta e voltada para o exterior pode prometer dias mais felizes. "Eu luto pelo livre comércio para os cereais, com base no fato de que enquanto o comércio é livre e o cereal barato, os lucros não cairão por maior que seja a acumulação de capital", escreveu ele. O crescimento econômico não defronta com fossos. E embora os obstáculos sejam erguidos pela "escassez, e o conseqüente alto preço dos alimentos e outros produtos em estado natural (...) que eles sejam fornecidos do exterior em troca de produtos manufaturados, e é difícil dizer onde está o limite no qual se deve parar de acumular riquezas".[13]

A análise de Ricardo revelou-se fértil pela crítica e pelo alcance. Assim como Malthus, ele subestimava o "comedimento" dos trabalhadores. Eles não se propagavam tão rapidamente quanto ele temia. Milton Friedman, como foi assinalado anteriormente, segura seu lápis como símbolo da liberdade econômica. Algumas vezes parece que os economistas clássicos deveriam estar segurando pés de coelho — não para dar sorte, mas para simbolizar a sua percepção da tendência do homem para a procriação. Assim como Malthus, Ricardo se opunha amargamente às Leis de Assistência Social, porque

acabavam por trazer a fome, insistindo em que "todo amigo dos pobres deve desejar ardentemente a sua extinção".

As pragas de Ricardo sobre os proprietários de terras e as descrições dos arrendamentos vieram para os Estados Unidos numa linguagem grosseira e ardente através de *Progress and Poverty,* de Henry George, em 1879. George, um jornalista com visões messiânicas, conduzia discípulos no "movimento pelo imposto único". Enfurecido com os ganhos imerecidos, George condenava os proprietários de terras que simplesmente recebiam aluguéis enquanto outros se esforçavam para gerar riquezas. Propondo uma taxação maciça sobre a terra para absorver os aluguéis, George previa com mais entusiasmo do que qualquer profeta do Velho Testamento que isso extinguiria a pobreza; domaria as implacáveis paixões da cobiça; estancaria as fontes do vício e da miséria; levaria aos lugares escuros a luz do conhecimento; daria um novo vigor à invenção e um novo impulso à descoberta; substituiria a força política pela fraqueza política; e tornaria a tirania e a anarquia impossíveis.[14]

Existem vários problemas em relação à proposta. Primeiro, os economistas distinguem entre "renda econômica", que Ricardo discutia, e o simples aluguel que os arrendatários pagavam aos proprietários de terras. Segundo Ricardo, renda econômica é um pagamento além daquilo que é necessário para manter a terra ou o trabalho ou o capital no seu uso atual. Como a terra só pode ser utilizada para cereal na análise de Ricardo, nada deve ser pago para mantê-la como terra cultivável. Os proprietários não têm outra escolha senão usá-la para cereal. Dessa forma, qualquer pagamento aos proprietários de terras é renda econômica. O astro do beisebol Willie Mays costumava dizer que ele jogaria de graça. Se ele o fizesse, qualquer pagamento que ele recebesse seria renda econômica, porque estaria além do que era necessário para fazê-lo jogar.

Astros de cinema também recebem rendas econômicas. Digamos que Sylvester Stallone faça constantemente a escolha entre atuar

e trabalhar como costureiro profissional. Se ele recebesse menos de US$30,000 por filme para atuar, ele mudaria para costurar bainhas e punhos. Assim, se um novo filme, *Rocky contra Rambo II em 3D*, pagasse a ele US$5 milhões, ele diria que US$30,000 eram "rendimentos transferidos" e US$4,970,000 eram renda econômica. Talvez Henry George tivesse sido corajoso o suficiente para levar embora toda a renda.

A questão é que parte de um pagamento que mantém a terra, o trabalho ou o capital num determinado uso não é renda econômica, mas rendimentos transferidos. Qualquer pagamento acima disso é renda econômica. Por conseguinte, se um proprietário convertesse a sua terra num parque de diversões, se ele não recebesse US$1,000 por mês dos inquilinos, os primeiros US$1,000 que ele recebe não são renda econômica. Tomemos cuidado com a ambigüidade da língua. Aquilo que os inquilinos de apartamentos chamam de aluguel não é renda econômica a não ser que exceda o pagamento necessário. Mas como Henry George iria saber que parte do pagamento total é renda econômica para ser tributada? Aqui ele precisaria de muito mais auxílio divino do que o que ele tinha revelado.

O imposto único sobre o movimento da terra também depara com obstáculos morais, seja para saltar ou superar. Se a justiça requer a taxação de rendas econômicas, a justiça requer a taxação da renda econômica da terra, do trabalho e do capital. Como George distinguiria entre os rendimentos transferidos e a renda econômica de Stallone? E o que dizer dos salários de senadores e economistas famosos? Nem todo mundo é tão honesto quanto Willie Mays.

Apesar de George nunca ter realizado a sua missão, ele se tornou famoso nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde devotos estabelecem sociedades de imposto único para difundir a boa palavra. E o bom livro *Progress and Poverty* se espalhou mais rapidamente do que os trabalhadores se multiplicam. Apesar do declínio final do movimento, os fãs de George podem indicar orgulhosamente os

impostos sobre a propriedade como uma fonte de finanças do Estado e regionais. Mas eles não podem indicar com tanta confiança quanto podiam sessenta anos atrás. George superestimou a importância dos aluguéis e das rendas de aluguéis. Governos de todos os níveis cresceram tremendamente no século passado. Mesmo se os governos pudessem tomar todas as rendas sem rebelião ou recessão severa, as rendas não chegariam perto de cobrir as despesas. Em 1929, as rendas de propriedades somaram cerca de 6 por cento da receita nacional. A percentagem caiu regularmente para menos de um por cento atualmente. Enquanto as taxas sobre a propriedade anteriormente forneciam 65 por cento dos orçamentos do Estado e regionais, elas agora fornecem cerca de 17 por cento.

Se George pegou um arremesso ricardiano e investiu às cegas contra todos, o contemporâneo de Ricardo, Malthus, tentou rebatê-lo. Na questão das Leis dos Cereais, Malthus aceitava grande parte da análise de Ricardo em relação à renda e aos retornos decrescentes da agricultura. Mas ele colocava uma refutação de quatro partes. Primeiro, ele sustentava que as Leis dos Cereais realmente induziam a uma maior produção interna de cereais porque elas elevavam os preços dos cereais. Segundo, Malthus achava que o cereal era uma mercadoria importante demais para ser deixada nas mãos de produtores estrangeiros. Terceiro, ele concluía que preços mais altos para os cereais realmente melhoravam os salários dos trabalhadores, já que os trabalhadores eram pagos de acordo com o preço dos cereais. Malthus dessa maneira afirmava que salários mais altos mais do que compensariam os preços mais altos para os alimentos. Ricardo discordava. Em termos atuais, ele achava que salários "nominais" mais altos não eram a mesma coisa que salários "reais" mais altos; ou seja, eles não permitiriam aos trabalhadores comprar mais do que eles podiam comprar anteriormente. Para Ricardo, os argumentos de Malthus soavam como o ditador que, sorrindo e piscando para as massas, promete duplicar os salários. A população delira. Eles saúdam os cartazes com altura de cinco andares do déspota e se rejubilam. No dia seguinte eles vão até as

lojas e descobrem que os funcionários dessas lojas passaram a noite remarcando os preços e aumentando-os em 100 por cento.

Quarto, Malthus defendia o proprietário de terras de maneira bastante tênue em atenção a Ricardo, que tinha

> agora se tornado, pelos seus talentos e sua engenhosidade, um considerável proprietário de terras, e um homem excelente e extremamente honrado, um homem que pelas qualidades da sua mente e do seu coração merece de modo absoluto aquilo que ele ganhou (...). Eu não poderia chamar atenção para o completo círculo de proprietários de terras.[15]

A bajulação não levou Malthus a lugar nenhum, com exceção talvez de um convite para o refúgio campestre de Ricardo. Pois Ricardo nunca disse que os proprietários de terras sugam intencionalmente o sangue vital de uma nação. Assim como o vampiro, eles são compelidos por forças que estão além do seu poder. Ironicamente Ricardo, o pródigo proprietário de terras, irritava os proprietários de terras, enquanto Malthus, o modesto professor, enfurecia o povo humilde.

Ricardo versus *Malthus em relação a excedentes e método*

Mas a mostra Ricardo-Malthus não deu destaque apenas aos debates sobre os proprietários de terras. Os dois economistas também discordavam a respeito das crises econômicas. Malthus acreditava em "excedentes gerais", uma frase feia que significava que os negócios às vezes fornecem mais mercadorias e serviços do que as pessoas querem comprar. Ricardo teria acreditado mais facilmente numa utopia godwiniana do que nos excedentes gerais. Ricardo adotou a "Lei de Say", assim chamada por causa do francês J. B. Say, que provou logicamente que excedentes gerais eram fantasias. (Cientistas adoram descobrir leis e curvas gráficas, talvez porque o costume é deixar que as leis e as curvas tenham o nome do seu descobridor. Em economia, também temos as curvas de Lorenz, a Lei de Okun e os triângulos de Harberger.)

O que é a Lei de Say? Trabalhadores e proprietários de terras e o capital recebem salários, rendas e juros que são adicionados ao preço de venda do produto. Todo custo na fabricação torna-se rendimento de alguém. Assim, os consumidores, que são simplesmente trabalhadores, capitalistas e proprietários de terras quando chegam em casa depois do trabalho, conseguem comprar tudo o que foi produzido. A Lei de Say é geralmente conhecida pelo *slogan*: "Toda oferta cria a sua própria demanda".

Say nunca proibiu "excedentes parciais", que ocorrem quando os consumidores decidem comprar uma quantidade menor de um determinado produto. Um dia, o vendedor suprimirá o excedente baixando o preço. Mas para Say, Smith, Hume e Ricardo um excedente geral permanece impossível, porque os consumidores precisam fazer alguma coisa com o seu dinheiro, e as pessoas têm desejos infinitos por mais bens materiais.

Malthus gritou que não. Em primeiro lugar, ele percebeu que na crise das guerras pós-napoleônicas de 1818 o desemprego parecia estar muito alto. Mas como ele poderia invadir o círculo fechado que Say tinha traçado e Ricardo tinha encorajado? Ele começou traçando o círculo e concordando que os consumidores *podiam* comprar todas as mercadorias oferecidas, mas e se eles não estivessem dispostos a gastar todo o seu dinheiro? E se eles preferissem poupar ou acumular? Isso não vazaria do círculo de compra de Say e deixaria os comerciantes sentados sobre as mercadorias que não fossem vendidas?

Ricardo revidou rapidamente. Se os consumidores pouparem, eles deixarão o seu dinheiro em bancos, que então emprestam para aqueles que querem gastar dinheiro em bens de consumo ou bens de investimento. De uma forma ou de outra, alguém está gastando. Até mesmo Adam Smith sabia que "o que é poupado anualmente é gasto tão regularmente quanto o que é gasto anualmente, e praticamente ao mesmo tempo também; mas (...) por um

conjunto diferente de pessoas".[16] Ricardo então repreendeu seu amigo "Sr. Malthus", "que parece nunca se lembrar" dessa questão simples.

Apesar de convencer uns poucos economistas, Malthus ainda sentia uma lacuna entre poupança e investimento. Para debelar um excedente geral, ele propôs "o emprego dos pobres em estradas e serviços públicos, e uma tendência entre os proprietários de terras e as pessoas que tivessem propriedades para construir (...) e empregar trabalhadores e criados domésticos" como "o meio mais ao alcance do nosso poder e mais diretamente calculado para remediar os males".[17]

Mas Ricardo respondeu que os *Princípios* de Malthus dificilmente apresentavam "uma página" que não contivesse "alguma falácia".

Mesmo se Ricardo venceu a batalha, um século depois, J. Maynard Keynes ressuscitou o perdedor. Num esplêndido hino de louvor, Keynes pagou tributo ao "primeiro dos economistas de Cambridge" pela sua teoria a respeito das crises e ao mesmo tempo protestou contra Ricardo. "Se ao menos Malthus, em vez de Ricardo, tivesse sido o tronco original do qual a ciência econômica do século XIX procedesse, que lugar mais sábio e rico o mundo seria hoje!"[18] Keynes certamente exagera aqui tanto em relação à extensão do domínio de Ricardo (a "Inglaterra conquistada tão completamente quanto a Santa Inquisição conquistou a Espanha") quanto em relação à similaridade entre a sua própria análise e a de Malthus. Todavia tanto Keynes como Malthus rejeitavam a Lei de Say. Malthus fez pouco progresso relativo à poupança para investimento e exortava os serviços públicos a reduzir o investimento, não a estimular vendas de mercadorias, como fez Keynes. Não obstante, se Keynes diz que Malthus o inspirou, quem somos nós para discordar?

A verdadeira diferença entre Malthus e Ricardo não girava em torno de excedentes, renda ou proteção, mas sim em torno do método. Ambos viviam numa época de descobertas científicas.

Ambos procuravam por vínculos de causa e efeito. Ambos prediziam o que iria ocorrer a partir desses vínculos. Mas Ricardo se detinha mais intensamente na intrincada seqüência de passos ao longo do caminho. Malthus parecia se satisfazer encontrando um princípio geral e então aplicando-o ao mundo. Lembremos do caminho cuidadoso de sete passos para o estado estacionário de Ricardo. Nem Smith nem Malthus construíram modelos tão rigorosos. Sob a orientação de James Hill, Ricardo experimentou longas cadeias dedutivas de raciocínio. Ele queria derivar proposições tão exatas quanto a geometria de Euclides ou a mecânica newtoniana. Algumas vezes suas suposições ou primeiras premissas estavam simplesmente erradas. Mas, dadas aquelas premissas, a sua teoria era inexpugnável. Inexpugnável, sim; útil, talvez não. Tanto Keynes quanto Joseph Schumpeter acusavam Ricardo de escolher suposições ou exemplos que asseguravam o resultado que ele desejava. Schumpeter chamava isso de "vício ricardiano". E quem mais Schumpeter acusava de sofrer do vício ricardiano? Keynes.

Ricardo discutia suas diferenças metodológicas amigavelmente: "Nossa diferença pode sob algum aspecto, penso eu, ser atribuída à sua consideração do meu livro como sendo mais prático do que eu pretendia que ele fosse. Meu objetivo era elucidar os princípios e para isso eu imaginei exemplos convincentes." Ricardo também preferia análises duradouras a descrições curtas dizendo a Malthus que "você tem sempre em mente os efeitos imediatos e temporários de determinadas mudanças — enquanto eu coloco isso (...) de lado, e concentro toda a minha atenção no permanente estado de coisas que resultará delas".[19] Não admira que a correspondência mostre que Ricardo se recusou a admitir as observações empíricas de Malthus. Elas ou não se encaixavam no exemplo convincente de Ricardo ou pareciam ser transitórias. Mas pelo fato de Malthus nunca ter construído modelos analíticos sofisticados, ele ganhou a reputação de inconstante. Seu contemporâneo, Robert Torrens, escreveu que "nas perguntas capciosas da ciência eco-

nômica, o Sr. Malthus quase nunca adotava um princípio que ele não abandonasse subseqüentemente".[20] Posteriormente, Keynes ganhou a mesma reputação, permitindo que os seus críticos mais acerbados louvassem o seu ecletismo — ao escolher o pior em vez do melhor.

Apesar dos ataques de Keynes e Schumpeter, economistas exaltados, incluindo Marx, Walras, Marshall e Wicksell, afirmaram a preeminência de Ricardo. Um estudante proeminente do método econômico afirmou recentemente que "se a ciência econômica é essencialmente uma máquina de análise, mais um método de pensamento do que um corpo de resultados substanciais, Ricardo literalmente inventou a técnica da ciência econômica".[21]

Tem-se a impressão de que quando Malthus morreu alguns vieram ao funeral para lamentar, outros para se certificar de que ele realmente estava morto. Ricardo atraía mais admiradores pelo seu intelecto, pela sua gentileza e pelo seu caráter. Aqui estava um homem rico que podia ter passado a sua vida regaladamente no campo e viajando pelo mundo todo. Em vez disso, ele aproveitou o seu tempo livre para estudar questões intrincadas e obter soluções abstratas, obscuras e, pensava ele, corretas. Ao ensinar a si mesmo sobre o mundo, ele ensinou aos outros através de livros, jornais e discursos parlamentares. A sua lei da vantagem comparativa e teoria da renda econômica ainda aparecem em manuais, tão persuasivas e importantes quanto sempre foram.

Embora as teorias de Ricardo sejam ensinadas pelo mundo todo, são as nações européias na década de 1990 que melhor testarão o legado de Ricardo. Se elas cumprirem o seu compromisso de 1992 de derrubar todas as barreiras comerciais remanescentes entre elas, Ricardo conseguirá uma vitória parcial. Para uma vitória completa, os países do Mercado Comum devem também manter o seu segundo compromisso — não erguer fortalezas no seu litoral que impediriam países tais como os Estados Unidos e o Japão de participar do seu dinâmico programa de prosperidade.

Até aqui, os resultados estão misturados. Durante a última metade da década de 1980, enquanto o comércio dentro do Mercado Comum saltou 15 por cento, o comércio com os países não-membros caiu em cerca de 10 por cento. Ricardo ficaria desapontado, mas esperançoso.

V

A MENTE TEMPESTUOSA DE JOHN STUART MILL

Quase todos os famosos economistas britânicos desde Adam Smith estiveram ligados por estreitos laços de amizade. Lembremos de que o grande amigo de Smith, David Hume, era um "padrinho" para Thomas Malthus, que era amigo íntimo de David Ricardo, cujo camarada James Mill encorajava a sua ciência econômica. James gerou John Stuart Mill. Uma ligeira ruptura ocorre porque Mill não auxiliou seu sucessor Alfred Marshall. Mas Marshall aprendeu com as obras de Mill (e com o economista F. Y. Edgeworth, sobrinho da amiga de Ricardo Maria Edgeworth) e então ensinou a Keynes, que dominou a economia britânica até a Segunda Guerra Mundial e produziu numerosos discípulos proeminentes.

A vida de John Stuart Mill apresenta uma fascinante história pessoal formada pela força das idéias. Através dele nós vemos os conflitos filosóficos subjacentes à economia clássica. Embora os economistas algumas vezes discutam a originalidade da sua contribuição à teoria econômica, todos admitem que Mill coloca questões perturbadoras acerca dos fundamentos éticos da ciência econômica e do capitalismo.

Uma das frases mais famosas do comediante Jimmy Durante era: "Todo mundo quer entrar em ação." Praticamente todo inte-

lectual depois de Isaac Newton queria entrar na ação científica e descobrir respostas precisas para suas questões. Smith, Ricardo e Malthus queriam ser o Isaac Newton da ciência econômica, descobrindo leis da natureza. A lei da vantagem comparativa, a Lei de Say e a lei da população, todas surgiram nesse período. Por volta da mesma época, Jeremy Bentham procurava ser o Newton do universo moral, um cientista *moral*. James Mill caiu vítima do encantamento das poções criadas pelos cientistas morais, assim como dos cientistas econômicos. Apaixonado pelo sabor das idéias de Bentham, James Mill forçou o seu filho a beber.

Nascido em Londres em 1806, John Stuart tinha ainda o gosto pelo leite materno quando a sua rigorosa educação começou. James ensinou grego a ele com três anos de idade. Aos oito, o menino tinha lido Platão, Xenofonte e Diógenes em grego e começado a aprender latim. Sua mãe não era uma pessoa calorosa. Com o conhecimento prematuro do pequeno John Stuart a respeito dos clássicos e a sua frigidez, ele podia tê-la confundido com a *Vênus de Milo*. Entre os oito e os doze anos, Mill esgotou bibliotecas bem equipadas, lendo Aristóteles e Aristófanes e dominando cálculo e geometria. Durante o seu tempo livre ele era forçado a ensinar latim aos seus irmãos e irmãs. Algum *hobby*? Ele lia histórias. Algum amigo? Nenhum.

Aos catorze anos, seu pai começou a caminhar com John Stuart pelos bosques enquanto dava palestras sobre a ciência econômica de Ricardo: "Ele expunha a cada dia uma parte do assunto, e eu lhe entregava no dia seguinte um relato dessa parte por escrito, que ele me fazia reescrever várias vezes até que estivesse claro, preciso e toleravelmente completo."[1] Imagine o pobre garoto tentando rabiscar notas sobre as complexas teorias de Ricardo, enquanto seu pai o conduzia por caminhos arborizados.

Por causa de tais rigores, que transformaram Mill num intelectual puro-sangue e num cavalinho-de-pau emocional, ele permaneceu humilde, negando que tivesse uma mente sagaz fora do comum, uma memória precisa ou um caráter enérgico. Em

"todos esses dons naturais eu estou mais abaixo do que acima do par; o que eu posso fazer, poderia seguramente ser feito por qualquer menino ou menina de capacidade média". Nem Mill estava certo de que soubesse mais do que qualquer outra criança até que seu pai o levou para um passeio pelo Hyde Park e lhe assegurou disso. Mas não se sinta orgulhoso, advertiu James: qualquer um poderia ter feito isso — com um pai como eu. John Stuart era tanto o beneficiário quanto a vítima de tal pai, que deu ao filho "a vantagem de um quarto de século" sobre seus contemporâneos.[2]

Mas essa vantagem tirou do seu coração aquilo que tinha adicionado ao seu cérebro. O que poderia ser mais patético do que esta observação: "Eu nunca fui um menino"?[3] Ele se relacionava socialmente com os amigos do pai, nenhum dos quais brincava de pique ou de algum outro jogo infantil, e parecia tão solene quanto um perdedor em dia de eleição. Enquanto a primavera de 1822 redirecionava os pensamentos de outros meninos da sua idade para mocinhas em prados, ela apenas excitava o intelecto de Mill, pois foi aí que ele descobriu o utilitarismo de Jeremy Bentham nos três volumes de *Treatise on Legislation*.

> Quando fechei o último volume (...) tinha-me tornado um ser diferente. O "princípio da utilidade" compreendido da maneira como Bentham o compreendeu, e aplicado da maneira como o aplicou (...) se encaixou perfeitamente como a pedra angular que reunia as partes destacadas e fragmentadas que compunham o meu conhecimento e as minhas crenças. Dava unidade à minha concepção a respeito das coisas. Eu agora tinha opiniões; um credo, uma doutrina, uma filosofia; e, num dos melhores sentidos da palavra, uma religião; a pregação e difusão da qual podia ser transformada no principal propósito exterior de uma vida. E eu tive lançada diante de mim uma majestosa concepção das mudanças a serem efetuadas na condição da humanidade através dessa doutrina.[4]

Durante alguns anos que se seguiram, Mill se reuniu com seus amigos de infância James Mill e David Ricardo para louvar o evangelho benthamita através da *Westminster Review*. A *Review*

> fazia um estardalhaço considerável no mundo, e conferiu uma reconhecida posição, na arena da opinião e da discussão, ao tipo benthamita de radicalismo, sem proporções quanto ao número de adeptos (...). O ar de forte convicção com a qual eles escreviam, quando praticamente ninguém mais parecia ter uma fé tão forte num credo tão categórico (...) fez com que a chamada escola de Bentham em filosofia e política preenchesse na mente do público um lugar maior do que aquele conseguido antes.[5]

Jeremy Bentham: prazer, dor e aritmética

O que era esse evangelho benthamita que atraía uma multidão tão persuadida e tão persuasiva? Assim como a natureza colocou a Terra sob a força da lei da gravidade, dizia ele, a natureza "colocou a humanidade sob o governo de dois mestres, a dor e o prazer".[6] A partir dessas leis Bentham descobriu uma religião tanto descritiva quanto prescritiva. Como todos os seres humanos gostam do prazer e odeiam a dor (não obstante os masoquistas, embora eles prefiram a dor apenas porque ela lhes dá prazer), eles escolhem fazer aquilo que lhes dá prazer. Nos seus capítulos prescritivos, a doutrina implora aos seres humanos que comecem escolhendo o caminho do prazer. Até agora isso parece brincadeira, como o hedonismo do antigo grego Aristipo. Mas Bentham acrescenta uma advertência ética: quando a escolha afeta os outros, os indivíduos devem escolher a alternativa que maximize o prazer total de todos. "Felicidade maior para o maior número" é o grito do movimento utilitário. E o governo responsável deveria gravar isso nas mentes dos legisladores.

Em palavras que deixavam os democratas com um olhar vago, Bentham argumentava que todas as pessoas têm o mesmo peso em relação à determinação da felicidade. Se o rei dá uma topada, isso conta como a metade do que se a sua criada Jane der duas topadas. Se dar a Jane uma atadura a ajuda mais do que prejudica o rei, ela

obtém a atadura. Não é de admirar que os aristocratas rezassem para que Bentham desse uma topada com a língua antes que pudesse difundir esse evangelho.

Ainda assim, essa formulação não era precisa matematicamente o suficiente para o Newton do universo moral. Bentham imaginava um método de quantificar o prazer e a dor, chamado de *felicific calculus*. Como nós todos sabemos, algumas experiências são mais agradáveis ou dolorosas que outras. Por quê? Qualquer experiência pode ser medida por quatro fatores: (1) intensidade, (2) duração, (3) certeza, e (4) afinidade. As pessoas preferem férias longas e certas do que a mera possibilidade de um fim de semana fora. Comediantes hilários trazem mais prazer do que os moderadamente engraçados.

Bentham aparentemente dava a si mesmo tanto prazer imaginando esse cálculo que ele o prolongava acrescentando mais três fatores: fecundidade, impureza e o efeito nos outros. Alguns prazeres levavam a outros prazeres. Se, tomando parte numa brincadeira de verão, Mark aumenta as suas chances de fazer novos amigos, a brincadeira mostra o quinto fator, *felicific*, a fecundidade. Se a brincadeira trouxer dor, porque Mark auxilia a esposa do jogador de futebol, a brincadeira mostra o sexto fator, a impureza (a oportunidade que tem de produzir sensações opostas). Finalmente, se muitas pessoas rirem quando o jogador de futebol der um jeito na cara de Mark, nós devemos considerar o seu prazer.

Com essas ferramentas Bentham acrescentou instruções complexas. À primeira vista elas lembram um daqueles conjuntos de instruções que acompanham certos aparelhos japoneses, que poderiam muito bem ser escritos na língua original, porque um japonês indecifrável pelo menos é mais bonito do que a nossa própria língua ininteligível. Um olhar mais atento, entretanto, revela que Bentham realmente fazia sentido:

> Comece com qualquer pessoa (...) e faça um cômputo,
> 1. Do valor de cada prazer distinguível que pareça ser produzido por ela em primeira instância.

2. Do valor de cada dor que pareça ser produzida por ela em primeira instância.
3. Do valor de cada prazer que pareça ser produzido por ela após o primeiro. Isso constitui a fecundidade do primeiro prazer e a impureza da primeira dor.
4. Do valor de cada dor que pareça ser produzida por ela após a primeira. Isso constitui a fecundidade da primeira dor e a impureza do primeiro prazer.
5. Some todos os valores de todos os prazeres de um lado, e os valores de todas as dores de outro. O saldo, se estiver do lado do prazer, dará a boa tendência do ato sobre o todo, com respeito aos interesses daquela pessoa; se estiver do lado da dor, a má tendência dele sobre o todo.
6. Faça um cálculo do número de pessoas cujos interesses parecem dizer respeito; e repita o processo anterior a respeito de cada um. Some os números expressivos de graus de boa tendência (...) faça isso de novo com respeito a cada indivíduo, com relação a quem a tendência dele é má (...). Verifique o saldo; o qual, se estiver no lado do prazer, dará a boa tendência geral do ato (...) se do lado da dor, a má tendência geral com respeito à mesma comunidade.[7]

Bentham deve ter levado o terceiro passo, prazeres a longo prazo, muito a sério. Ele deixou como herança o seu corpo para a Universidade de Londres, para ser conduzido às mais importantes reuniões administrativas. O seu corpo, pós-taxidermia, ainda permanece lá. Infelizmente, alguns estudantes brincalhões, procurando por diversão, roubaram a sua cabeça — o que mostra exatamente como é difícil medir fecundidade e pureza.

Ler Bentham satisfazia os anseios de John Stuart Mill pela precisão científica e lhe dava uma nova maneira de olhar o trato social. Ele reuniu rapidamente a luta por Bentham e os seus Radicais Filosóficos, que incluía alguns membros proeminentes do Parlamento bem como escritores. Ironicamente, esses defensores do prazer eram quase tão alegres quanto Kafka.

Quanto à política, os Radicais de Bentham lutavam bravamente pela democracia e a liberdade de expressão. Da liberdade de expressão vem a verdade, afirmavam eles. Eles combateram a Lei do Selo, que tributava os periódicos, e se opuseram a várias restrições em assembléia. (Mais tarde, em sua vida, John Stuart Mill levantaria a bandeira do sufrágio feminino.) Em campos ricardianos eles atacavam as Leis dos Cereais. Jeremy Bentham denunciou o bárbaro sistema penitenciário inglês, argumentando que a punição somente deveria ser usada instrumentalmente, para coibir, não para dar curso à vingança mascarada como justiça. Afinal, um criminoso é apenas uma pessoa que decide que o crime compensa, alegava Bentham. A solução é ajustar os custos. Embora Bentham sugerisse uma vez que o lema do governo fosse "Fique Quieto", os Radicais estavam prontos para abandonar o *laissez-faire* sempre que os lucros sobrepujassem os custos: "Eu não tenho, eu nunca tive, nem nunca terei, nenhum horror sentimental ou anárquico, da mão do governo. Eu deixo isso para Adam Smith (...) para falar de invasões da liberdade natural."[8] O seu deus era a utilidade, não uma mão invisível, mesmo que o seu deus geralmente trabalhasse através da mão invisível.

A propósito, o seu deus certamente não era aquele relacionado com igrejas, sinagogas e mesquitas. James Mill simplesmente não podia reconciliar um mundo mau com um bom criador. John Stuart Mill nitidamente relembrava o palavrório ateísta de seu pai.

> Eu o ouvi dizer centenas de vezes que todas as épocas e nações representaram seus deuses como perversos, numa progressão que aumenta constantemente, que a humanidade tem acrescentado característica após característica até que eles atingiram a mais perfeita concepção da perversidade que a mente humana pode imaginar, e chamaram a isso Deus, e se prostraram diante dele.[9]

Durante as décadas de 1820 e 1830, os Radicais ganharam muitas batalhas e escaramuças políticas, muito além da expectativa de quem quer que fosse, incluindo a de John Stuart Mill. Para se sustentar, Mill se reuniu ao pai na Companhia das Índias Orientais em 1823.

Assim como Malthus e Keynes, que mais tarde trabalhariam para o Indian Office do governo, Mill nunca foi à Índia. Durante o mesmo ano em que ele ingressou na companhia, Mill fundou a Sociedade Utilitária, onde outros jovens benthamitas e ele próprio debateriam e estudariam regularmente e por longos períodos de tempo com intensidade e afinidade. Os seus principais oponentes eram românticos, utópicos e socialistas, que pareciam todos estar alto demais nas nuvens da poesia de Coleridge para vencer debates terrenos.

A máquina pensante enguiça

Durante esse período, Mill pode ter levado a precisão de Bentham longe demais e esquecido completamente a meta principal, a felicidade: "A descrição dada muitas vezes de um benthamita, como uma mera máquina racional, embora extremamente inaplicável à maioria (...) era (...) não inteiramente inverídica para mim."[10] Ele teve a sua crise da meia-idade aos vinte anos. A máquina racional quebrou, e molas, gaxetas e fios saltaram. Durante anos ele tinha tido "o que pode verdadeiramente ser chamado de um objetivo na vida; ser um reformador". No entanto, num dia de inverno em 1826, ele estava "num estado de nervos apático (...) uma dessas disposições de ânimo em que tudo o que era prazer em outras épocas torna-se insípido ou indiferente". Ele fez a si mesmo uma pergunta fatídica e recebeu uma resposta devastadora:

> Suponhamos que todos os seus objetivos na vida estivessem realizados; que todas as mudanças em instituições e opiniões pelas quais você estivesse esperando pudessem ser completamente efetivadas nesse mesmo instante: isso seria para você uma grande alegria e felicidade? E uma consciência de si irreprimível respondeu distintamente: "Não!" Com isso meu coração afundou-se dentro de mim: toda a fundação sobre a qual a minha vida foi construída desmoronou. Toda a minha felicidade devia ter sido encontrada na busca contínua desse fim. O fim tinha perdido o seu encanto, e como poderia haver novamente algum interesse nos meios? Parecia que não me havia sobrado nada pelo que viver.[11]

Durante seis meses ele se desesperou, muitas vezes considerando o suicídio. Ele simplesmente nunca tinha desenvolvido nenhum sentimento humano. Ele via apenas os veios nas flores. Enquanto os românticos usavam lentes otimistas, seus olhos despiam o mundo de todas as tintas e cores, como a terebintina. Anos depois Nietzsche anunciaria que "Deus está morto". Para Mill, privado do amor pelo frio pai que não lhe deixou nada além da razão, o homem estava morto. Sobre seu pai Mill escreveu: "Em relação a emoções passionais de todos os tipos, e tudo que foi dito ou escrito em exaltação a elas, ele manifestava o maior desprezo. Ele as via como uma forma de loucura."[12]

Numa época de razão, Mill ansiava por paixão. Mill não era tanto o ingênuo dos filósofos racionalistas, mas a vítima dos seus incompetentes e zelosos discípulos. Quanto a Hume, insistia que a razão é sempre "a escrava das paixões". Na verdade, até mesmo Bentham apresentava a razão apenas como um método de comparar paixões, não de substituí-las.

Os psicanalistas têm um ótimo caso diante deles. Talvez Mill fosse torturado pela culpa originada de um reprimido desejo de morte em relação ao seu tirânico e inescapável pai. Mas Mill estava em pior situação do que o herói grego. Pelo menos Édipo tinha uma mãe amorosa. Nas trezentas páginas de sua autobiografia, Mill nem ao menos menciona a sua mãe! Um esboço inicial sugere por quê:

> Uma mãe de coração realmente caloroso teria, antes de mais nada, feito de meu pai um ser totalmente diferente, e em segundo lugar teria feito os filhos crescerem amando e sendo amados. Mas minha mãe, com a melhor das intenções, apenas sabia como passar a sua vida trabalhando como escrava para eles (...) dessa maneira eu cresci na ausência do amor e na presença do medo.[13]

Sua mãe não deixou uma autobiografia. Quem sabe se o casamento com James Hill esgotou a sua capacidade de amar? Basta dizer que o lar de Mill não era um lugar onde se passasse esperando encontrar canja de galinha quente e uma companhia calorosa.

Renascer como romântico

Assim como Mill se debateu na maré intelectual chamada racionalismo, ele foi salvo por uma ressaca chamada romantismo. Em sua obra *O nascimento da tragédia*, Nietzsche descreveu duas forças poderosas chocando-se na alma humana: apolínea e dionisíaca. Apolo é o espírito da razão, da ordem e das sinfonias de Mozart. Dionísio é o espírito do capricho, da emoção e das óperas de Puccini. Quando o racionalismo do século XVIII levou Mill ao desespero, ele se voltou para a poesia de Wordsworth, e até mesmo de Coleridge. Os luxuriantes retratos que Wordsworth fazia da beleza natural finalmente inspiraram sentimentos de alegria e a descoberta da imaginação. O mundo finalmente parecia sensual. Abraçando a beleza, Mill podia lutar para ultrapassar as estreitas barreiras da sua mente e o reino imperial de seu pai.

Como o antigo marinheiro de Coleridge, Mill embarcou numa odisséia intelectual, visitando Carlyle e o filósofo francês Auguste Comte, cuja ênfase empírica influenciou Mill. Às vezes o marinheiro parecia saltar da amurada ao louvar os seus novos padrinhos e rejeitar os antigos. Depois de auxiliar Mill, um arrogante Comte exigiu apoio financeiro. Mill aquiesceu e até mesmo pediu a amigos que dessem dinheiro a Comte. Após cerca de um ano, a caridade cessou. Em vez de agradecer aos seus benfeitores, Comte enviou uma carta desagradável para Mill, fazendo um sermão a respeito do dever de apoiar os mestres sem vintém. Embora Mill fosse conhecido algumas vezes como o "Santo do Racionalismo", esse episódio da sua vida deve ser intitulado "O Santo Tolo".[14]

Depois que seu pai Mill faleceu em 1836, John Stuart começou

a publicar artigos que mostravam quão longe ele tinha se afastado dos Radicais Filosóficos. O seu ensaio "Bentham" de 1838 espezinhava o benthamismo por empobrecer o espírito. A perfeição espiritual devia ser uma meta pessoal no seu próprio juízo, independente da dor e do prazer. Bentham fazia melhor quando se atinha a questões legislativas, em vez da moralidade pessoal, acrescentava Mill com condescendência. Dois anos depois, Mill glorificava Coleridge despropositadamente.[15]

É provável que a morte do pai tenha sido tão libertária quanto perturbadora para Mill. Gertrude Himmelfarb relata que, por ocasião da morte de James, John Stuart sofreu uma encefalite, deixando-o com um tique nervoso no olho. Colocando o filho no divã do psicanalista novamente, o tique não poderia ter resultado das tentativas de reprimir o alívio com a partida do mestre?[16]

A odisséia não era somente intelectual e estética. Pela primeira vez John Stuart Mill estava apaixonado, completamente apaixonado. Infelizmente, Harriet Taylor era casada e tinha filhos. Mas isso não desencorajou Mill, que ainda era benthamista o suficiente para buscar o prazer. O seu "caso" tomou a forma de um *ménage à trois* assexuado. Harriet vivia com seu marido, mas Mill a visitava quando John Taylor estava fora, e Harriet passou muitos fins de semana no verão com Mill. Esse arranjo durou de 1830 até 1851, quando Mill e Harriet se casaram. John Taylor tinha morrido dois anos antes, mas Mill pensou que um longo noivado abrandaria uma ligação escandalosa. Mill atribuía quase todas as suas famosas obras à sabedoria de Harriet. Ela era uma deusa para ele. Todo o calor e toda a força que ele tinha esperado encontrar na mãe fria como mármore, ele encontrou numa esposa amorosa:

> Sua mente era o mesmo instrumento perfeito, penetrando no verdadeiro âmago e essência da questão; sempre capturando a idéia ou princípio essencial. A mesma exatidão e rapidez de operação, impregnando as suas faculdades sensitivas e mentais, iria, com os seus dons de percepção e imaginação, torná-la capaz de ser uma artista consuma-

da, assim como a sua alma ardente e terna e a sua eloqüência vigorosa certamente a teriam feito uma excelente oradora, e o seu profundo conhecimento da natureza humana e discernimento e sagacidade na vida prática a teriam, numa época em que tal carreira estivesse aberta às mulheres, tornado eminente entre os governantes da humanidade. Seus dons intelectuais contribuíram senão para um caráter moral que é ao mesmo tempo o mais nobre e o mais bem equilibrado que eu jamais encontrei na vida.[17]

Muitos dos amigos de Mill achavam que ele estava tendo alucinações. Historiadores ainda discutem entre si quanto à avaliação das contribuições de Harriet. Uma coisa é certa: Mill sentia-se privilegiado por ter uma tal beldade escolhido amá-lo, e ela acabou por influenciá-lo incomensuravelmente.

Com Harriet à mão e o romance girando na cabeça, poderíamos esperar que Mill tivesse vivido a sua vida a compor odes aos túmulos gregos. Mas, tendo viajado pelo mundo tanto metafórica quanto literalmente, o nosso herói romântico retorna ao lar — mais homem do que antes. O lar era o benthamismo. Mas Mill iria alterá-lo e aperfeiçoá-lo. O resto dos seus escritos e a sua carreira política refletiriam um utilitarismo iluminado. Mill insistia que a maior felicidade depende de mais do que o simples prazer. A alegria de sentir uma sinfonia de Beethoven ou uma obra-prima de Michelangelo é mais do que apenas prazer. Grandes obras e feitos trazem alegria por elevar o espírito. Bentham tinha sugerido que o pôquer é tão bom quanto a poesia, se o prazer dado for igual. Mill discordava. Trocando metáforas, Mill considerava que preferiria ser um Sócrates descontente do que um porco bem-alimentado. Mill acentua o utilitarismo invocando as virtudes platônicas de honra, dignidade e desenvolvimento próprio. Por essa razão, Mill se tornou um ardente defensor da educação pública. Para ele, a ciência de governar deve ser a ciência do espírito.

Em 1848, Mill publicou a sua principal obra sobre ciência econômica, *Princípios de economia política*. Durante décadas ele dominou o mercado editorial como os monopólios que Mill discutia no interior das suas páginas. Oxford confiou nos seus *Princípios* até 1919, provavelmente porque o seu sucessor tinha sido escrito por Marshall, um homem de Cambridge. Na verdade, as obras de todos os grandes economistas iluminam longos caminhos. De 1776 a 1976 apenas cinco livros reinavam sobre a ciência econômica numa sucessão praticamente ininterrupta: *A riqueza das nações* de Smith, os *Princípios* de Ricardo, os *Princípios* de Mill, os *Princípios* de Marshall, e *Economics* de Samuelson. O que lhes falta em títulos imaginativos, eles conseguem em persistência.

O método de Mill

O esforço de Mill com o racionalismo e o romantismo encontra seu caminho dentro dos seus *Princípios* quando ele discute os métodos econômicos. James Mill, seguindo Hobbes, pensava na ciência social com a mesma precisão com que se executam as provas geométricas. Partindo de premissas gerais, James Mill deduzia conclusões e políticas específicas. As premissas gerais geralmente se concentravam em "leis" da natureza humana, como o interesse pessoal. Não podia haver dúvida sobre as interferências, não mais do que se poderia negar que um triângulo tem três ângulos e três lados. Com seu pai, Mill aprendeu a ciência econômica como seqüências silogísticas, ou racionalismo.

Durante as suas crises e os anos de reeducação, Mill aprendeu um método menos preciso, a indução. Em muitos casos, os cientistas sociais podem apenas espionar os seus temas e presumir padrões ou tendências, em vez de proclamar leis incontroversas. A indução tem duas humildes metas: descobrir padrões de comportamento e fazer predições baseadas naqueles padrões empíricos. O fato de a indução ser menos precisa não significa que é necessariamente inferior à dedução. Alguns temas não se prestam à dedução. As ciências sociais não podem ser dedutivas e precisas, porque

as pessoas não se comportam sempre de maneira rígida e coerente. A dedução pode ser mais apropriada para predizer o comportamento dos cadáveres. Num golpe velado em seu falecido pai, Mill advertiu que um "profissional inteligente" não iria "deduzir a linha de conduta adequada a casos particulares, a partir de supostas máximas de prática universal; examinando a necessidade de retornar constantemente aos princípios da ciência especulativa".[18]

Ao aceitar a indução como um instrumento científico apropriado, Mill não descarta a dedução. Com sabedoria semelhante à de Salomão, Mill separou um papel para cada uma delas. Cada método poderia equilibrar o outro. Se alguns economistas deduziam de princípios *a priori* imperfeitos, os empiristas podiam atirar-lhes contra-exemplos observados. Por exemplo, a lei de Malthus da população era apresentada primeiramente como uma verdade dedutiva. Nós podemos refutar a lei de Malthus observando as prateleiras cheias do supermercado. Por outro lado, os teóricos dedutivos podem conferir o trabalho dos empiristas pela coerência lógica. Por exemplo, um empirista ingênuo poderia argumentar que pelo fato de a migração das cegonhas estar intimamente correlacionada com a taxa de natalidade humana em Nova York (e está), uma boa política para controlar a população humana seria atirar nas cegonhas. Por meio da lógica um racionalista poderia mostrar que as observações imperfeitas não fazem sentido. (Naturalmente, um empirista indiferente descobriria a independência dos acontecimentos assim que começasse a atirar nas cegonhas e contar os bebês.)

Mill não misturava sempre os dois métodos. Na verdade, os *Princípios* propõem uma abordagem esquizóide à produção e à distribuição. Leis fixas e universais controlam a produção: "Não há nada opcional ou arbitrário nelas." Sendo assim, a dedução é aplicável. Mas "não acontece o mesmo em relação à Distribuição da Riqueza. É uma questão de instituição humana, exclusivamente. A partir do momento em que as coisas estão ali, a humanidade, individual ou coletivamente, pode fazer com elas o que bem entender".[19]

Enquanto Ricardo baseava as suas análises sobre produção e distribuição em papéis cuidadosamente identificados desempenhados por proprietários de terras, trabalhadores e capitalistas, Mill rejeitava essas divisões imutáveis no processo distributivo. Sim, o proprietário de terras receberia rendas segundo a análise de Ricardo. Mas a sociedade pode decidir não deixá-lo, insiste Mill.

Por duas razões o esquema bifurcado de Mill parece enganar-se. Primeiro, as leis da produção podem não ser fixas. Por exemplo, o avanço tecnológico não pode ser predito ou assegurado. Mill alude a essa objeção. Segundo, a distribuição não pode ser simplesmente separada da produção.

Não é preciso ser um fanático a favor da redução de impostos para suspeitar que os índices de impostos confiscatórios podem mudar a atividade de um indivíduo. Boris Becker é um rico jogador de tênis alemão. A Alemanha Ocidental impõe pesadas taxas às pessoas ricas. Quanto de impostos Becker paga a Bonn sobre os seus prêmios de milhões de dólares? Nada. Ele se mudou para Mônaco. Ele desviou a sua produção por causa de medidas distributivas. Naturalmente, os impostos não explicam tudo. Apenas um tolo concluiria a partir da história de Becker que Mikhail Barishnikov deixou a União Soviética por causa de taxas de impostos.

Em capítulos e edições subseqüentes dos *Princípios* Mill abrandaria o seu apelo por uma clara distinção metodológica entre produção e distribuição.

Resumir todos os modelos importantes apresentados nos *Princípios* pode requerer mais espaço que a obra original, porque Mill tentou fazer uma análise abrangente da doutrina econômica, acrescentando numerosos aperfeiçoamentos. Ele escreveu convincentemente sobre a gerência da empresa; oferta e demanda mais como uma equação do que uma razão; a Lei de Say; e a demanda como um fator essencial na lei da vantagem comparativa de Ricardo. Como observou o ganhador do prêmio Nobel George Stigler, os avanços de Mill formam uma lista muito peculiar: eles são apenas vagamente relacionados uns com os outros.[20] Em vez de construir uma nova

fundação, Mill substituiu muitas pedras fracas em muitos níveis diferentes.

Pelo fato de Alfred Marshall efetuar reparos similares na obra de Mill, será melhor aproveitar esse capítulo para examinar Mill e a ciência econômica da política social. Exceto por Marx, Mill pode ter sido o último dos "economistas políticos", tão famoso pelos seus opúsculos políticos *On Liberty* e *Utilitarism* quanto pela sua economia. Ao final do século XIX a economia como ciência cresceu de forma tão especializada que poucos podiam dominá-la juntamente com a filosofia. Até meados do século XX, poucos podiam dominar mais que um par de tópicos somente na economia. Hoje nós temos uma escolha, afirma o Prêmio Nobel Robert Solow, entre dizer mais e mais sobre cada vez menos, ou cada vez menos sobre mais e mais.

No livro inicial de Mill *On Logic*, ele colocou uma distinção crucial entre obras positivas e normativas. A ciência econômica positiva descreve e prediz o que realmente acontece no mundo. A ciência econômica normativa postula o que deveria acontecer baseada numa filosofia moral. Mill, como reformador, tem um papel normativo. Dos cinco volumes dos *Princípios*, os três primeiros tendem a ser descritivos, enquanto os dois últimos mostram Mill na sua função normativa, ardentemente devotado a aprimorar a condição humana através de uma maior igualdade de riquezas, direitos para as mulheres, e educação.

Qualquer um pode carregar cartazes e gritar *slogans* exigindo igualdade, felicidade, ou a presença de um time da liga nacional em Baltimore. Mas os resultados não vêm só de faixas, assim como o bom tempo não chega às cidades da Sibéria que mudam seu nome para "Paraíso". A majestade de Mill vem do fato de que ele uniu as suas metas normativas a análises realistas.

Tributação e educação

Mill equilibrou delicadamente o positivo e o normativo nos seus capítulos sobre tributação. Na verdade, a sua posição em relação

ao imposto de renda reflete o espírito da Lei da Reforma Fiscal norte-americana de 1986, que tentava "achatar" o imposto de renda progressivo. Assim como Adam Smith, Mill pedia um imposto de renda proporcional. Esse toma a mesma percentagem de renda dos contribuintes independente do seu nível de renda, em oposição a um imposto de renda progressivo, que toma uma percentagem crescente à medida que a renda aumenta. A análise de Mill aqui realmente espelha o nosso exemplo anterior sobre Boris Becker, pois Mill teme que um imposto progressivo possa desencorajar o trabalho:

> Tributar as rendas maiores a uma percentagem mais elevada do que as menores significa lançar um tributo sobre a indústria e a economia; impor uma penalidade às pessoas por terem trabalhado mais e poupado mais do que os seus vizinhos.[21]

Embora o imposto proporcional se aplicasse à maioria da população, Mill dispensaria os pobres de pagar impostos.

Durante a maior parte do século XX, os Estados Unidos rejeitaram o conselho de Mill e aceitaram um imposto de renda progressivo. Os contribuintes podiam cair numa das catorze categorias, variando de 11 a 50 por cento. Se uma pessoa recebesse um aumento, ela provavelmente mudaria para uma categoria mais alta. Mas o Congresso finalmente aceitou o conselho de Mill e aprovou a Lei de Reforma Fiscal de 1986. A não ser que, ou até que seja alterada pelo Congresso, a lei estabelece apenas duas categorias básicas, 15 e 28 por cento. Embora não seja um sistema tributário "plano", a lei aparece como dois platôs, em vez de uma montanha íngreme e crescente. Ainda de acordo com Mill, a lei dispensa uma quantidade maior de pessoas pobres do pagamento de quaisquer impostos.

Por que o Congresso finalmente acata Mill, mesmo que inadvertidamente? Uma variedade de boas e más razões explica qualquer ato de uma comissão. Como alguém já disse uma vez, o caos

mundial é uma prova conclusiva de que Deus é uma comissão. Os defensores do imposto proporcional argumentam que as taxas progressivas distorcem o incentivo ao aumento da renda. Além do mais, um sistema progressivo encoraja as pessoas a fugir dos impostos quando suas rendas aumentam. Elas podem fazer isso legalmente, através de investimentos para evitar o pagamento de impostos e contabilidade criativa, ou ilegalmente. Mesmo se o sistema tributário promulgado for progressivo, se as pessoas evadirem o bastante, os resultados podem não ser. Na verdade, anteriormente à Lei de 1986, as efetivas declarações de imposto arquivadas com a Receita Federal ilustravam um imposto relativamente proporcional. As pessoas usavam brechas para burlar e transformar o sistema progressivo. A Lei de 1986, apoiada por democratas e republicanos, eliminou muitas brechas e torna a evasão menos atraente. Algumas brechas sutis que de alguma forma encontraram uma maneira de passar por esse projeto de lei mais rígido, incluíam uma que induzia os esquimós a vender os prejuízos de seus negócios a empresas, que podiam então deduzir os prejuízos dos esquimós nos seus formulários de impostos.

Críticos que rejeitam esses argumentos contra a progressividade insistem que os impostos proporcionais simplesmente não são tão justos quanto os impostos progressivos. Apesar desse ataque, parece que o fantasma de Mill venceu, pelo menos pelos próximos anos.

Se Mill deixou aos ricos a facilidade de escapar do imposto de renda, ele apertou os parafusos sobre os impostos sucessórios. Nas suas obras filosóficas e econômicas, Mill insistia mais em "oportunidades iguais" do que em "igualdade de resultados". Se algumas crianças herdam enormes somas de seus pais, elas possuem uma vantagem injusta sobre as outras. E aquelas com colheres de prata podem viver com a riqueza de seus pais em vez de criar mais. Por que Mill é tão cauteloso com o imposto de renda, mas confiscador em relação aos impostos sucessórios? A sua impressionante perspicácia aqui é a de que altos impostos sucessórios não desencorajam

o trabalho, como faz o imposto de renda progressivo. "Não são as fortunas que são ganhas, mas aquelas às quais não se fez jus que devem ser colocadas sob limitação pelo bem público", escreveu ele.[22]

Mas sua análise não é irrefutável. Na prática, mesmo os impostos sucessórios tornam-se desordenados, pois os pais simplesmente podem transferir os seus bens antes de morrer. No entanto, impostos sobre doações tornam-se necessários, juntamente com fiscais de doações. Além do mais, altos impostos sucessórios poderiam desencorajar as pessoas mais velhas em relação ao trabalho ou encorajá-las a gastar a sua riqueza em extravagâncias em vez de poupar ou investir em empreendimentos produtivos. Em suma, mesmo os impostos sucessórios não são à prova de descuidos ou enganos.

A minuciosa observação de Mill sobre os ricos não terminava com os impostos sucessórios. Apesar do seu caso amoroso e da criação benthamista, Mill era vitoriano o bastante para se opor ao sibaritismo absoluto dos ricos. Ele propunha com veemência taxar festas devassas e luxos ostentados pelo posição social. Muito antes de Thorstein Veblen, Mill declarou que um item "no qual o dinheiro é gasto (...) com vistas a uma opinião" é "um objeto bastante conveniente de ser tributado".[23] Algumas vezes parecia que Mill obtinha tanto prazer taxando os ricos quanto o prazer que os ricos obtinham por ser ricos. Dadas algumas das pessoas afluentes que Mill conhecia e os pobres com os quais ele se preocupava, nós não podemos culpá-lo. Mill sempre apreciava a maneira pela qual as circunstâncias sociais moldavam as opiniões.

Mill também se perguntava como a sociedade podia dar auxílio aos pobres sem dissuadi-los de arranjar emprego. Não surgia nenhuma resposta clara. Mill distinguia os fisicamente capazes dos incapazes, idosos e muito jovens. Certamente, ponderava Mill, a sociedade não deveria se preocupar em relação a dissuadir os incapazes e não deveria cortar o seu auxílio. Mill aceitava os resultados da Comissão Real para a Reforma da Lei da Assistência Social e se opunha à eliminação do auxílio aos que se encontravam em situa-

ção desvantajosa. Contudo ele se sentia menos tolerante para com os fisicamente aptos. Ele propunha que os recebedores trocassem o trabalho por pagamentos da assistência social. Após ignorar o pedido de Mill durante décadas, em 1988 o governo federal e vários estados americanos adotaram programas de "assistência trabalhista", nos quais saudáveis recebedores de assistência social podem aceitar emprego ou treinamento para o trabalho. O pai da legislação federal, senador Daniel Patrick Moynihan, trabalhou durante muitos anos para redefinir a assistência social como uma transição para um eventual emprego. Como a necessidade de trabalho será escalonada com início em 1994, os benefícios da assistência trabalhista não aparecerão antes do próximo século.

O plano de Mill era mais severo, entretanto, pois ele pensava que os empregos deveriam ser necessariamente tão árduos quanto aqueles realizados pelos trabalhadores independentes menos afortunados. Versões modernas corretamente não achavam razões para impedir os recebedores de treinar para trabalhos que valessem mais a pena. De qualquer maneira, Mill demonstra novamente um notável conhecimento do futuro.

Mill temia que se a assistência social fosse muito facilmente distribuída gerações de pessoas pobres nasceriam em famílias desacostumadas à ética do trabalho. O que seria ainda mais pernicioso, ele achava que pagamentos mais altos feitos pela assistência social apenas promoveriam taxas mais altas de natalidade. Assim, Mill rejeitava as propostas socialistas e românticas para aumentar os benefícios ou salários assistenciais. Tais esforços normativos ignoravam informações positivas a respeito das tendências humanas. Mill precisava fundamentar as suas políticas normativas em modelos maduros e racionais.

Recorrendo às suas antigas memórias, Mill relembrou o poder da educação. Ele defendia a educação pública para os pobres. Mas a educação não consistiria apenas nas disciplinas básicas. Mill não via nada de errado em inculcar um gosto pelos valores capitalistas. As sociedades capitalistas têm um dever de ensinar a todos os seus

cidadãos como ter sucesso numa comunidade comercial. O que Max Weber mais tarde chamou de "ética protestante do trabalho" não é uma característica biológica. Partir desse pressuposto priva as pessoas pobres da sua única esperança de deixar os abrigos para necessitados: "Me parece impossível que o aumento da inteligência, da educação e do amor pela independência entre as classes trabalhadoras não deva ser acompanhado do correspondente crescimento do bom senso que se manifesta em hábitos previdentes de conduta."[24] Mill queria combinar a educação moral com incentivos econômicos, propondo, por exemplo, que o governo forneça aos necessitados aquilo que agora nós chamamos de empréstimos para melhoria de habitação.

Muitos livros poderiam ser escritos sobre a atitude de Mill a respeito das políticas de *laissez-faire* em oposição à intervenção do governo. Em resumo, ele ficava parado no meio da estrada e geralmente não era atropelado. Rejeitando uma posição doutrinária a favor do *laissez-faire*, ele adotava apenas uma presunção do *laissez-faire*. Isto é, está sobre o proponente do governo a carga de mostrar que a maior felicidade requer a intervenção: "Todo afastamento de [*laissez-faire*], a não ser que seja requerido por algum bem maior, é um certo mal."[25] Obviamente o Estado deveria tributar, cunhar moeda, defender contra os inimigos, instituir os tribunais, e assim por diante. Mas funções "opcionais" tais como proteção ao consumidor, educação e regulamentação dos negócios deveriam ser abordadas pelo método caso a caso. Por exemplo, Mill preferia a caridade particular à assistência social do Estado, mas ele sabia que a caridade pode ser apenas parcialmente bem-sucedida. Os pobres aceitariam de bom grado qualquer dinheiro, mas os ricos não dariam (em parte por causa dos efeitos "cortesia" — as pessoas partem do pressuposto de que outros carregarão o fardo). Assim, o Estado deveria usar o seu poder tributário para sustentar os necessitados.

A abordagem de Mill novamente parece muito moderna. Ele teria aprovado, e na verdade previsto, muitas das atuais instituições governamentais. Apesar disso, ele se assegurou de que todas as pro-

postas passassem pelo teste crucial da presunção, pois "reformadores impacientes, pensando ser mais fácil e mais rápido tomar posse do governo do que do intelecto e das disposições do público, estão sob a constante tentação de estender a jurisdição do governo para além dos títulos vencidos".[26] A sua leitura do clássico de Alexis de Tocqueville, *Da democracia na América*, o ensinou a maior virtude dos planos locais em oposição aos planos centralizados.

De várias maneiras as posições de Mill refletiam os governos da época. A Inglaterra ia na direção da economia de livre comércio de várias maneiras significativas, mas estabelecia salvaguardas contra a exploração. William Gladstone levou o Parlamento a abandonar finalmente as Leis dos Cereais em 1846 e a reduzir o imposto de renda. Mesmo quando o alarme do livre comércio finalmente sacudiu a Europa, o Parlamento restringiu em 1802, 1819 e 1833 a locação de crianças através das Leis das Fábricas, proporcionando marcos protecionistas. Mill aprovaria a ambos, não por causa de uma ideologia impensada, mas através de um cuidadoso raciocínio.

Olhando para o futuro

A maioria dos economistas não consegue resistir a predizer o futuro a longo prazo. Assim como Smith, Malthus, Ricardo, Marx e Keynes, Mill pintava uma visão impressionista do futuro, misturando tons de Ricardo e do socialismo de Saint-Simon, um movimento utópico que glorificava os trabalhadores industriais. A partir de Ricardo, Mill delineou a possibilidade de um estado estacionário. A partir de Saint-Simon, Mill pincelou com cores alegres. O estado estacionário seria feliz. Enquanto Ricardo construía um modelo teórico para rastrear os retornos decrescentes, mercados fechados e lucros decrescentes, Mill retratava um modelo praticamente teológico do céu na Terra. Numa época distante a disputa desordenada pelo dinheiro cessaria, e a raça humana exaltaria a si mesma em vez de à riqueza. Keynes apresentaria uma visão semelhante durante a Grande Depressão.

Lembremos que o utilitarismo iluminado de Mill tinha um lugar para os ideais platônicos no seu cálculo. Mill ansiava por um tempo em que os seres humanos se preocupassem mais acerca da dignidade, integridade e justiça do que com horas extras e saques a descoberto:

> Eu não consigo (...) olhar o estado estacionário de capital e riqueza com a aversão natural tão comumente manifestada em relação a ele por economistas políticos da velha escola. Eu estou inclinado a acreditar que ele seria, de um modo geral, um aperfeiçoamento bastante considerável à nossa atual condição. Confesso que não me encanta o ideal de vida mantido por aqueles que pensam que o estado normal dos seres humanos é o de esforçar-se para progredir; que o espezinhar, esmagar, acotovelar-se e pisar uns nos calcanhares dos outros, que é o que forma o tipo atual de vida social, são o mais desejável grupo da espécie humana, ou nada além dos desagradáveis sintomas de uma das fases do progresso industrial.[27]

Assim como Marx, Mill achava que os seres humanos no futuro ultrapassariam o "reino da necessidade" e chegariam a um tempo onde eles pudessem escolher não lutar pela subsistência, mas empenhar-se em intensificar a sua humanidade. Somente os "países pouco desenvolvidos do mundo" realmente necessitam de maior crescimento econômico, pensava Mill. Os países desenvolvidos apenas necessitam uma melhor distribuição ou pelo menos uma índole melhor. Ele vilipendiava os Estados Unidos, onde achava que a pobreza tinha sido eliminada, mas "a vida de um dos sexos é devotada à caça aos dólares, e a do outro a criar caçadores de dólares".[28] Podemos nos perguntar se Mill preferiria o nosso novo mundo, no qual todos são igualmente livres para caçar.

O que devemos inferir do quadro de Mill? É impressionista demais para deduzir ou mesmo induzir a quaisquer conclusões precisas. À medida que surgiam as novas edições dos *Princípios* de

alguma forma soavam mais simpáticas ao socialismo. Ainda assim, Mill nunca pareceu empático. Ele podia compadecer-se dos utópicos, mas nunca assinar as petições ou marchar ao lado deles. Como dizia *lord* Byron, "Eu estava entre eles, mas não era um deles". Mill nunca abandonou a sua fé na competição e o seu medo tocquevilliano do poder centralizado: "Discordo inteiramente da parte mais conspícua e veemente do ensinamento (socialista), seus discursos contra a competição (...). Eles esquecem que onde quer que a competição não esteja, está o monopólio."[29]

Poucos de nós desistem algum dia das nossas aspirações ao paraíso. Os ricos podem procurar por ele em alguma ilha tropical. Os homens e mulheres religiosos podem acreditar numa vida futura. Os otimistas podem acreditar no amanhã. John Stuart Mill lutava pelo dia de hoje e tinha esperanças num dia idílico depois de amanhã.

Mill lutava pelos seus princípios nos seus *Princípios* e no Parlamento durante a década de 1860. Uma voz consistente pelos direitos humanos, Mill defendeu o sufrágio feminino, direitos de voto para os pobres, e o Norte na Guerra Civil Americana. De acordo com *lord* Balfour, "Mill possuía uma autoridade nas universidades inglesas (...) comparável àquela exercida (...) na Idade Média por Aristóteles".[30]

Sua *Autobiografia* retrata um político bem longe do convencional. Quando lhe pediram pela primeira vez que concorresse a um cargo público, ele "estava convencido" de que praticamente ninguém "realmente desejava ser representado por uma pessoa com as minhas opiniões". Ele se recusou abertamente a fazer campanha ou gastar dinheiro. Ele fez uma promessa: se eleito, não devotaria tempo nenhum aos interesses locais. Um famoso escritor declarou na época que "o próprio Todo-Poderoso não teria chance de ser eleito com tal programa". Quase ao final da "campanha", Mill assistiu a uma assembléia pública de trabalhadores. Um oponente mostrou um cartaz que citava Mill rudemente descrevendo a classe trabalhadora inglesa como "mentirosa". Entretanto, ela é melhor do que as classes trabalhadoras estrangeiras, continuava a

citação, porque se sente culpada. Praticamente qualquer outro político teria sido alcatroado e coberto de penas como castigo nesse momento. Mill se recorda, "me perguntaram se eu havia escrito e publicado aquilo. Eu imediatamente respondi 'Sim'". Aqueles que o apoiavam entraram em pânico, temendo pelas suas vidas. "Mal eu tinha acabado de dizer isso, e aplausos veementes ressoaram por todo o recinto da assembléia." Os trabalhadores tinham finalmente encontrado alguém em quem eles podiam confiar.[31]

Mill faleceu em 1873. Apesar de não ter lutado em nenhuma guerra e raramente ter elevado a sua voz ou atirado uma luva, ele levou uma vida de lutas. Ele lutou contra fanáticos, elitistas, racionalistas e socialistas. Ele desafiou a índole gravada em seu cérebro numa tenra idade. Edmund Burke lamentou uma vez que "a época dos cavalheiros terminou. Aquela dos sofistas, economistas e dos calculistas a sucedeu, e a glória da Europa está extinta para sempre".[32] O cavalheirismo ainda inspirava Mill. E os seus duelos e conquistas mais galantes estavam nos moinhos da sua mente.

VI

O ORÁCULO FURIOSO CHAMADO KARL MARX

Quando era criança, Adam Smith foi uma vez raptado por alguns ciganos astutos. Depois de manter o menino cativo por algumas horas, os ciganos o deixaram na beira de uma estrada, e ele foi levado de volta à sua família. Um biógrafo observou que o economista ingênuo e distraído não teria sido um bom cigano. Pode-se ainda dizer que foi bom que Karl Marx nunca tivesse sido raptado por capitalistas. Ele não seria um bom capitalista. Nem era um bom consumidor. Marx estava sempre endividado.

Com palavras poderosas e um estilo incendiário, Marx predisse a crise do capitalismo. Mas não antes de efetuar uma perspicaz investigação nas leis do capitalismo e no código secreto que governa o desenvolvimento da civilização.

O lugar de Marx na história do pensamento econômico é difícil de ser localizado. De muitas maneiras, economistas das principais correntes hoje em dia banem Marx para as conversas sociais burguesas. Ainda assim um bilhão de pessoas tem lutado para sobreviver sob regimes que se proclamaram marxistas. Juntamente com Freud e Darwin, Marx teve um imenso impacto no pensamento do século XX. Mas durante a sua própria vida Marx obteve pouca fama e poucos seguidores. John Stuart Mill, o homem mais erudito da época de Marx, nunca ouviu falar dele.

O homem Marx teve um início burguês na cidade alemã de Trier, na Renânia. Nascido em 1818, ele se misturou com as classes alta e média de Trier. Marx mais tarde demonstrou orgulho pelo fato de seu pai, Heinrich, um distinto advogado, também possuir um vinhedo. A amiga de infância de Marx e futura esposa, Jenny, vivia nas imediações. Seu pai, o barão von Westphalen, tornou-se como um tio para o jovem Marx.

Após a morte de seu irmão mais velho com quatro anos de idade, Marx herdou a primogenitura e começou a aterrorizar suas irmãs mais novas e menos brilhantes. Uma das brincadeiras favoritas consistia em "cavalgar" suas irmãs como se fossem cavalos através das ruas de Trier em alta velocidade. Além dos eventos eqüestres, Marx também forçava as irmãs a entrar em torneios de prova de bolos, nos quais elas comeriam bolos que ele fazia com massa de fazer pão suja e com as mãos sem lavar. Não obstante, as irmãs de Marx o admiravam pela sua inteligência e as histórias divertidas que ele contava. Os colegas de escola de Marx também amavam e temiam o menino, que provocava sorrisos com travessuras e sobressaltos com versos sarcásticos.

Durante toda a sua vida Marx teve uma facilidade e uma propensão à crítica mordaz e a injúrias *ad hominem*. Ele guardava alguns dos seus mais violentos ataques para os judeus. Tanto o pai quanto a mãe de Marx eram descendentes de eminentes linhagens de rabinos; seu tio exerceu o cargo de principal rabino de Trier. No entanto as leis anti-semitas persuadiram a se converter ao cristianismo, mesmo que ele falasse dos judeus como seus "companheiros de crença". Seu filho, entretanto, rejeitou os ancestrais judeus com um prazer quase perverso. Estudiosos podem discutir se ele era realmente anti-semita. Mas sem dúvida nenhuma Karl Marx proferiu insultos venenosos.[1]

Assim como John Stuart Mill, Marx bebeu das poções tanto racionalistas quanto românticas. Seu pai forneceu o racionalismo francês do século XVIII abrandado pelo empirismo inglês, aconselhando o filho a se "submeter" à "fé de Newton, Locke e Leibniz".[2]

Enquanto isso, o altamente culto barão von Westphalen encantava o jovem Marx ao caminhar por bosques idílicos e contar histórias de Shakespeare, Homero e os românticos. Ironicamente, foi o aristocrático barão quem pela primeira vez apresentou a Marx o socialismo utópico e sem classes. Sem a influência da mente aguda e cheia de discernimento de seu pai, Marx poderia ter acreditado nas noções vagas e melancólicas dos utópicos. Mas onde eles viam beatitude, ele veria luta.

Na Universidade de Bonn, a maior luta que Marx teve que travar foi contra a ânsia pela bebida e por gastar o dinheiro do pai. Ele perdeu a luta, e Heinrich perdeu muito dinheiro. Marx estudou Direito e ganhou alguma experiência em prática legal quando foi preso por bebedeira. Como a universidade tinha o seu próprio reservatório de bebida, a prisão não era severa — os visitantes podiam jogar cartas e continuar a beber com o condenado. A escapada provou ser útil. A primeira vitória política de Marx o tornou presidente da Trier Tavern Society.

Após um ano de festas em Bonn, Heinrich transferiu o filho para a Universidade de Berlim, um lugar mais sóbrio, esperava ele. Heinrich perdeu as esperanças muito rapidamente: "Como se nós fôssemos feitos de ouro, o cavalheiro meu filho gasta quase 700 táleres num único ano, contrariando todos os acordos e todos os costumes, enquanto os mais ricos não gastam mais do que 500."[3] Os credores processaram Marx diversas vezes, forçando-o a se mudar pelo menos umas dez vezes durante os cinco anos em que esteve em Berlim.

Heinrich reclamava não só da prodigalidade: Karl era um desleixado, um santo padroeiro dos estudantes imundos e desgrenhados da faculdade. Sua compleição morena lhe rendeu o apelido de "O Mouro", mais tarde usado de modo afetuoso por seus filhos e amigos. Com pele morena e cabelo longo e emaranhado, ele parecia um arremedo cabeludo de um estudante.

Heinrich também se opunha aos meandros acadêmicos de Karl através da filosofia e do direito. Se Karl pensava, ele certamente o

fazia fora da sala de aula. Durante os seus últimos anos ele assistiu apenas a alguns poucos cursos e tornou-se um "estudante boêmio, que via a universidade meramente como seu local de acampamento".[4] Não obstante, Marx aprendeu filosofia por conta própria e se uniu aos jovens hegelianos, críticos radicais da religião e ecléticos seguidores de G. W. F. Hegel, o filósofo berlinense que morrera apenas alguns anos antes de começar a carreira universitária de Marx. Marx adotaria ingenuamente o método hegeliano e provaria ao mundo que pular classes algumas vezes compensa (ainda que não financeiramente).

Infelizmente, Marx nunca provaria isso ao pai, que morreu em 1838. Marx conservava uma forte afeição pelo pai, sempre carregando consigo uma fotografia. A propósito, Marx nunca demonstrou tal afeição em relação à mãe, vendo-a meramente como uma escassa fonte de fundos. Ele não assistiu ao seu funeral nem derramou uma lágrima quando ela morreu.

Após a morte do pai, Marx achou prudente terminar seus estudos. Repentinamente ansioso por deixar a academia, ele se recusou a submeter a sua tese sobre filosofia grega aos rigorosos procedimentos de Berlim. Em vez disso, enviou-a para a Universidade de Iena, uma célebre fábrica de diplomas. Um curso de seis semanas por correspondência levaria mais tempo. Em poucos dias apenas, Iena tomou do seu selo de borracha bastante usado e concedeu um diploma de doutorado.

O jovem como jornalista

Com o diploma nas mãos, Marx vagueou pelo jornalismo, escrevendo e depois editando o *Rheinische Zeitung*, um jornal liberal de classe média. Ironicamente, ele colocou freios em seus escritores mais radicais, que tendiam em direção ao comunismo. O repressivo governo prussiano censurava zelosamente o criticismo, e Marx freqüentemente lidava com funcionários praticamente imbecis. Um censor proibiu um anúncio para uma tradução da *Divina comédia* de Dante. Por quê? Na Prússia, não se pode debochar de assuntos divinos através da comédia.

Um observador da ocupação de Marx no jornal deixou um impressionante retrato do jovem editor:

> Karl Marx, de Trier, era um homem poderoso de 24 anos cujo espesso cabelo preto saía das suas bochechas, braços, nariz e orelhas. Ele era dominador, impetuoso, passional, cheio de uma ilimitada autoconfiança, mas ao mesmo tempo profundamente sério e culto, um dialético contínuo que com a sua contínua argúcia judaica levava toda proposição da doutrina dos jovens hegelianos à sua conclusão final e já estava, então, através do seu estudo concentrado da ciência econômica, preparando a sua conversão ao comunismo. Sob a liderança do jovem Marx, o jovem jornal logo começou a falar muito imprudentemente.[5]

O governo respondeu ao atrevimento de Marx apresentando uma opção: ou o jornal fecha as suas portas, ou Marx sai por elas. Marx se demitiu.

Ele tinha perdido um emprego, mas nesse meio tempo tinha ganhado uma esposa, Jenny von Westphalen. Seus parentes achavam que a filha do nobre tinha casado com alguém inferior a ela, mas eles não tinham idéia de quão baixo ela ainda desceria.

Em 1843 os Marx mudaram-se para Paris, onde Marx editou uma nova revista política, começou a flertar com o comunismo e uniu-se a outros jovens, radicais arrogantes a quem Heinrich Heine descrevia como uma "turba de ateus, que se autodecretam deuses".[6] O jornal publicou apenas um exemplar, após o qual Marx e seus novos amigos comunistas romperam com o co-editor Arnold Ruge. Ruge também aprendeu a desprezar a turba de ateus: "Eles desejam libertar as pessoas (...) mas no momento atribuem a maior importância à propriedade e ao dinheiro em particular (...). Para libertar o proletariado intelectual e fisicamente do peso da sua miséria, eles sonham com uma organização que generalizaria essa miséria e faria com que todos os homens suportassem o seu peso."[7]

Fazendo também parte da turba, Friedrich Engels tornar-se-ia uma parte crítica da vida e da subsistência de Marx. Filho de um rico proprietário de fábricas, Engels levava uma vida dupla. Durante o dia ele trabalhava nos negócios do pai e ganhava um salário substancial como capitalista. Durante a noite lia Hegel e a literatura comunista. Embora alemão, Engels viveu na Inglaterra durante vários anos, dirigindo os negócios da família no ramo têxtil. Após algum tempo em Manchester, ele escreveu uma pungente exposição da pobreza britânica, *The Conditions of the Working Class in England in 1844*. Não que Engels se oferecesse para dar os seus ganhos capitalistas para os pobres ou renunciasse aos seus hábitos burgueses. Na verdade, ele não parece ter sido psicologicamente arrebatado pela sua vida dupla. Ele se sentia bastante à vontade caçando raposas, bebendo xerez e lutando esgrima. Ele podia erguer uma taça do melhor champanha e brindar elegantemente ao proletariado. Quando não estava caçando raposas, caçava mulheres, declarando: "Se eu tivesse uma renda de 5.000 francos, não faria nada a não ser trabalhar e me divertir com as mulheres, até me fazer em pedaços. Se não existissem as mulheres francesas, não valeria a pena viver."[8] Um belo salto do que dizia Sócrates, "a vida sem inquirição não vale a pena ser vivida".

Na década de 1840 Marx começou a moldar as doutrinas que mudariam o mundo. Nem todo mundo aprovava, é claro. O governo prussiano registrou a sua opinião a respeito dos escritos de Marx, declarando-o culpado de traição. Quando a França o deportou um ano depois, ele fugiu para Bruxelas.

O que eram esses pérfidos escritos que forçaram Marx e sua família a mudar de um país europeu para outro? Na década de 1840 Marx construiu as fundações históricas e filosóficas para um estudo do capitalismo. O que essas teorias provavam? Que as fundações do capitalismo estavam desmoronando rapidamente, e que as massas iriam em breve romper numa revolução e sacudir os proprietários até que eles caíssem dos seus pedestais.

O historiador materialista

A filosofia e a história de Marx utilizavam os termos de Hegel, mas ele não era um papagaio. Marx pode ter usado as mesmas palavras, mas mudou a ordem. Para poder compreender como fez isso, examinaremos primeiro um preceito fundamental do seu mentor.

Hegel ensinou que a filosofia almeja conhecer o desenrolar das idéias. O espírito humano e as idéias conduzem a história. O mundo material, isso que nós vemos e tocamos, e as instituições na sociedade seguem o caminho das idéias. O sociólogo alemão Max Weber também empregaria essa tese na sua famosa obra, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. De maneira bastante simples, Weber alegava que a ascensão do protestantismo levava ao capitalismo; isto é, uma crença a respeito de Deus transformava as instituições econômicas.

Segundo Hegel, podemos traçar o caminho da história através dos nacionalismos dominantes: as eras do Egito, Grécia, Roma, e assim por diante. Sendo um patriota, Hegel achava que a Prússia era a líder da sua era.

Marx rejeitava o idealismo de Hegel. Seguindo o filósofo alemão Ludwig Feuerbach, Marx procurava as forças materialistas na história. Deus, segundo a obra de Feuerbach, *A essência do cristianismo*, é simplesmente uma projeção dos desejos, necessidades e atributos humanos. O homem criou Deus; Deus não criou o homem. A verdadeira substância, o homem, levou à idéia de Deus. (Os escritos de Feuerbach levaram Marx a acusar posteriormente a religião de ser "o ópio do povo".[9] Uma vez que as pessoas pudessem projetar os seus anseios em Deus e numa vida futura, elas aceitariam passivamente as condições materiais e as injustiças no mundo real.)

Até esse ponto Marx parece mais um dissidente da escola hegeliana de pensamento do que um jovem hegeliano. Mas Marx detém a chave do método hegeliano, a *dialética*. Hegel insistia que a história, assim como a realidade, não segue um padrão uniforme

e gradual. Nem consiste numa série de acidentes independentes. A história consiste na luta entre forças que se opõem. Toda idéia contém o seu contrário. Os filósofos freqüentemente resumem a dialética de Hegel na afirmação de que toda tese ou idéia é confrontada pela sua antítese. A luta entre essas idéias produz uma síntese, uma nova tese. A nova tese então se confronta com a sua antítese. O mundo está sempre em transformação. A história nunca se repete — embora historiadores prolixos possam repetir a si mesmos.

Compare o método da dialética com a abordagem newtoniana da economia, que vê as relações imutáveis de causa e efeito. A única coisa imutável na visão de Hegel é a presença da mudança.

Marx funde o método dialético com o materialismo. Engels mais tarde denominou a aliança de *materialismo dialético* ou *materialismo histórico*. Se a cabeça de Hegel estava nas nuvens, Marx queria esfregar os nossos narizes no chão. A história acontece na terra, dizia ele. Esqueça o estudo da religião, da ética ou do nacionalismo. Olhe simplesmente para fora da janela e veja como o homem procura com afinco as necessidades básicas da vida. Não existe história sem os homens. E não existem homens sem alimento. Dessa maneira, "o primeiro ato histórico é (...) a produção dos meios que satisfaçam essas necessidades".[10] Historiadores idealistas poderiam de preferência escrever a história de Oz.

Marx determina o curso da história a partir da escravidão para o feudalismo, do feudalismo para o capitalismo, e do capitalismo para o socialismo. O caminho não está nas estrelas ou nas leis mas na produção — e mais especificamente nas relações das pessoas no processo de produção. Cada sistema de produção cria classes governantes e governadas. Cada época é marcada por uma determinada maneira de extrair a renda para os governantes. Na época dos romanos, quem possuísse um escravo possuía um direito sobre a produção. Na época feudal, os senhores possuíam um direito sobre a produção dos servos. No capitalismo, os proprietários das fábricas e das terras possuíam um direito sobre a produção dos seus

trabalhadores assalariados. A sobrevivência da classe dominante está sustentada no trabalho da classe subalterna. Isso dá aos trabalhadores um grande poder de barganha? Não. Os trabalhadores devem cooperar com a classe dominante, pois são eles que controlam os meios de produção. Os trabalhadores não podem simplesmente "pegar os seus mármores e ir para casa". Eles não possuem os mármores.

Dessa forma, existe uma mútua dependência. Não obstante, os governantes se esforçam para aparentar como se eles não precisassem dos trabalhadores tanto quanto os trabalhadores precisam deles. Se obtêm sucesso, eles ampliam a sua dominação.

De que maneira eles tentam garantir a sua posição? É aqui que entra a preocupação de Hegel com a ética, o nacionalismo e as idéias. A classe dominante desenvolve as crenças, as leis, a cultura, a religião, a moralidade e o patriotismo que apoiarão o processo de produção. Um trabalhador patriota assobia enquanto trabalha e não engana o patrão perdendo tempo demais com intervalos para o café. Hoje em dia, os fabricantes de automóveis e cervejarias adoram vincular a América a "um bom e honesto dia de trabalho". O sonho americano irrompe num *jingle* como "beisebol e cachorros-quentes, tortas de maçã e Chevrolet". O Chevrolet na verdade substituiu mamãe. (Será que o sonho edipiano americano incluiria a cobiça pelo carro do papai?)

Nosso sistema ético e legal nos ensina a nos sentirmos culpados se fugirmos do nosso trabalho. Por que os proprietários têm direito aos lucros provenientes do nosso suor? Porque eles têm a propriedade, respondemos nós. Mas por que deveríamos aceitar o sistema legal?, pergunta Marx.

Segundo Marx, os governantes que têm interesse no sistema de propriedade privada hipnotizam as massas. O poder da sugestão e da persuasão leva os americanos a sonhar com ações, títulos e BMWs. Naturalmente, o indivíduo pensa que os sonhos são seus e internaliza as sugestões. Marx chama as idéias, as leis e os *ethos* de *superestrutura*.

A afirmação clássica de Marx aparece no prefácio à sua *Para a crítica da economia política*: "O modo de produção da vida material condiciona a vida social, política e intelectual... Não é a consciência dos homens que determina a sua existência, mas, pelo contrário, é a sua existência social que determina a sua consciência."[11]

O servo se curva e mostra fidelidade ao senhor. O artífice assalariado serve ao mestre artífice com orgulho. O trabalhador assalariado luta por uma promoção trabalhando mais. Todos eles labutam arduamente e procuram uma vida melhor dentro do sistema reinante.

Marx não questiona que a classe dominante conspire intencionalmente para construir a superestrutura. Os proprietários podem acreditar verdadeiramente na sua religião e não vê-la como um instrumento. A superestrutura emerge porque o processo produtivo desvia e molda a percepção das pessoas. Para Marx, "os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem da maneira como querem; não a fazem sob circunstâncias escolhidas por eles, mas sob circunstâncias diretamente encontradas, dadas e transmitidas do passado. A tradição de todas as gerações passadas pesa como um pesadelo no cérebro dos vivos".[12] (A propósito, Engels posteriormente admitiu que Marx e ele algumas vezes enfatizavam demais a causalidade da produção para a superestrutura. As idéias ocasionalmente tinham conseqüências reais.)

Se uma índole e uma cultura surgem automaticamente para apoiar um sistema de classes, por que Marx anuncia na estocada inicial de *O manifesto comunista* que a "história de todas as sociedades até agora existentes é a história da luta de classes"?[13] Por que alguém deveria lutar? E, em primeiro lugar, como alguém sabe lutar? Os proprietários simplesmente extorquem os trabalhadores e os trabalhadores aceitam essa extorsão tão satisfeitos quanto um lunático distribuindo margaridas num aeroporto. Desde que o trabalhador lunático receba benefícios simbólicos, a economia segue seu rumo, e os lucros seguem para as contas bancárias dos proprietários.

A rebelião acontece quando a tecnologia do processo produtivo muda. Uma nova tecnologia ou método altera a quantidade ou qualidade da terra, do trabalho e do capital. Através das descobertas, invenções, educação e crescimento populacional, as forças materiais de produção são *dinâmicas*. Com uma nova mistura de forças materiais, o antigo processo produtivo torna-se obsoleto. Por exemplo, a escravidão pode ter produzido lucros quando a proporção de terra para o trabalhador era alta. Mas se os tratores e ceifeiras trabalham mais eficientemente do que os escravos, ou se a população de trabalhadores aumenta, a escravidão pode ser menos lucrativa. O futuro está no novo processo.

Não esqueçamos, no entanto, que toda uma ética política e um sistema legal se apoiavam no *antigo* método. Sacerdotes rezavam dizendo que a servidão levava ao reino de Deus. Essa era uma verdade eterna gravada na mente e nas pedras da catedral medieval. Dessa forma, a superestrutura parece *estática*.

A luta ocorre quando a antiga classe dominante constrói barricadas em torno de si mesma para se defender do curso dinâmico da história agarrando-se às antigas idéias e bloqueando novos desenvolvimentos econômicos. Marx escreve que o moinho manual gera o senhor feudal, enquanto o moinho a vapor anuncia o capitalista industrial. Mas o senhor feudal luta contra seu sucessor, o industrial. Mais tarde o mestre da corporação briga com o proprietário da fábrica. Esqueçamos as lendas de *sir* Lancelot e Galahad. O verdadeiro torneio com as perfurações mais agudas não aconteceu entre cavalheiros, mas entre os senhores e as forças comerciais.

A classe governante sempre defronta com uma ameaça quando a terra, o trabalho, o capital ou a tecnologia mudam. Eles podem cair da cobertura do castelo de cartas enquanto gritam as "eternas verdades" da sua filosofia. A história torna a embaralhar as cartas, e aquele que tinha o rei pode ser decapitado.

Uma história pode ser de alguma ajuda aqui. Em tempos passados, as sentinelas rapidamente advertiram um devoto senhor feudal

a respeito de um dilúvio. O senhor feudal correu para a sua catedral e rezou a Deus pela salvação. Quando a água atingiu os degraus do prédio sagrado, um servo num pequeno bote remou até os degraus e disse ao senhor que viesse para o bote. "Não, obrigado. Eu acredito em Deus, e acredito na justiça. Deus irá me salvar." Como a água subia, o senhor subiu para o púlpito. Dessa vez um barco a motor veio na direção dele. Como a água fazia chapinhar os bancos da igreja, o motorista gritou: "Eu vou salvá-lo. Pule para cá!" Novamente o nobre senhor replicou: "Não se preocupe. Eu acredito em Deus. Ele me salvará. Não preciso de máquinas barulhentas." Finalmente, a água engolfou a catedral. Enquanto o senhor se agarrava à parte mais alta da ponta mais alta da torre, seu corpo carregado pelas ondas, um helicóptero voou por cima dele. O piloto gritou: "Por favor, meu senhor. Segure esta escada." Novamente o senhor replicou: "Não se preocupe. Eu acredito em Deus. Ele me salvará." Momentos depois, a água subiu mais ainda e o senhor se afogou.

No Céu (ele era, afinal de contas, um bom senhor), ele deparou com Deus. "Deus", disse ele, "acreditei no senhor a minha vida toda. Segui o exemplo de todas as parábolas que o meu padre me contou. Quando os outros duvidavam e se voltavam para as máquinas, acreditei que o senhor iria me salvar. Mas o senhor deixou que eu me afogasse..."

"Idiota!", interrompeu Deus, "quem você acha que mandou o barco a remo, o barco a motor e o helicóptero?"

Aquele que não segue o curso do materialismo histórico, se afoga nele. Marx descreveu o curso:

> Num determinado estágio do seu desenvolvimento, as forças materiais de produção na sociedade entram em conflito com as relações existentes (...) essas relações se transformam nos seus grilhões. Então vem o período de revolução social. Com a mudança dos fundamentos econômicos, toda a imensa superestrutura é mais ou menos rapidamente transformada. Ao considerar tais transformações, as distinções deveriam sempre ser feitas entre a transformação material das condições econômicas de produção que podem ser determinadas com a precisão das ciências naturais, e as formas legais, políticas, religiosas, estéticas ou filosóficas — em resumo, as formas ideológicas nas quais os homens se tornam conscientes desse conflito e resolvem a questão pela luta.[14]

Como o capitalismo se apoiava num sistema de classes, a revolução e a vitória para os trabalhadores eram inevitáveis. A obra-prima de Marx, *O capital*, retratava "tendências trabalhando com a necessidade de ferro em direção a resultados inevitáveis".[15] Somente uma sociedade sem classes poderia evitar a revolução. E na visão de Marx, uma sociedade sem classes um dia chegaria. Capitalistas decadentes seriam finalmente aniquilados. Após séculos de roubo, os trabalhadores finalmente seriam livres.

Se o capitalismo deve com a "necessidade de ferro" desabar no socialismo, o feudalismo não teve que desabar no capitalismo? Não foi o capitalismo uma parada obrigatória no caminho para o comunismo? Se foi, ele não foi uma carnificina gratuita, ou um golpe de muita má sorte para a humanidade, como muitos socialistas utópicos o viam. Marx foi rechaçado pelos românticos anticientíficos que descreviam o capitalismo como um acidente funesto arquitetado por homens maus. Na verdade, Marx compôs alguns dos mais eloqüentes hinos de louvor ao capitalista, a partir do momento em que a sua visão era a de que o capitalismo libertava os homens de condições ainda piores. O *Manifesto comunista* de Marx não tinha tempo para negociantes nostálgicos de cabelos encaracolados:

> A burguesia, através do rápido aperfeiçoamento de todos os instrumentos de produção, pelos meios de comunicação imensamente facilitados, leva todas as nações, até mesmo as mais bárbaras, para a civilização. Os preços baixos das suas mercadorias são a artilharia mais pesada com a qual ela derruba todos os muros chineses, com a qual ela força o ódio intensamente obstinado dos bárbaros pelos estrangeiros a capitular (...). A burguesia, durante os seus parcos cem anos

de domínio, criou mais forças produtivas maciças e colossais do que todas as gerações anteriores juntas.[16]

Marx pode ter criticado a burguesia, mas ele guardou os seus ataques mais venenosos para companheiros socialistas que se desviavam da sua visão. Sem formar coalizões, com os mais amigos ele era uma serpente enrolada. Marx teria odiado o Partido Verde e sonhado com os seus membros se engasgando com seus Grape Nuts. O capitalismo, escreveu ele, "resgatou uma parte considerável da população da idiotice da vida rural".[17] Ele teria mandado os defensores "da volta à natureza" de volta aos seus livros de história para aprender como era terrível a vida pré-industrial. Marx respondeu acidamente à *Filosofia da miséria* de Proudhon com *A miséria da filosofia*. Pessoas inteligentes não tentam apagar ou "relembrar" estágios da história e mandá-los de volta à pequena fábrica de Deus para reparos.

O capitalismo é uma precondição necessária para o socialismo. Pelo fato de o capitalismo produzir tanto, ele permite que um sistema menos conduzido, o socialismo, o suceda. Países pré-capitalistas não têm de esperar que revoluções comunistas derrubem senhores feudais ou czares. Marx não olhava para a Rússia. Ele não esperava que o comunismo viesse tão cedo mesmo na Alemanha, já que apenas quatro por cento da força de trabalho masculina estava empregada em fábricas àquela época. Os grilhões seriam abertos primeiramente na Inglaterra e na França, baluartes do capitalismo avançado. A França avisaria quando a Alemanha estivesse madura para o comunismo. "Quando todas as condições internas estiverem cumpridas, o dia da ressurreição alemã será anunciado pelo canto do galo gaulês."[18]

O Capital *e a Crise do Capitalismo*

Marx não esperava arrogantemente apenas que o galo cantasse. Em vez disso, ele escreveu arrogantemente a sua dissecação definitiva do capitalismo, *O capital*. Na década de 1850, Marx enterrou-se em pilhas de textos econômicos no Museu Britânico em Londres. Sua família morria de fome enquanto ele analisava o sofrimento abstrato do proletariado. Os Marx viviam num pequeno apartamento numa das partes mais pobres de Londres. Um espião da polícia investigando Marx forneceu um quadro extraordinariamente vívido da miséria que sua família suportava:

Quando se entra na sala dos Marx, os olhos ficam tão obscurecidos pela fumaça do carvão e as exalações do fumo que nos primeiros momentos anda-se às apalpadelas como se dentro de uma caverna (...). Tudo é sujo, tudo é cheio de poeira, sentar torna-se uma tarefa verdadeiramente perigosa. Aqui está uma cadeira com apenas três pés, acolá as crianças brincam e preparam comida em outra cadeira que parece ainda estar inteira.

Quanto ao próprio Marx, "ele é uma pessoa altamente desordenada e cínica, um pobre estalajadeiro; ele leva uma vida realmente de cigano. Banhos, cuidados pessoais e mudança da roupa íntima são raridades para ele; ele fica bêbado facilmente. Freqüentemente passa o dia inteiro vadiando, mas se tem um trabalho a fazer trabalha dia e noite sem descanso". Jenny, apesar de ter sido criada com um passadio aristocrático, "sente-se bastante à vontade nessa miséria".[19]

Os Marx perderam três filhos com pneumonia, bronquite e tuberculose em cinco infelizes anos em Londres. E o mais terrível, os donos de casas funerárias não prolongariam o crédito. Jenny, levada à depressão, teve uma vez que implorar por duas libras para comprar um caixão para uma das crianças. Embora Marx fosse muitas vezes desagradável com as pessoas de fora, os filhos fizeram aflorar o lado humano da sua personalidade. Ele também ficou arrasado quando eles morreram:

Bacon diz que as pessoas realmente importantes têm tantas relações com a natureza e com o mundo, tantos objetos de interesse, que su-

peram facilmente qualquer perda. Eu não pertenço a essa categoria de pessoas importantes. A morte da minha filha destroçou profundamente o meu coração e a minha mente, e eu sinto a perda tão fortemente como se fosse no primeiro dia.[20]

Marx, naturalmente, culpava a burguesia pela sua triste situação, e prometia fazê-la pagar pelas calamidades que acometiam a sua família e pelas suas próprias indisposições, incluindo carbúnculos.

Marx freqüentemente culpava a si mesmo. E deveria. Marx tinha um senso infantil de economia doméstica. Alguém uma vez descreveu uma criança como um tubo com uma voz muito alta numa ponta e nenhuma responsabilidade na outra. Se alguém fosse contar os presentes da família de Jenny e de Engels, e os pagamentos por artigos no *New York Daily Tribune*, os Marx "ganharam" uma soma de dinheiro adequada a uma família de classe média baixa. Nos seus anos mais pobres, eles usufruíram aproximadamente três vezes a renda de um trabalhador não qualificado. Um poeta radical alemão, também banido da sua terra natal, relatou que uma renda similar à de Marx sempre lhe comprou "o saboroso filé do exílio".[21]

Mas, em vez de alimentar regularmente a sua família, Marx investia em gazetas políticas e em piano, música e lições de dança para as filhas! Embora fosse a esposa de um revolucionário, Jenny continuava a imprimir elegantes artigos de escritório chamando a si mesma de "baronesa von Westphalen".

Para aumentar os seus problemas, Marx engravidou a empregada (ela era um presente dos von Westphalen). Novamente Marx negou a responsabilidade. Ele disse a Jenny que Engels era o pai. A empregada se afastou por um tempo, e então retornou com uma criança morena e cabeluda que foi subseqüentemente doada a pais adotivos.

Não é de surpreender, com tal vida doméstica, que durante 1850 e 1851 Marx passasse mais tempo no Museu Britânico do que em

casa. Ele lia quase tudo disponível sobre economia. Passou meses enchendo cadernos de anotações com longas passagens de cerca de oitenta escritores. Engels tentava apressá-lo, mas Marx mantinha uma velocidade dolorosamente lenta e pedante. Marx também tinha dificuldade em encontrar um editor que estivesse disposto a conciliar o formato proposto por ele para *O capital*. Engels aconselhava o teimoso comunista: "Mostre um pouco de tino comercial dessa vez."[22]

Quando Marx terminou de pesquisar, escrever e editar, e se recobrou de várias doenças, o calendário marcava 1867. O volume I finalmente saiu. Três volumes adicionais apareceriam postumamente.

Para descrever *O capital*, uma pessoa poderia igualmente escolher uma página do *Roget's Thesaurus* e ler adjetivos ao acaso. Ele inclui 2.500 páginas com citações de mais de 1.500 obras. Algumas páginas são literalmente obras-primas. Algumas cintilam com uma lógica lúcida. E algumas são tão técnicas, insignificantes e maçantes que relembram o violento golpe de Truman Capote no escritor Jack Kerouac: "Isso não é escrever. É somente datilografia."

Vamos abordar *O capital* em três etapas. Em primeiro lugar, descobriremos a chave do capitalismo, a idéia de Marx a respeito da exploração da força de trabalho. Em segundo lugar, veremos as leis do funcionamento do capitalismo, que conduzem inevitavelmente para a sua queda. Em terceiro lugar, examinaremos os custos psicológicos do capitalismo.

Marx não pega o caminho mais fácil. Ele não chama apenas a atenção para as atividades opressoras e declara que a era dos empresários e da competição perfeita e smithiana acabou. Não devemos esquecer que ele é um hegeliano; ele quer mostrar que mesmo a forma ideal de capitalismo deve fracassar por si mesma. Ele começa com instrumentos clássicos.

Assim como Smith e especialmente Ricardo, Marx "prova" que o valor de um produto é determinado pela quantidade de trabalho necessária para produzi-lo. As máquinas são simplesmente traba-

lho terminado e armazenado na forma metálica. Um aparelho estéreo que leva dez horas para ser feito vale duas vezes mais do que um que leva cinco horas.

Se isso é verdade, não pode haver lucro a não ser que o trabalho seja explorado. O seguinte silogismo simples seria correto:

1. O valor de um produto (preço) é determinado pela quantidade de trabalho.
2. Os trabalhadores recebem o valor total daquilo que eles contribuem para o produto.
3. Assim, o valor de um produto é igual à quantidade que os trabalhadores recebem.

Mas o preço de venda de um produto não é simplesmente repartido entre os trabalhadores. O proprietário se apodera de uma parte, os seus lucros. Esqueça a mão invisível. A mão intrusa e visível do capitalista agarra um pedaço da ação. De onde vem o lucro? A segunda premissa deve estar errada. Os trabalhadores não devem receber o valor total da sua contribuição. Eles devem ser explorados. (Críticos de Marx, naturalmente, argumentam que a primeira premissa é imperfeita.)

Como os capitalistas enganam os trabalhadores? Em vez de pagar a eles a quantidade pela qual aumentam o valor do negócio do capitalista, o capitalista paga a eles apenas a *subsistência*, o que é necessário para mantê-los vivos e trabalhando. O capitalista compra a força de trabalho como se fosse qualquer outra mercadoria. E então ele a coloca para trabalhar um número X de horas por dia.

Usemos os termos de Marx. Marx mostra os capitalistas fornecendo máquinas e equipamento, chamado de *capital constante*. Eles também pagam pelo trabalho, chamado de *capital variável*. Quando ocorre a produção, o capitalista deve se assegurar de que o valor do produto final ultrapasse a soma do *capital constante* mais o *capital variável*. O valor extra (lucro) é obtido pagando aos trabalhadores menos do que o valor que eles produzem. Em outras palavras, o valor que os trabalhadores acrescentam ao produto ex-

cede o *capital variável* que lhes é pago. Marx chama esse espólio roubado do trabalhador de *mais-valia*.

Por exemplo, Jasmine trabalha como costureira na casa de espetáculo Radio City Music Hall. Os espectadores em geral não gostam de figurinos rasgados. Então o seu serviço de costura eleva o valor de uma apresentação em US$10.00. Mas ela recebe apenas US$6.00. Os patrões extraem de Jasmine um excedente de US$4.00 por cada apresentação diária. A taxa de mais-valia em relação ao salário (4/6) é a *taxa de exploração*.

Por que Jasmine não cobra US$10.00 e obtém o seu valor total? O capitalismo leva ao desemprego e a um *exército de reserva* pronto a tomar o lugar de Jasmine se ela pedir mais dinheiro. Ela não é proprietária da máquina de costura, dos figurinos, ou do teatro. Os patrões sim. Ao controlar os meios de produção, eles controlam o mercado de trabalho.

Como os patrões determinam para Jasmine um salário de US$6.00? Os patrões precisam apenas pagar aos trabalhadores o suficiente para que eles sobrevivam. Jasmine recebe US$6.00 porque US$6.00 irão mantê-la viva. Ela recebe um *salário de subsistência*. Se ela recebesse US$1.00 por hora, seis horas de trabalho garantiriam uma subsistência. Mas os patrões não a deixam parar às seis. Eles a forçam a trabalhar mais tempo por dia, consertando mais figurinos rasgados. Eles distribuem o seu salário de US$6.00 por dez horas, por exemplo. O resultado: ela trabalha seis horas para si mesma e um extra de quatro horas para os patrões. O excedente de quatro horas vai direto para os bolsos dos patrões. Eles não precisam levantar um dedal.

Por que os trabalhadores recebem apenas um salário de subsistência? Nós dissemos anteriormente que o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho que ela contém. O fornecimento de trabalho também é uma mercadoria. Assim, o preço do trabalho é a quantidade de dinheiro necessária para produzir e manter um ser humano: o nível de subsistência.

Em geral, os patrões não pagam aos trabalhadores o suficiente

para que eles possam comprar o que eles produzem. Os trabalhadores lutam por apenas uma parte. No nosso exemplo, Jasmine não tem condições de comprar um ingresso para a apresentação, embora ela acrescente US$10.00 de valor a ela. Talvez os patrões a deixassem comprar um ingresso por US$5.00 se ela prometesse observar os artistas da cintura para cima.

Se o lucro vem da exploração do trabalho, nós podemos definir a taxa de lucro como a taxa da mais-valia à soma do capital variável mais o capital constante ($m/[v + c]$). O capitalista pode elevar os lucros se ele extrair um dia de trabalho mais longo dos seus funcionários. Ou ele pode aumentar os lucros explorando o trabalho de mulheres e crianças além do trabalho dos homens. Durante a época em que Marx escreveu, o número de horas de trabalho aumentou e mais mulheres e crianças se uniram à força de trabalho industrial.

Agora nós vemos como os lucros se baseiam na exploração. Mas por que isso não pode continuar? Quais são as leis do capitalismo que finalmente libertam os trabalhadores do seu desespero e deixam os capitalistas de joelhos? Marx não anunciava simplesmente que uma revolução social irromperia. Ele descreveu minuciosamente as incoerências *econômicas* do capitalismo. Nós examinaremos cinco "leis" ou "tendências" que apontam para uma implosão econômica. Longe de aplaudir o capitalismo, a mão invisível finalmente o esmaga.

1. Taxas de Lucro Decrescentes e Acumulação de Capital. Assim como Adam Smith, Marx vê o capitalista confrontando com a competição. Se uma empresa expande a sua escala de produção, ela pode produzir com mais eficiência. A empresa inovadora força as suas concorrentes a expandir. Elas contratam mais trabalhadores. Mas isso faz subir o salário além da subsistência. O que fazem os patrões? Eles substituem equipamento por trabalho. Se não o fizerem, os lucros caem, pois o pagamento mais alto detém a sua exploração. A competição os força a substituir.

Mas aqui os patrões burlam a si mesmos e caem num dilema.

Os excedentes somente podem ser extraídos de seres humanos. Vendedores de máquinas capitalistas podem cobrar o valor total e justo pelos produtos. (Se um aparelho de revelação de filmes em alta velocidade aumenta a renda de uma empresa porque ela pode revelar mais fotografias por hora, o fabricante do equipamento provavelmente cobrará da empresa fotográfica apropriadamente.) Veja novamente a fórmula de Marx para a taxa de lucro, $m/[v + c]$. Ao acrescentar máquinas (c), os capitalistas fazem com que os seus lucros sejam reduzidos. Na outra ponta do dilema, se eles resistem a acrescentar máquinas, ninguém comprará os seus produtos não competitivos:

> O desenvolvimento da produção capitalista faz com que seja constantemente necessário o aumento da quantidade de capital desembolsada num dado empreendimento industrial, e a competição faz com que as leis inerentes à produção capitalista sejam sentidas por cada capitalista individualmente, como leis externas coercitivas. Isso o compele a continuar aumentando constantemente o seu capital, para poder preservá-lo (...).
>
> Acumular, acumular! Isso é Moisés e os profetas! (...) Conseqüentemente, poupar, poupar, isto é, reconverter a maior parte possível da mais-valia, ou excedente de produção em capital![23]

O mesmo resultado ocorre se um capitalista aperfeiçoa uma máquina. O proprietário que constrói uma máquina de costura melhor pode cobrar um preço mais baixo pelo ingresso. Como os patrões devem acompanhar o passo uns dos outros, os concorrentes *precisam* poupar os excedentes extorquidos do trabalho e investir em novas máquinas de costura.

A "ganância ilimitada" dos capitalistas força a sua destruição. Para retardar a perda de lucros, os patrões podem tentar explorar ainda mais o trabalho. Como? Eles aumentarão a velocidade do trabalho. E esticarão ainda mais a jornada de trabalho. Naturalmente, essas táticas apenas levam a paciência do trabalhador perigosamente para além de um limite.

2. Maior Concentração do Poder Econômico.
Com os capitalistas levados a expandir e desenvolver, uma luta irrompe. As maiores empresas, que produzem mais barato, triunfam. A batalha sangrenta "sempre termina com a ruína de muitos pequenos capitalistas, cujos capitais passam parcialmente para as mãos dos seus conquistadores, e parcialmente desaparecem".[24] Os sobreviventes logo eclipsam os vencidos.

3. Crises e Depressões que se Agravam.
"Balbucios infantis (...) parlapatice (...) embuste." Marx usou essas palavras para descrever o argumento de Say para a estabilidade do capitalismo. Quando os capitalistas substituem o trabalho, cresce o desemprego. Quem compra as mercadorias quando os patrões aumentam a produção? Ninguém. As mercadorias encalham. As falências saltam. O pânico engole. Os financistas reduzem o valor dos seus títulos. Os investimentos afundam. Os investidores se escondem atrás dos balcões.

O ciclo, naturalmente, torna a acontecer, depois que os preços caem. Os sobreviventes novamente recolhem os pedaços dos negócios arruinados e contratam trabalhadores desesperados. Os excedentes e os lucros reaparecem. Mas apenas para cair mais rápido e mais completamente da próxima vez.

4. Exército Industrial de Reserva.
Por meio da substituição e da depressão, os capitalistas jogam mais e mais pessoas de dentro das fábricas para as ruas. O "exército" não é mais militante do que o Exército da Salvação — a princípio. Contanto que o exército permaneça pacífico, continua a ser uma boa fonte de mão-de-obra barata. Uma abundância de trabalhadores ajuda os capitalistas a permanecerem no controle — a princípio.

5. Miséria Crescente do Proletariado.
Juntamente "com o número constantemente reduzido dos magnatas do capital, que usurpam e monopolizam todas as vantagens (...) cresce a quantidade de miséria, opressão, escravidão, degradação e exploração".[25] Jornadas de trabalho mais longas e menos férias trazem mais miséria para os oprimidos trabalhadores. Os primeiros escritos de Marx argumentavam que o seu padrão de vida absoluto cai. Mas no *Capital*, escrito em face da evidência incontestável de que os trabalhadores estavam se saindo melhor do que anteriormente, ele recua, afirmando apenas que os trabalhadores têm uma parte menor da riqueza do que antes.

Finalmente, após o desemprego, os lucros despedaçados, o desespero humano e a miséria, o proletariado verá a sua situação. A máscara da superestrutura é rasgada. O horrível monstro chamado capitalismo é revelado. O grupo oprimido se rebela: "Soa o sino da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados."[26]

O proletariado ganha mais do que fábricas. Ele ganha novamente a sua humanidade. Os capitalistas roubaram mais do que os bolsos do proletariado. Eles também roubaram corações e mentes. Para Marx, o trabalho desempenha um papel especial na vida humana. Os seres humanos são impelidos a *criar* e aprimorar as suas vidas através da natureza e dos relacionamentos com outras pessoas. A personalidade humana não pode se desenvolver sem o trabalho criativo. No capitalismo, o trabalho torna-se apenas outra mercadoria. As pessoas são forçadas a aceitar a rotina, trabalhos maçantes. Elas se tornam ferramentas animadas. Elas sentem-se alienadas de si mesmas, do mundo e uns dos outros. A alienação torna-se um tema proeminente nas críticas marxistas e existencialistas da sociedade moderna.

No *Manifesto comunista*, Marx e Engels advertiam o proletariado para que capturasse a economia e liberasse a si mesmo:

> Os comunistas acham desprezível esconder as suas idéias e objetivos. Eles declaram abertamente que os seus fins podem ser obtidos apenas pela subversão enérgica de todas as atuais condições sociais. Dei-

xem que as classes dominantes tremam ante uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder a não ser os seus grilhões. Eles têm um mundo a ganhar.

Trabalhadores de todos os países, uni-vos![27]

Com a publicação de *O capital*, aproximadamente vinte anos depois, o proletariado pôde sustentar *slogans* vigorosos com uma análise incisiva.

Mas o que acontece depois da revolução? Todo mundo simplesmente se beija e regala-se na recém-descoberta humanidade? Todos sentam num círculo diante de uma fogueira, dão-se as mãos e cantam "Cum-Ba-Ya"? Alguns marxistas contemporâneos poderiam levar alguém a achar que sim.

Certamente, Marx desprezava um socialismo utópico e zombava da simplicidade rústica. Ele não era sentimental. Ele desdenhava dos anseios melancólicos por uma "justa" distribuição de renda ou uma maciça redistribuição da riqueza. Os trabalhadores, mesmo no socialismo, não receberiam o "valor total" do seu trabalho. O excedente iria, entretanto, para o "povo", para serviços coletivos.

O que significaria realmente o comunismo? Nós não sabemos. Marx deliberadamente evitava deixar "receitas" para as "casas de pasto do futuro".[28] Sem uma receita, o marxismo como sistema de governo tornou-se o equivalente político da salsicha: uma maneira barata de espremer as metas de uma comissão num formato que possa ser alimentado para outras.

Marx sugeria que finalmente o Estado "definharia". Nesse meio tempo uma ditadura do proletariado governaria. O *Manifesto comunista* inclui um plano de dez pontos, que talharia "despóticas transgressões aos direitos de propriedade":

1. Abolição da propriedade da terra e aplicação de todas as rendas da terra a objetivos públicos.
2. Um pesado imposto de renda progressivo ou graduado.
3. Abolição de todo o direito de herança.

4. Confisco da propriedade de todos os emigrantes e rebeldes.
5. Centralização do crédito nas mãos do Estado por meio de um banco nacional com capital estatal e um monopólio exclusivo.
6. Centralização dos meios de comunicação e transporte nas mãos do Estado.
7. Expansão das fábricas e instrumentos de produção possuídos pelo Estado; aproveitamento das terras improdutivas para cultivo e o aperfeiçoamento do solo geralmente de acordo com um plano comum.
8. Igualdade na obrigação do trabalho para todos. Estabelecimento de exércitos industriais, especialmente para a agricultura.
9. Combinação da agricultura com as indústrias de manufatura; abolição gradual da distinção entre cidade e campo, através de uma distribuição mais igualitária da população pelo campo.
10. Educação gratuita para todas as crianças em escolas públicas. Abolição do trabalho de crianças nas fábricas na forma em que ele existe atualmente. Combinação da educação com a produção industrial etc.[29]

Os futuros marxistas teriam de descobrir como implementar o plano. Não estando inteiramente otimista em relação aos movimentos socialistas dissidentes na Europa, Marx declarou uma vez que ele não era mais um marxista.

Na Bíblia, Deus impede Moisés de entrar na Terra Prometida. Mas os marxistas, ao contrário dos israelitas, não tinham nenhum Josué para levá-los adiante quando Marx morreu, em 1883.

Avaliando Marx

Como é que nós podemos de modo abrangente criticar a engenhosa análise de Marx? É uma tarefa que intimida. Durante o século passado, intelectuais encheram milhões de páginas com louvores, insultos e tagarelice. Aqui está uma modesta agenda para avaliar Marx: (1) Como a história materialista de Marx deforma a idéia de trabalho excedente. (2) O que dizer das profecias de

miséria, desemprego e da queda do capitalismo? (3) O que ele deu à moderna ciência econômica? (4) O que ele deu à moderna ciência política?

1. Como a história materialista de Marx deforma a idéia de trabalho excedente.

Em *Os miseráveis* de Victor Hugo, Jean Valjean confronta continuamente com o mesmo castigo: o inspetor Javert. E a vida continua arrastando Javert inexoravelmente de volta a Valjean. A dialética literária cria a luta dramática para cada um deles. Sem o outro personagem, a vida é simples demais para qualquer um deles.

O problema com a história em Marx é que o mestre dialético ignora a mais dramática dialética: entre as causas idealistas e as causas materialistas. Durante a maior parte do tempo, Marx retrata os fatores materiais como causais. Eles estabelecem e mudam periodicamente as idéias ou a superestrutura de uma sociedade. Mas ao admitir essa relação Marx muito freqüentemente desconsidera as forças idealistas. E essa falha contamina a sua ciência econômica.

A noção de trabalho excedente sustenta toda a teoria marxista do capitalismo. Lembremos do silogismo simples. Por que o trabalho deve ser explorado? Porque Marx adota a "teoria do valor trabalho" de acordo com a qual os capitalistas recebem os lucros. Segundo Marx, "nem um único átomo do valor" vem do capitalista.[30] Marx contempla facilmente a costureira Jasmine ou o ferreiro malhando na bigorna. Eles criam valor.

O que Marx deixa passar? Ele ignora a imaginação e o empreendimento. Criar riqueza requer mais do que insumos tangíveis. O desenvolvimento do VCR não exigiu novos tipos de matéria-prima ou maneiras mais drásticas de explorar o trabalho. A indústria de vídeo requeria duas coisas: invenção e empreendimento, a disposição de arriscar em investimentos. Por que os russos imploram por calças *jeans* fabricadas nos Estados Unidos? Não é porque a União Soviética não tenha o algodão ou os trabalhadores para produzir roupas de alta qualidade. Mas porque lhes falta imaginação, motivação e disciplina. Esses fatores intangíveis separam as empresas e os países bem-sucedidos dos outros.

O materialismo de Marx infelizmente o leva a menosprezar todo tipo de capital, incluindo o capital *humano*, o conhecimento, a aptidão ou a habilidade administrativa tão crucial para a obtenção de lucros. Como a teoria do valor trabalho pode explicar os lampejos de brilhantismo ou a perspicácia, como no exemplo que se segue?

Alguns anos atrás, enquanto um homem caminhava através dos bosques, um carrapicho se prendeu na sua meia de lã. A conta bancária desse homem atualmente transborda de dinheiro. Ele inventou o Velcro. Todos esses lucros foram roubados dos trabalhadores?

No próximo capítulo nós veremos que Alfred Marshall ataca Marx por ignorar o valor para a sociedade de correr riscos e "esperar". Ao investir, o capitalista desiste da recompensa imediata de comprar bens. O seu retorno do investimento o recompensa pela espera, por adiar o seu prazer. Se todo mundo consumir tudo agora, a sociedade não produzirá nada novo. Sendo assim, os lucros têm um papel crucial e perfeitamente legítimo. (A propósito, a "revolução" marginalista que Marshall ajudou a conduzir demonstra que o valor é originado pela *demanda*, bem como da produção e da oferta. Na época em que o volume II do *Capital* surgiu postumamente, os marginalistas tinham espezinhado a concentração de Marx e dos clássicos sobre o setor real.)

Ao admitir a teoria do valor do trabalho, Marx repele muitos fatores dinâmicos e idealistas. Ricardo evitou esse problema, porque ele viu a teoria do valor trabalho apenas como instrumento de abordagem, não como uma causa definitiva do valor. Quando Marx tentou provar a teoria matematicamente, ele topou com tantos carrapichos que é de surpreender que não tivesse descoberto o Velcro no século XIX.

2. O que dizer das profecias de miséria, desemprego e da queda do capitalismo?

Marx não tinha a intenção de fazer profecias. Ele visava a previsão científica, projetando o curso da história com base em tendências identificáveis. Mas como a história desviou-se das suas predições os seus seguidores póstumos criaram uma pseudo-religião a partir das suas obras. Assim as suas "leis" adaptaram-se à história. Tendo moldado as leis, seus discípulos podiam proclamar a correção das suas profecias. Embora tenha começado como uma ciência ateísta, o marxismo no século XX veio a se parecer com uma janela de vidro manchada que admitia seletivamente o sol e raramente admitia o erro. Uma vez que as leis tornaram-se escritura religiosa, o esforço de testar o marxismo cientificamente estava perdido.

Marx viveu tempo suficiente para ver alguns de seus partidários perfilhar e exaltar as suas leis, erigir púlpitos e realizar sacramentos. O anarquista Proudhon advertiu Marx contra utilizar um catecismo:

> Pelo amor de Deus, depois que nós abolimos todos os dogmatismos *a priori*, não vamos por nossa vez e entre todas as coisas instilar outro tipo de dogma no povo(...). Tenhamos polêmicas decentes e sinceras (...). Mas simplesmente porque nós estamos à testa do movimento, não vamos nos tornar os líderes de uma nova intolerância, não vamos posar como o apóstolo de uma nova religião — mesmo que essa religião seja a religião da lógica, a religião da razão.[31]

Mesmo que não possamos refutar as predições de Marx, podemos observar alguns desenvolvimentos nas economias capitalistas desde a sua época. Em primeiro lugar, o padrão de vida dos trabalhadores aumentou drasticamente neste século. De acordo com a definição atual de pobreza, a burguesia emergente da época de Marx foi empobrecida e "miserabilizada", para usar o termo de Marx. E, usando as definições convencionais da época de Marx, os trabalhadores de hoje em dia são ostensivamente ricos. Ninguém nega uma elevação no padrão de vida "absoluto" dos trabalhadores.

No entanto o *Manifesto comunista* advertiu os trabalhadores de que "o moderno trabalhador (...) em vez de subir com o progresso da indústria, afunda mais e mais sob as condições de existência da sua própria classe. Ele se torna um indigente". Mas Marx logo percebeu que as carteiras dos trabalhadores ficavam mais gordas. Ele até admitiu que nos dez anos seguintes ao *Manifesto comunista*, os salários da agricultura subiram 40 por cento.[32]

Por essa razão Marx mudou definições e advertiu que os trabalhadores se tornariam mais pobres *em relação* aos capitalistas. A situação apocalíptica do trabalhador se enfraquece: os ricos tornam-se mais ricos, *e* os pobres tornam-se ricos. Mas os ricos tornam-se mais ricos mais rapidamente.[33]

Marx comprimiu a nova definição no *Capital* declarando "subsistência" um termo relativo, dependendo dos estilos de vida contemporâneos. Presumivelmente no século XX uma simples subsistência requer um aparelho de televisão em cores, a partir do momento que a média dos "escravos de salários" das manufaturas têm condições de comprar um. Ao recuar para o argumento relativista, Marx abandona a paixão e o sentimento de desespero na situação do trabalhador. Uma vez que os pobres continuam a enriquecer, o cenário passa até mesmo pelo teste do filósofo John Rawl de justiça social (que permite aos ricos ganhar somente se os pobres também se beneficiem).[34]

Os marxistas modernos entretanto enfatizam a miséria psicológica e a alienação. Eles podem estar certos; os trabalhadores podem estar muitas vezes entediados e desgostosos. Mas Marx não nos diz, por exemplo, como o socialismo fará com que a coleta de lixo seja excitante. Se trabalhadores felizes trabalham melhor, então pelo menos no capitalismo os proprietários têm fortes incentivos para satisfazer os seus funcionários.

Além do mais, como poderíamos definir felicidade em trabalhadores? Se os salários são relativos, por que a felicidade não é? Nós deveríamos perguntar sobre a questão absoluta: os trabalhadores de hoje são mais felizes do que eram cem anos atrás? Ou deveríamos perguntar sobre a questão relativa: eles estão ficando

mais felizes numa velocidade tão rápida quanto os capitalistas? Consideremos: os ricos estão ficando mais felizes, e os pobres estão ficando mais felizes. Mas os ricos estão ficando mais felizes mais rapidamente. Quando começarmos a analisar a felicidade para que possamos testar o marxismo "científico", será um triste dia tanto para os marxistas quanto para os não-marxistas.

Marx também profetizou a crise do capitalismo, um sistema que fornece os seus próprios "coveiros". Mas o capitalismo ainda não parece morto. A taxa de desemprego está ligeiramente mais alta do que estava no começo do século XX, mas se considerarmos a porcentagem da população ativa, e especialmente o acréscimo das mulheres à força de trabalho, o nível de emprego está mais alto.

Além disso, o capitalismo produziu muitas vezes uma classe média que indiretamente possui alguns dos meios de produção através do mercado de ações. No final da década de 1980, milhões de britânicos de classe média baixa compraram ações de empresas "privatizadas", tais como British Telecom, British Steel e British Airways. A maioria dos fundos de pensão dos sindicatos nos Estados Unidos investe pesadamente em ações de empresas.

Alguns dos defensores de Marx apontam para o crescimento do governo nos países capitalistas como sendo o salvador inesperado do capitalismo. As despesas de assistência social protegem os capitalistas de depressões e revoluções mais profundas. Os defensores de Marx provavelmente estão certos. Mas lembremos que Marx predisse que o sistema político e a superestrutura permaneceriam *estáticos*, resistentes a mudanças. A inflexibilidade o destruiria. Se, em retrospecto, a superestrutura se curvasse para salvar o capitalismo, então Marx estava errado em dois cálculos.

Finalmente, os marxistas explicam o inesperado sucesso do capitalismo apontando para os países estrangeiros. Os capitalistas começaram a explorar trabalhadores estrangeiros em países menos desenvolvidos, dizem eles, e esses trabalhadores explorados fora do país sustentavam as economias internas. Novamente, mesmo

que o argumento tenha mérito, ele nos leva muito para longe da análise de Marx da ruína interna e dialética do capitalismo.

Em suma, Marx imaginou um sistema científico no *Capital*. Ele predisse com confiança o caminho do capitalismo. Com interpretações escorregadias e generosas, ele pode ter estado certo ocasionalmente. Mas uma coisa é certa: Marx desprezava tanto os sentimentalistas religiosos, que ele teria rejeitado furiosamente o esforço para vencer a discussão por caridade intelectual.

3. O que Marx deu à moderna ciência econômica?

Ao debochar da relevância da teoria de um colega, a economista Joan Robinson costumava dizer: "Imagine um cachorro correndo pela campina atrás de uma raposa. O cachorro segue a trajetória da raposa. A teoria do meu colega é a pulga no traseiro do cachorro."

Para a maioria dos economistas das principais correntes nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, as teorias econômicas de Marx são pulgas. Dentro da principal corrente, a rebeldia de Marx está tão fortemente à esquerda quanto está à direita. Paul Samuelson descreve a teoria do valor do trabalho como uma chicana ou de definição ou metafísica.

Durante a Grande Depressão, George Bernard Shaw tentou persuadir John Maynard Keynes das virtudes de Marx. Keynes resistia:

> Meus sentimentos em relação a *Das Kapital* são iguais aos meus sentimentos em relação ao Corão. Eu sei que ele é historicamente importante e sei que muitas pessoas, nem todas idiotas, o acham uma espécie de Jesus Cristo inspirador. Ainda assim, quando o examino, é para mim inexplicável que possa ter esse efeito. A sua controvérsia enfadonha, antiquada e acadêmica parece demasiada e extraordinariamente inadequada para o seu propósito. Mas então, como eu já disse, sinto a mesma coisa em relação ao Corão. Como poderia tanto um desses livros quanto o outro levar ferro e fogo por meio mundo? Isso me deixa perplexo. Claramente existe algo errado com o meu entendimento. Você acredita em *Das Kapital* e no Corão? Ou somente em *DK*?

> Mas qualquer que seja o valor sociológico do último, estou certo de que o seu valor econômico contemporâneo (à parte os lampejos ocasionais mas não construtivos e descontínuos de perspicácia) é nenhum. Você promete lê-lo novamente se eu assim o fizer?

Shaw leu. Keynes leu. Keynes viu a luz ou a Meca? Não, ele não viu:

"Eu prefiro Engels entre os dois. Posso ver que eles inventaram um certo método de ir em frente e uma maneira desprezível de escrever, ambos os quais os seus sucessores mantiveram com fidelidade. Mas se você me disser que eles descobriram uma pista para a charada econômica, eu ainda continuo perplexo."[35]

Desde que o gênio Keynes foi vencido, a maioria dos economistas modernos desistiram da luta e pararam de estudar Marx. Segundo Frank Hahn, um ilustre crítico do capitalismo do *laisser-faire*, "a maioria dos marxistas nunca ao menos leu Marx. Naturalmente, não se pode na verdade culpá-los".

Entretanto Marx está oculto por trás dos argumentos de vários milhares de economistas radicais que publicam a *Review of Radical Political Economy* e têm uma voz de peso na Universidade de Massachusetts, Amherst. A raiz etimológica de "radical" é "radic", significando raiz, como em "radish", rabanete. Assim como Marx, os economistas radicais acreditam que a própria raiz da moderna teoria econômica está apodrecida na sua análise do capitalismo. No entanto, os radicais não querem ser responsáveis por cada frase que Marx proferiu ou por cada previsão que ele anunciou.

Alguns poucos radicais ainda adotam a teoria do valor do trabalho de Marx. Todos os radicais, contudo, enfatizam o problema do *controle* no capitalismo. Os patrões se esforçam para "dividir e conquistar" e manter o controle no local de trabalho e na cabine de votação. O marxista polonês Michal Kalecki argumentou na década de 1940 que os governos põem fogo deliberadamente em inflações e recessões para sufocar as demandas de trabalhadores. O radical contemporâneo Stephen Marglin afirma que os negócios muitas

vezes dão bom acolhimento a recessões. Se Marglin estiver certo, uma porção de pessoas opera sob uma "falsa consciência" marxista. Considere a avaliação de Marglin da eleição presidencial de 1980: Ronald Reagan prometia inflação mais baixa *sem* recessão. Tolamente, ele achava que os patrões não gostam de recessões. Mas os patrões votaram em Reagan de qualquer maneira. Por quê? Eles sabiam que ele fracassaria e inadvertidamente incitaria uma recessão. Foi o que aconteceu e, sob a tese de Marglin, eles ficaram felizes em ver o preço de suas ações cair.[36]

Os modernos radicais travam muitas batalhas — contra os modelos dos seus colegas economistas, contra o governo, contra os capitalistas, e algumas vezes contra a memória de seu mentor, Karl Marx. Até aqui as suas vitórias são difíceis de enumerar.

4. O que Marx deu à moderna ciência política?

O grito mais alto em qualquer debate sobre comunismo hoje vem dos marxistas que descompõem a União Soviética e seus satélites. Este não é o comunismo de Marx, gritam eles. Naturalmente, eles estão certos. Para começo de conversa, Marx restringiu o comunismo aos países que tinham sido industrializados (embora nos seus últimos anos tenha considerado cautelosamente uma eventual revolução na Rússia). Stalin tinha uma tarefa difícil para acelerar a entrada da Rússia agrária na era industrial. Em concordância com as propostas do *Manifesto comunista* (1) e (9), Stalin forçou a ida dos fazendeiros para fazendas coletivas e estatais. Durante o inverno de 1932-33, ele levou deliberadamente milhões a morrer de fome para quebrar a sua resistência, principalmente na Ucrânia.[37]

Antes de Stalin, Lenin tinha enfrentado problemas políticos similares na reestruturação da mente russa. Durante o seu reinado, a ditadura do proletariado emergiu como uma ditadura do Partido — uma ditadura que logo perderia a importância.

Enquanto este livro está sendo escrito, Mikhail Gorbachev tenta curar uma economia esclerótica que sofreu durante, dizem os seus defensores, setenta anos de mau tempo. De vez em quando Gor-

bachev parece pronto a desfazer-se de Marx e aceitar alguns mecanismos do livre mercado, incluindo arrendamentos a longo prazo de terras rurais e estabelecimentos industriais visando à obtenção de lucros, ou cooperativas privadas. A que distância ele pode lançar Marx depende do Politburo e dos políticos russos relutantes em abrir mão do poder.

Os chineses idolatravam Marx depois da sua revolução de 1949. Eles logo se tornaram politeístas, colocando Mao Tsé-tung no mesmo altar. Mas no final da década de 1970, sob o governo de Deng Xiaoping, os chineses começaram a se dirigir rapidamente em direção à livre empresa em muitos setores, censurando Marx e repreendendo Mao. Que nome eles deram a esse movimento? Eles transliteraram o termo "livre mercado". Milhões de chineses pensam que "livre mercado" é um termo chinês. Depois de cerca de dez anos de liberalização, entretanto, forças conservadoras se reafirmaram em 1987 (embora eles não tenham demolido o restaurante Kentucky Fried Chicken localizado do outro lado do túmulo de Mao em Pequim). Novamente, o futuro está além das previsões.

A União Soviética e a China são, naturalmente, simplesmente os maiores entre os países comunistas que ainda se proclamam marxistas. Quando a Cortina de Ferro dissolveu as fronteiras da Polônia, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Hungria e Romênia, mais trabalhadores conquistaram a liberdade de se unir — contra as idéias de Marx.

Até esse ponto, nenhum país ajusta ao marxismo a imaginação dos seus admiradores. Até mesmo os *kibbutzim* de Israel parecem estar evoluindo de projetos socialistas para capitalistas. Talvez nenhum país jamais venha a realizar o sonho marxista, que promete mais do que o mundo real, cheio de escassez, egoísmo e maldade, pode proporcionar. É um sonho que lembra uma espécie de céu ou paraíso perdido, mais adequado a anjos do que a proletários. Infelizmente, o anseio torna-se tão forte que boas pessoas têm sido hipnotizadas para apoiar regimes perversos que pregam, mas não praticam, o evangelho marxista. George Bernard Shaw, que apertou a mão de Stalin, assistiu a anos de opressão soviética antes de menear a cabeça.

Para muitas pessoas atualmente, Marx nos lembra que a mudança na economia pode ser cruciante, que o poder pode se transformar em opressão e que o setor subserviente de uma população deveria ser protegido da exploração. Mas essas advertências se aplicam ainda mais crucialmente aos regimes comunistas. Os admiradores de Marx enaltecem o Marx mais jovem, menos científico. Em vez de um convincente teórico da economia ou um líder político carismático, Marx torna-se uma voz onipresente pela justiça social humanista. Ele torna-se como Tom Joad na obra de John Steinbeck, *As vinhas da ira*:

"Eu estarei sempre onde... onde quer que você olhe. Onde quer que se trave uma luta para que as pessoas famintas possam comer, eu estarei lá. Onde quer que haja um policial espancando um camarada, eu estarei lá (...). Eu estarei no caminho onde os camaradas gritam quando estão furiosos (...). E quando as pessoas comem a comida que eles produzem e moram nas casas que eles constroem — pois bem, eu estarei lá. Vê?"[38]

Dados os maus-tratos e as atrocidades cometidas em nome de Marx, este é provavelmente o melhor lugar para ele.